

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

BERNARDO PRATI COLLAZZO

**TRADIÇÕES, SIGNOS E GERAÇÕES: UMA ANÁLISE DA EXPRESSÃO DO
NATIVISMO NA FRONTEIRA OESTE**

**São Borja
2019**

BERNARDO PRATI COLLAZZO

**TRADIÇÕES, SIGNOS E GERAÇÕES: UMA ANÁLISE DA EXPRESSÃO DO
NATIVISMO NA FRONTEIRA OESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Publicidade Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: César Beras

**São Borja
2019**

BERNARDO PRATI COLLAZZO

**TRADIÇÕES, SIGNOS E GERAÇÕES: UMA ANÁLISE DA EXPRESSÃO DO
NATIVISMO NA FRONTEIRA OESTE**

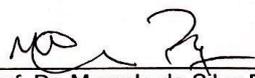
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Publicidade e
Propaganda da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel em
Comunicação Social hab. Publicidade e
Propaganda.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 03 de dezembro de
2019.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Cesar André Luiz Beras
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha
UNIPAMPA



Prof. Dr. Muriel Pinto
UNIPAMPA

AGRADECIMENTOS

Seria impossível desenvolver o presente trabalho que marca a etapa de fechamento de um ciclo, no caso o ciclo acadêmico de graduação, tratando de um tema que me instiga e motiva muito, a julgar a necessidade de maiores discussões a respeito da transformação identitária do povo do Rio Grande do Sul, sem agradecer as inúmeras pessoas que eu muito gratamente levo comigo tanto da vida para a academia, quanto da academia para a vida.

É imprescindível demonstrar a minha eterna gratidão pela minha família, sem vocês nada na minha vida seria possível, esses agradecimentos maiores vão para os dois maiores guerreiros e amigos que a vida poderia ter me dado, na figura da minha mãe Lúcia Helena Prati Collazzo, meu pai Leandro Luiz Couto Collazzo além do meu eterno amor Ana Carolina Prati Collazzo.

Pela parceria de vida, construção diária de amizade, discussões acadêmicas e técnicas, muitas vezes com conotações de discussão de boteco (muito agregadoras para a minha pessoa diga-se de passagem) jamais deixaria de agradecer a minha namorada, colega de profissão e amiga Karen Vargas e meu melhor amigo e irmão que a vida me deu Edemar Filho.

Por toda construção de conhecimento que me ajudou a traçar meus passos acadêmicos, que começou em um salão austero (parafrazeando Ornellas em uma das citações que discutimos no trabalho) em uma palestra na cidade de Itaquí, expresso a minha grande gratidão ao meu orientador e amigo professor Cesar Beras, que topou segurar as rédeas e dar as diretrizes desse trabalho, *Hey Ho!*

Não poderia deixar de agradecer a minha banca avaliadora que de maneira muito grata pude ser contemplado por dois grandes profissionais, nesse sentido agradeço muito pelas contribuições e inspiração professor Marcelo Rocha e meu ex-tutor como PETiano e grande pessoa professor Muriel Pinto.

Gostaria de fazer uma menção de agradecimento pela colaboração com o referencial teórico do trabalho e também com a minha biblioteca pessoal, muito obrigado pelos livros professor Miguel Espirito Santo, sem eles o trabalho não seria possível.

Un muchas gracias aos cantautores entrevistados que se disponibilizaram a construir conhecimento e compartilhar as suas experiências, *gracias* poeta Rafael Ovídio amigão Cabo Deco, meu *hermano* Fernando Saldanha ou Nandico do bolicho e maestro Pirisca Grecco, bem como todos os companheiros de Taipa e Barranca! *Gracias a la vida que me ha dado tanto.*

“Sou além do que sou eu mesmo

O pampa levo comigo”.

César Santos

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de discutir a influência das novas gerações de músicos nativistas no cenário dos festivais de música regional na Fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul a partir da criação ou não de novos signos, baseamos a pesquisa em três elementos, são eles: as novas gerações de músicos nativistas, a produção cultural e os signos tradicionais gaúchos. O trabalho teve além das explorações teóricas do tema, explorações empíricas, através de questionários e entrevistas com integrantes do movimento nativista que participam do Festival da Taipa em Uruguaiana-RS e Festival da Barranca em São Borja-RS sendo assim foi possível traçar panoramas que dizem respeito a influência dos signos tradicionais gaúchos na produção cultural e como eles se expressam na sociedade, além de discutir as possíveis transformações da produção cultural regional e também transformações imagéticas da representação do gaúcho.

Palavras-Chave: Nativismo, cultura gaúcha, tradicionalismo, produção cultural, signos, festivais.

RESUMEN

Este documento tiene como objetivo discutir la influencia de las nuevas generaciones de músicos nativistas en el escenario de festivales regionales de música en la frontera occidental del estado de Rio Grande do Sul, basados en la creación o no de nuevos signos, basados en tres elementos: son: las nuevas generaciones de músicos nativistas, la producción cultural y los signos tradicionales de gauchos. El trabajo tuvo más allá de las exploraciones teóricas del tema, exploraciones empíricas, a través de cuestionarios y entrevistas con miembros del movimiento nativista que participan en el Festival Taipa en Uruguaiana-RS y el Festival Barranca en São Borja-RS, por lo que fue posible dibujar panoramas que digan Respeto la influencia de los signos tradicionales de los gauchos en la producción cultural y cómo se expresan en la sociedad, además de discutir las posibles transformaciones de la producción cultural regional y también las transformaciones imaginarias de la representación del gaucho.

Palabras clave: nativismo, cultura gaucha, tradicionalismo, producción cultural, carteles, festivales.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Síntese consagração dos signos tradicionais gaúchos

TABELA 02 – Síntese defesa contra um inimigo externo

TABELA 03 – Síntese estilização do tradicionalismo

TABELA 04 – Síntese do processo de ruptura com os signos tradicionais gaúchos

TABELA 05 – Síntese criação de novos signos

TABELA 06 – Síntese Hipótese 1

TABELA 07 – Síntese hipótese 2

TABELA 08 – Faixa etária

TABELA 09 – Cidade

TABELA 10 – Tempo de participação no Festival da Taipa

TABELA 11 – Tempo de participação no Festival da Barranca

TABELA 12 – Relação dos participantes com os festivais

TABELA 13 – Perfil de engajamento: Importância em participar de festivais

TABELA 14 – Perfil de engajamento: Tipo de evento cultural que participaria

TABELA 15 – Por que é necessário armazenar e preservar a produção cultural gaúcha

TABELA 16 – A importância do resgate histórico que deu origem ao movimento tradicionalista

TABELA 17 – A ameaça da manutenção da cultura gaúcha por outras vertentes culturais

TABELA 18 – A importância da reprodução técnica dos materiais culturais gaúchos

TABELA 19 – A representação do perfil do povo gaúcho nas composições nativistas

TABELA 20 – Síntese Bloco 2

TABELA 21 – Síntese Bloco 3

TABELA 22 – Síntese Bloco 4

TABELA 23 – A renovação das composições nativistas

TABELA 24 – A descentralização da produção cultural gaúcha

TABELA 25 – A relação das novas gerações nativistas com as bases do tradicionalismo

TABELA 26 – A abordagem de outras temáticas no movimento nativista

TABELA 27 – Síntese Bloco 5

TABELA 28 – Síntese bloco 6

TABELA 29 – Quadro síntese questão 01 das entrevistas

TABELA 30 – Quadro síntese questão 02 das entrevistas

TABELA 31 – Quadro síntese da questão 03 das entrevistas

TABELA 32 – Quadro síntese da questão 04 das entrevistas

TABELA 33 – Quadro síntese questão 05 das entrevistas

TABELA 34 – Síntese da questão 06 das entrevistas

TABELA 35 – Síntese da questão 07 dos questionários

TABELA 36 – Síntese da questão 08 das entrevistas

TABELA 37 – Síntese da questão 09 das entrevistas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	CAPÍTULO 1 – A RESISTÊNCIA A CRIAÇÃO DE NOVOS SIGNOS PELAS GERAÇÕES ANTIGAS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.3
2.1	Consagração dos signos tradicionais gaúchos	Erro! Indicador não definido.3
2.2	Defesa contra um inimigo externo.....	Erro! Indicador não definido.9
2.3	Estilização do tradicionalismo....	24
3	CAPÍTULO 2 – OS FESTIVAIS E A CRIAÇÃO DE SIGNOS.....	30
3.1	Processo de ruptura com os signos tradicionais gaúchos ...	30
3.2	Criação de novos signos ...	36
4	CAPÍTULO 3 – DESBRAVANDO OS SIGNOS CULTURAIS DOS FESTIVAIS DA FRONTEIRA OESTE: PESQUISANDO A REALIDADE.....	44
4.1	Problemas e hipóteses	44
4.1.1	Problema de pesquisa ...	44
4.1.2	Hipóteses ...	45
4.2	Metodologia ...	Erro! Indicador não definido.1
4.2.1	Técnicas de pesquisa ...	51
4.2.2	Procedimentos para coleta de dados	53
4.2.3	Procedimentos de análise	56
4.3	Objeto de Pesquisa ...	Erro! Indicador não definido.8
4.4	Analisando os dados	Erro! Indicador não definido.9
4.4.1	Introdução	59
4.4.2	Bloco perfil da amostra ...	60
4.4.3	Questões referentes a hipótese 1	70
4.4.3.1	Bloco 2 ...	70
4.4.3.2	Bloco 3 ...	73

4.4.3.3	Bloco 4 ...	77
4.4.3.4	Síntese da primeira hipótese	79
4.4.4	Questões referentes a hipótese 2	81
4.4.4.1	Bloco 5 ...	81
4.4.4.2	Bloco 6 ...	88
4.4.4.3	Síntese da segunda hipótese	90
4.5	Dialogando com a realidade dos festivais ...	92
4.5.1	Discutindo a hipótese 1	93
4.5.2	Discutindo a hipótese 2	115
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
	REFERÊNCIAS	143
	ANEXOS.....	145

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vai abordar o universo dos festivais nativistas da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, além de traçar panoramas do seu desenvolvimento o objetivo central dessa pesquisa é entender como as novas gerações de músicos nativistas se relacionam com os signos tradicionais gaúchos, no sentido de entender quais são as interpretações acerca da imagem do gaúcho que já é consagrada e difusa socialmente, para entender como ela se expressa nas estéticas e narrativas propostas pelo movimento, para a partir de então desenvolver a possibilidade de explorar como as intenções e influências das novas gerações de músicos podem agir sobre a cultura local. Possibilitando averiguar de qual maneira as influências sociais do nativismo são expressas no Oeste do Rio Grande do Sul.

A partir dessa problemática construímos o nosso problema de pesquisa, mesclando elementos que dizem respeito ao nativismo musical gaúcho, os mecanismos que possibilitam a relação da vertente cultural com a sociedade e também as significações que são consumidas pelo público e que possuem um poder de influência sobre os mesmos, sendo assim criamos o questionamento: “As novas gerações de músicos influenciam na produção cultural no universo dos festivais nativistas criando novos signos?”

Podemos observar que são três os elementos que constituem o nosso problema, A) as novas gerações de músicos nativistas, que são responsáveis pelo fazer artístico ativo no universo dos festivais, B) a produção cultural do universo nativista, que tem o papel de mecanismo difusor de grande parte dos materiais culturais gaúchos, criando um elo com a sociedade e C) os signos tradicionais gaúchos, que carregam as representações do movimento nativista, buscando dar conta de entender como os agentes que configuram essa vertente cultural entendem a sua influência na sociedade e se existem esforços ou não de renovações e criações de novas significações através do nativismo musical gaúcho.

Levantamos dois argumentos hipotéticos para basear a nossa discussão, no sentido de torna-la mais densa, uma vez que entendemos nossas hipóteses como ferramentas analíticas que possibilitaram a construção de nossas reflexões teóricas assim como de nossa investigação empírica.

A) as novas gerações de músicos nativistas não criam novos signos, essa suspensão é feita pois existe um entendimento a respeito do processo de consagração dos signos tradicionais gaúchos, que teve como objetivo promover um resgate cultural no Rio Grande do Sul a través

da armazenagem e preservação dos elementos culturais, motivados pela defesa contra inimigos externos que estariam ameaçando a hegemonia da cultura gaúcha, logo houve um endurecimento do movimento nativista para transformações mediado por uma difusão em larga escala dos materiais culturais, que expressou uma estilização do tradicionalismo, mas não uma ruptura com as suas bases tradicionais.

B) as novas gerações de músicos nativistas criam novos signos, pois existe um processo de ruptura com os signos tradicionais, que passa pela mudança de perfil dos músicos e produtores culturais gaúchos, com caráter independente no seu fazer artístico, possibilitando a diversificação temática e rítmica nas composições, logo abrindo precedentes para a criação de novos signos, já que os novos mecanismos de difusão de conteúdo (novos aplicativos de streaming de música por exemplo) possibilitam uma veiculação estratégica e super-segmentada, logo as motivações individuais para consumir os materiais culturais podem ser representadas por diversos estilos de composições pelo movimento nativista, possibilitando a criação de novas significações.

A partir de então nossa abordagem metodológica se dividiu em três momentos, A) Técnicas de pesquisa, B) a análise dos dados C) descrição do objeto de pesquisa, sendo assim apresentaremos primeiro como foram estruturadas as nossas técnicas de pesquisa, que se subdividem em a) procedimentos de coleta de dados e b) procedimento de análise.

Nossos dados foram coletados a partir de dois instrumentos, o primeiro diz respeito a um questionário estruturado, as questões foram criadas a partir das hipóteses e referencial teórico, o mesmo contou com quatorze perguntas, as quatro primeiras referentes a dados de perfil dos respondentes e as dez seguintes foram divididas em dois grandes blocos de cinco perguntas, cada bloco referente a uma de nossas duas hipóteses, nosso segundo instrumento foram entrevistas em profundidade, que seguiram um roteiro semi-estruturado que derivou dos nossos questionários, mas que permitia variações durante o transcorrer das entrevistas, que foram aplicadas com compositores e músicos nativistas e deu subsídio para as nossas análises.

Após a coleta dos dados referentes as amostras que representam o universo dos festivais nativistas da Fronteira Oeste, fizemos um movimento de sistematização, a partir da técnica de análise de conteúdo tabulando e colocando os resultados de forma gráfica por meio de tabelas para que fosse facilitada a compreensão das reflexões feitas a partir de nossas hipóteses, criamos nossas ferramentas de análise que se tratam de tabelas comparativas que reúnem os elementos constitutivos dos nossos argumentos hipotéticos, com o objetivo de promover as interpolações

e comparações com os dados coletados, e discutindo as hipóteses no sentido de averiguar se as mesmas foram comprovadas ou não e assim podendo representar as descobertas analíticas do nosso trabalho.

Nosso objeto de pesquisa foram dois festivais que são semelhantes na sua estruturação, o Festival da Taipa e o Festival da Barranca, entendemos que os dois são interessantes pois possuem a configuração de acampamento, que reúne todos os músicos, compositores, poetas, etc. Em um mesmo lugar de convívio, possibilitando a troca de experiências e construção artística, pois o principal objetivo não é a competição, mas sim as relações criadas, revividas e experimentadas nesses acampamentos, sendo assim nos atentamos para o recorte geográfico desses festivais, que abrangem a cidade de Uruguaiana-RS e São Borja-RS, na Fronteira Oeste gaúcha.

A reflexão teórica que propomos se subdividiu em dois capítulos, a luz da literatura existente a respeito da cultura gaúcha bem como a discussão referente a tradições, que não se restringe a tradição gaúcha, mas que nos propomos a criar relações através de conceitos que relacionam a estrutura das tradições e como elas são criadas em paralelo com a história e advento do fenômeno social que é o nativismo musical gaúcho.

Nosso primeiro capítulo discute a resistência a criação de novos signos pelas gerações antigas do nativismo, em nossa primeira sessão desse capítulo denominada “Consagração dos signos tradicionais gaúchos” discutimos o surgimento da cultura gaúcha como movimento social sistematizado, entendendo como as tradições foram criadas e quais convenções foram feitas. Em nossa segunda sessão “Defesa contra um inimigo externo” trabalhamos as mudanças sociais que acometeram o gaúcho, buscando trazer para a discussão qual foi a posição do tradicionalismo frente as transformações societárias presentes no processo histórico do Rio Grande do Sul. Na terceira e última sessão do presente capítulo colocamos em suspensão as possíveis estilizações feitas no tradicionalismo e de qual forma isso foi representado pela cultura.

Para completar a nossa reflexão teórica nosso segundo capítulo discute os festivais e a criação de signos, refletindo sobre a importância dos festivais como agentes transformadores da cultura, colocamos em suspensão as possíveis rupturas com os signos tradicionais em nossa primeira sessão, pela ótica da busca por representações, tanto representações geográficas como as que passam por motivações individuais, discutindo a relação dos artistas com a cultura e abrindo espaço para a nossa segunda sessão do capítulo que é a discussão a respeito da criação

de novos signos, trazendo para o centro da discussão a mudança de perfil do público e as atualizações que são pertinentes dentro do movimento nativista, bem como a possibilidade de reinvenção das tradições e representações de questões indentityárias expressas na pluralidade do modo de viver do gaúcho moderno.

Nesse sentido nosso trabalho de conclusão de curso se estrutura a partir da presente introdução, na sequência dos dois capítulos teóricos acima comentados, seguidos do terceiro capítulo que apresentará a reflexão metodológica e os resultados frutos da pesquisa e por último as considerações finais parte onde retomamos e qualificamos as descobertas teórico-empíricas obtidas em nosso esforço reflexivo.

2. CAPITULO 1 – A RESISTÊNCIA A CRIAÇÃO DE NOVOS SIGNOS PELAS GERAÇÕES ANTIGAS

Introdução

O presente trabalho traz como norte o problema de pesquisa: As novas gerações de músicos influenciam na produção cultural no universo dos festivais nativistas criando novos signos¹? Que é constituído por três elementos, as novas gerações de músicos que configuram a continuidade do universo dos festivais nativistas, a produção cultural que diz respeito aos materiais culturais que são concebidos nesse universo e os signos tradicionais gaúchos que são expressos nesses materiais.

Elencamos duas hipóteses, a primeira que será sustentada por esse capítulo é de que existe uma resistência no que diz respeito a criação de novos signos no movimento nativista, que passa por um processo de consagração dos signos tradicionais, a difusão deles como um mecanismo de defesa contra um inimigo externo e por consequência uma estilização do tradicionalismo nesse sentido nos basearemos na literatura existente, na obra de Ornellas (1966), Luvizotto (2010), Lessa (2008) e Olíven (1992), os mesmos são apresentados por seção do capítulo, que são 1.1 Consagração dos signos tradicionais gaúchos, 1.2 Defesa contra um inimigo externo e 1.3 Estilização do tradicionalismo.

2.1 Consagração dos signos tradicionais gaúchos

A reflexão que faremos gira em torno da hipótese de que existe uma resistência na criação de novos signos pelo movimento nativista, entendemos que isso passa pelo processo histórico de consagração dos signos tradicionais gaúchos, nesse sentido nos apoiaremos em argumentos que nos ajudarão a dar conta dessa discussão que são A) o resgate tradicionalista, B) o culto as tradições e o seu armazenamento, C) a criação da cultura tradicionalista gaúcha, D) a iconização do tradicionalismo, E) o advento dos festivais e o declínio dos festivais.

Nosso primeiro argumento sobre o resgate tradicionalista parte do recorte histórico que deu origem ao MTG², nesse sentido podemos observar na fala de Manoelito Ornellas no primeiro congresso tradicionalista que aconteceu em 1954 em Santa Maria a importância que esse resgate representa para a manutenção das tradições gaúchas, Ornellas identificava que a arte e literatura do Rio Grande de certa forma caminhavam para o esquecimento, pois quando não existe um

¹ Trabalhamos signos no sentido de representação, elementos que representam uma dada vertente cultural

² Movimento tradicionalista gaúcho

movimento que resgate dos bens culturais de um povo para que eles sejam acessados a posteriori a medida que novas gerações surgem essa cultura perde força.

Há 14 anos passados – 22 de outubro de 1940 – num salão não menos austero que este, diante da juventude acadêmica do Rio Grande e de seu mais representativo mundo intelectual, o homem, a quem generosamente trouxestes a presidência deste congresso, erguia seu brado alerta, para deplorar os caminhos que tomavam a literatura e a arte rio-grandenses [...] O que tínhamos a fazer, então, era aceitar a crueza da evidência e salvar da avalanche total, o que de mais precioso deveria subsistir – as tradições do espírito, isto é, a força do idealismo rio-grandense (ORNELLAS, 1966, p. 81-82).

O resgate dessas tradições por parte de Barbosa Lessa tinha o papel de consagrar a imagem do gaúcho como uma forma de manter vivo o idealismo desse povo, podemos entender que esse idealismo estava ligado exaltação feita ao estilo de vida forjado pelas tradições pastoris e caráter heroico agregado ao gaúcho pelos seus feitos farroupilhas, nesse sentido o resgate das tradições gaúchas movido por uma inquietude de Barbosa Lessa fundou o movimento tradicionalista gaúcho.

Nosso segundo argumento diz respeito ao culto as tradições e seu armazenamento Quando se fala em tradições gaúchas, é muito importante entender como o movimento tradicionalista começou o que é bastante explícito na obra de Barbosa Lessa onde o mesmo categoriza em um capítulo do seu livro ‘Nativismo, um fenômeno social gaúcho’, como ‘a invenção das tradições’. A julgar que a criação do CTG³ tinha como objetivo o culto às tradições que faziam parte do cenário rural gaúcho, mas que não tinham registros, nem escritos, nem músicas gravadas, só podiam ser acessadas in loco ou na memória de quem já os havia experimentado/vivenciado, é por isso que existia a necessidade de se armar de todo equipamento necessário.

Podemos entender como registros gravados e escritos para que os materiais culturais fossem difundidos e popularizados, uma vez que os avanços tecnológicos colocavam o mundo na era da reprodutibilidade técnica⁴, era preciso que esses registros fossem concebidos para que a difusão fosse possível, só assim os materiais culturais gaúchos seriam consagrados, como as canções tradicionais, as danças e lendas que foram escritas, gravadas e reunidas para que fossem replicadas, ou seja, criou-se uma catalogação dos materiais culturais que a partir de então foram entendidos como os elementos que constituem a cultura gaúcha.

Enfim, naquele alvorecer do 35 CTG, tivemos de nos armar de todo o equipamento necessário para a difusão de nossas tradições. Onde a cultura tradicional se mostrava obscura, não havia outra solução se não a de lançarmos mão de uma nascente cultura tradicionalista (LESSA, 2008, p. 66).

³ Centro de Tradições Gaúchas

⁴ Conceito de Walter Benjamin que trata da imitação e reprodução em larga escala de obras de arte por meio de ferramentas técnicas, publicado no ensaio A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica de 1955.

Nosso terceiro argumento é a criação da cultura tradicionalista gaúcha. É interessante atentar que existiam algumas vertentes da cultura gaúcha que não eram tão evidentes e nem eram um consenso, já que existiam muitas relações com os povos platinos⁵ e por consequência aconteceu a incorporação de muitos elementos de culturas vizinhas dentro da cultura gaúcha, é nesse sentido que precisaram ser criadas as tradições, convencionadas pelos fundadores do CTG 35⁶.

O nosso quarto argumento, a iconização do tradicionalismo diz que Foi criada uma representação do gaúcho, que não passa necessariamente pela representação de todo cidadão que é natural do Rio Grande do Sul, mas sim a criação de um ser icônico, que representa os elementos dessa cultura, no caso se trata dos homens que desbravavam as imensas planícies pastoris que se estendem da campanha até o pampa, montados em seus cavalos, com lenços no pescoço, bombachas e botas, viviam em galpões e se reuniam as noites em volta do fogo de chão para se abrigar do frio e contar causos, essa imagem passou por representar todos os que são naturais dessa região, essa representação foi usada a exaustão na arte gaúcha como um todo, difundida e consagrada.

É certo que essa tipificação do gaúcho tradicional exclui um verdadeiro conjunto de pessoas que compõe o Rio Grande do Sul, mas esse acaba sendo um ícone que representa a identificação não somente de uma cultura, instituída e determinada em manuais e livros de história, mas de vários modos de sentir-se gaúcho (LUVIZOTTO, 2010, p. 30).

É interessante entender que se trata de uma vertente cultural relativamente nova, o tradicionalismo desde sua concepção até os dias de hoje ainda não completou oitenta anos, isso em termos de história pode ser considerado como uma tradição um tanto quanto jovem, claro que isso quando falamos do movimento tradicionalista e não dos povos originários, podemos entender esses povos originários como os índios que habitavam o Sul brasileiro e que foram dizimados e que raramente são incorporados dentro das discussões gaúchas, o que abre outras discussões de uma abrangência que foge do objetivo do presente trabalho.

Nosso quinto argumento diz respeito ao advento dos festivais nativistas. Foi a partir do CTG 35 o *'start'* para que a difusão do tradicionalismo fosse possível, até que o movimento

⁵ Países que constituem a bacia do Prata, Argentina, Uruguai e Paraguai.

⁶ O primeiro centro de tradições gaúchas fundado oficialmente no Brasil foi o "35 CTG", na cidade de Porto Alegre no dia 24 de abril de 1948. Teve origem a partir da primeira ronda crioula, quando Barbosa Lessa, Wilmar Santana, Glaucus Saraiva, Flávio Krebs, Ivo Sanguinetti, Fernando Machado Vieira, Cyro Dutra e Paixão Cortes, formavam o grupo dos oito.

criasse autonomia e consagrasse novos modelos, nesse sentido falamos dos festivais nativistas, como podemos observar na passagem a seguir escrita por Lessa e que evidencia a criação do primeiro festival da canção que é a Califórnia da Canção Nativa que surgiu em Uruguaiana – RS na década de setenta e foi um importante veículo de difusão da cultura tradicionalista através da música.

Os festivais se tornaram um modelo muito popular e de grande expressão no extremo sul brasileiro que ajudaram a espalhar a cultura gaúcha dentro do Estado e até para fora do Brasil, não só os festivais nativistas, existiam muitos festivais de música popular por todo país, grandes festivais surgiam no mundo também, podemos dizer que o nativismo surfou nessa onda de popularização de festivais e colocou o seu sotaque gaúcho nos seus.

Por isso tantas boas novidades têm aparecido e continuarão aparecendo. [...] por isso o CTG Sinuelo do Pago criou a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, que não existia antes, mas hoje se multiplica em dezenas de festivais de música constituindo o próprio cerne da atual corrente nativista (LESSA, 2008, p. 66-67).

Os festivais criaram cresceram e se perpetuaram por todo o Rio Grande, por se tratar a música de uma expressão popularizável, de fácil replicação e adesão popular foram os festivais os encarregados de levar as “mensagens e legados” gaúchos para todos os pagos, dadas as reflexões que já fizemos até aqui podemos entender que a divulgação e popularização dos signos tradicionais gaúchos aconteceram com uma grande contribuição das ondas sonoras, vindo elas de cima dos palcos ou do rádio e tudo isso graças a popularização do nativismo musical, ou seja a música foi a expressão nativista que mais se difundiu entre o povo.

Nosso sexto argumento é referente ao declínio dos festivais. Entretanto esses grandes caminhos abertos na década de setenta foram se estreitando com o passar dos anos, o glamour dos festivais foi entrando em declínio, podemos ver nesse trecho de uma reportagem do Jornal Zero Hora do ano de 2014 que mostra a instabilidade que os festivais enfrentam no limiar dos anos dois mil.

A edição 2013 da Califórnia da Canção Nativa foi uma verdadeira festa pela retomada deste que é conhecido como "a mãe dos festivais nativistas". Tão importante quanto fazê-lo ressurgir, no entanto, é mantê-lo nos anos seguintes. É por isso que a edição 2014, que terá lugar entre esta sexta-feira e domingo no Teatro Rosalina Pandolfo, o antigo Cine Pampa de Uruguaiana, é importante: marca a continuidade do evento que tanta instabilidade vivenciou na década passada (deixando de ser realizado em seis anos entre 2000 e 2012). (Zero Hora, 05/12/2014).

É natural esse furor acerca da Califórnia por se tratar do festival primeiro como se fosse o marco zero do nativismo musical, mas é preciso fazer algumas leituras a respeito disso e fazer

alguns questionamentos, sobretudo a respeito de uma certa cristalização dessa vertente cultural que chegou ao seu ápice tão jovem e passa dificuldades em se relacionar com as transformações sociais do novo mundo⁷, isso pode estar ligado ao estilo de vida tradicional do gaúcho que resiste as transformações do tempo.

Existem muitos matizes nesse recorte, mas vamos nos atentar para o que diz respeito da produção cultural, podemos observar o que diz Lessa em um trecho em que discute uma passagem de Edgar Morin:

Quem escreveu foi o mestre Edgar Morin, com sua autoridade intelectual: “Tudo parece opor a cultura dos cultos, à cultura de massa: qualidade à quantidade, criação à produção, espiritualidade ao materialismo, estética à mercadoria, elegância à grosseria, saber à ignorância. Mas antes de perguntarmos se a cultura de massa é na realidade como o vê o culto, é preciso nos perguntarmos se os valores da ‘alta cultura’ não são dogmáticos, formais, mitificados”. (LESSA, 2008, p. 107).

É evidente que em algum momento o confronto com a indústria cultural na sua maneira de produzir materiais culturais, (ou produtos de entretenimento, não entraremos nesse mérito) cindiu a maneira do tradicionalismo se relacionar com o povo, pois em um primeiro momento era a vertente cultural hegemônica do Estado, estava presente nas rádios, comercializavam-se muitos discos, mas ao decorrer do tempo esses modelos mudaram, o fazer artístico mudou e por consequência a difusão de conteúdo também.

Criou-se então uma relação de coexistência com variadas vertentes culturais não sendo mais o nativismo detentor hegemônico da produção cultural no Estado, isso pode ter sido um dos fatores que colaborou com um certo declínio dos festivais, o fato é que o tradicionalismo se viu ameaçado ao ponto que começou a perder expressão por conta da divisão de público que esses processos de mudanças tanto nos formatos de produção, quanto de difusão configuravam e configuram, uma vez que são processos dinâmicos e as mudanças acontecem de maneira cada vez mais rápida nos dias atuais.

Podemos observar com o que foi discutido até então que a consagração dos signos tradicionais gaúchos passa por um processo histórico, nesse sentido sistematizamos os argumentos que constituem esse processo na TABELA 01 e os discutiremos logo a seguir.

TABELA 01 – Síntese consagração dos signos tradicionais gaúchos

Argumento	Síntese	Suporte para a hipótese
-----------	---------	-------------------------

⁷ Lê-se como a sociedade em rede conceito de Castells (1970), depois do advento da internet.

Resgate tradicionalista	A criação do MTG deu suporte para o resgate tradicionalista	Deu início ao processo de consagração dos signos tradicionais
Culto as tradições e seu armazenamento	O resgate tradicionalista possibilitou armazenar os materiais culturais gaúchos	Parte do processo que começou a armazenagem dos materiais culturais
A criação da cultura tradicionalista gaúcha	A invenção da tradição criou os modelos e catalogou os materiais culturais	Sistematização/ catalogação da cultura gaúcha
A iconização do tradicionalismo	Os materiais culturais gaúcho iconizaram a imagem desse povo	Através desse processo de resgate, armazenagem e catalogação cria-se a imagem do gaúcho
O advento dos festivais nativistas	Foi a partir desse movimento de resgate que surgiram os festivais nativistas	Movimento responsável pela popularização e difusão do tradicionalismo
O declínio dos festivais	Após viver o apogeu os festivais tiveram um declínio	Primeiro indício de choque com outros modelos de produção cultural

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Os seis pontos que dão conta do processo de consagração dos signos tradicionais gaúchos configuram um processo, que se inicia na criação do movimento tradicionalista gaúcho, que teve o papel de dar início ao resgate tradicionalista, através de um processo de armazenagem dos materiais culturais que já eram conhecidos como referentes ao povo gaúcho, entretanto não existia um consenso no que dizia respeito a totalidade dessa cultura, logo muitos elementos tiveram que ser convencidos (inventados), então foi feita uma catalogação de todos os materiais culturais do Rio Grande do Sul.

Foi esse movimento de sistematização da cultura o responsável por iconizar a imagem do gaúcho, no sentido de que criou a imagem desse povo, dentre os modelos que surgiram desse resgate estavam os festivais nativistas, uma das ferramentas responsáveis por difundir o tradicionalismo e as suas significações pelo Estado, mas esse modelo muito popular perdeu expressão ao mesmo ponto que se conflitou com outras vertentes culturais, esse último ponto marca o início da nossa segunda sessão desse capítulo que discutiremos a seguir, logo podemos dizer que conseguimos ilustrar a nossa hipótese e discutiremos mais a fundo no nosso terceiro capítulo.

2.2 Defesa conta um inimigo externo

Nosso segundo ponto que busca dar conta da hipótese de que existe uma resistência na criação de novos signos pelo movimento nativista, passa pelo processo de defesa contra um inimigo externo ao tradicionalismo, nesse sentido nos apoiaremos em argumentos que nos ajudarão a dar conta dessa discussão que são A) cristalização da realidade do gaúcho, B) ameaça da hegemonia cultural, rupturas históricas, C) dicotomia entre passado e presente, D) novas barreiras para o tradicionalismo e E) a busca por espaço nos novos cenários.

O primeiro argumento trata da cristalização da realidade do gaúcho e diz respeito ao que Ornellas (1966) se referia em seu discurso no primeiro congresso tradicionalista, como supracitado aqui era em relação ao ponta pé inicial do movimento tradicionalista. Que surgiu na década de quarenta em Porto Alegre e expressava a necessidade de replicar os costumes do pago com o intuito de manter as tradições do homem do campo, com o sentido de resgatar a imagem do gaúcho, esse impulso surgiu pela ameaça que observavam os criadores do movimento tradicionalista em relação a expansão da capital que configurava conflitos como o desaparecimento de elementos do passado que constituem a imagem do gaúcho brasileiro, uma vez que surgiam novas possibilidades no que diz respeito ao estilo de vida que os gaúchos poderiam levar.

Na construção social da identidade do gaúcho brasileiro há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso, no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc. (Oliven, 1992, p.50).

Todas projeções feitas do gaúcho estavam ligadas aos seus feitos do passado e a sua existência voltada a vida no campo, mediado pela sua bravura e honra. De certa forma essa exaltação do passado glorioso na história desse povo que habitava a fronteira cisplatina⁸ criou uma cristalização no sentido de que a cultura tradicionalista se restringe a essas sistematizações do MTG, que sempre trabalhou a imagem mitificada do homem do campo, o deixando de fora das mudanças sociais, como por exemplo a urbanização que promoveu um abandono do campo em detrimento de melhores condições de vida nas cidades.

O segundo argumento é a ameaça da hegemonia cultural. Embora as tradições tenham feito o movimento de travar as transformações sociais que já eram latentes na década de quarenta em

⁸ Que diz respeito aos países que constituem a bacia do Prata, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

alusão a um imaginário de lutas e defesas de território que foi palco de diversas batalhas e que sofreu muito derramamento de sangue, por conta da briga entre espanhóis e portugueses pelo controle do espaço que no futuro viria a ser o Estado do Rio Grande do Sul, como podemos observar no trecho a seguir:

A criação ou invenção do culto à tradição foi uma tentativa de reação às transformações da sociedade e à influência de outras culturas que penetravam na sociedade sul-rio-grandense. É uma manifestação em defesa de uma cultura original e fundamenta-se na história de lutas desse povo pela defesa do seu território. Após os conflitos de coexistência entre as três principais configurações histórico-culturais do estado, os índios, os portugueses e os espanhóis, estabeleceu-se uma cultura própria como mecanismo de defesa, e essa cultura precisava novamente se defender de outras culturas ameaçadoras que penetravam na cultura gaúcha. (LUVIZOTTO, 2010, pg. 37).

Esse caráter e até a consagração de um status de um povo “aguerrido e bravo” como fala a letra do hino do Estado gaúcho foi o legado de um apoio no passado, com o decorrer dos tempos isso fez com que essa fosse a imagem do povo sulino, mas as lutas, feitos farroupilhas e glórias de batalha foram ficando para trás ao mesmo ponto a realidade do povo gaúcho foi gradualmente mudando, perdendo o contato direto e rotineiro com as bases da tradição, as pilchas tradicionais já começam a ser deixadas de lado por exemplo, uma vez que os gaúchos entendem que podem utilizá-las no seu dia-a-dia e não precisam mais utilizar todos elementos que constituem as vestes tradicionais.

Configurando uma ameaça a hegemonia cultural que até então o tradicionalismo imprimia, por mais que as batalhas e guerras tenham ficado para traz o sentimento foi representado na cultura, já não mais se sabia se os signos replicados faziam parte do histórico farroupilha ou do resgate cultural da década de quarenta, o fato é que nossas façanhas deveriam servir de modelo a toda terra, já que era necessário difundir a cultura gaúcha sem contestações a respeito das implicações que isso iria imprimir no povo.

O terceiro argumento faz referência as Rupturas históricas, podemos observar nessa passagem escrita por Lessa que elucidava as novidades que estavam sendo absorvidas pela capital gaúcha, com os avanços tecnológicos, sobre tudo os meios de comunicação que funcionavam como uma forma de difusão dos materiais culturais estrangeiros, pois os gaúchos começavam a se relacionar com músicas de outros lugares do país e do mundo, sobretudo observamos que os jovens estudantes que estavam construindo o MTG preferiam a vida no campo, que estava ligada as suas origens pastoris e a identificação que tinham com esse meio, esse resgate das tradições servia como uma tentativa de fuga das transformações que a capital estava experimentando.

Porto Alegre nos fascinava com seus anúncios luminosos a gás neon, Hollywood nos estonteava com a tecnologia [...] as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommie Dorsey mas, no fundo, no fundo preferíamos a segurança que somente nosso pago sabia proporcionar (LESSA, 2008, p. 56).

Nesse sentido, podemos entender que os produtos norte-americanos, ou seja, a cultura de ‘fora’ que começa a ser consumida na capital na década de quarenta, era muito atraente e assustadora ao mesmo tempo, uma vez que trazia novas significações e sensações e instigava a curiosidade, representava uma ameaça para a manutenção da cultura, que poderia ser deixada de lado em detrimento das novidades.

O quarto argumento da conta da dicotomia entre passado e presente. Como podemos observar na passagem de Oliven que atenta para essa relação entre passado e presente, no movimento de conferir autenticidade para a criação do movimento tradicionalista, já que essa inspiração no passado sempre esteve presente nos resgates propostos por Lessa, no sentido de que a projeção do gaúcho foi feita a partir de uma mitificação de um passado glorioso que quando expresso no presente configura um status de honra para o povo rio-grandense.

A relação que liga o passado com o presente foi fundamental para que o movimento tradicionalista conseguisse se consolidar e fosse difundido, uma vez que existiam novas variáveis na equação que não restringia mais a relação do gaúcho com o tradicionalismo, mas sim a relação do gaúcho no mundo, isso passa também por uma busca por afirmação, no sentido de manter a representação da cultura tradicional frente a absorção de outras vertentes culturais de forma latente no Sul brasileiro.

Antigas tradições reais ou inventadas precisam ser invocadas para dar fundamento “natural” às identidades em vias de criação, [...]. Essa dialética entre velho e novo, passado e presente, tradição e modernidade, foi uma constante nos processos que estamos analisando no Rio Grande do Sul (OLIVEN, 1990, pg. 2).

Esse movimento por busca de autenticidade inspirado no passado não foi exclusivo do movimento tradicionalista, pois existem muitos movimentos com esse caráter, o tango na Argentina é um bom exemplo, pois não permite variações e restringe o seu universo ao que foi consagrado no passado, muito embora o tradicionalismo gaúcho seja um movimento de caráter único, pois representa um fenômeno social do Rio Grande do Sul.

O quinto argumento se restringe as novas barreiras para o tradicionalismo. A chegada da indústria fonográfica também causou impactos e impressões na cultura gaúcha, músicas de outras localidades do Brasil, como por exemplo o samba, o sertanejo, a MPB, e também do mundo

passaram a disputar a atenção com o tradicionalismo e isso não se restringe a música, mas também diversos elementos da cultura universal.

Outros estilos de vida começaram a ser representados pelo cinema por exemplo, como a busca por liberdade, emancipação individual que vendia o estilo de vida da expansão cultural dos Estados Unidos por exemplo, tudo isso foi um processo gradual da instauração de uma indústria cultural norte-americana que começava a se expandir pelo mundo e criar um mercado e que chegou até o Rio Grande, como podemos observar no trecho a seguir:

A chegada visível do Tio Sam ao Brasil aconteceu no início dos anos 40, em condições e com propósitos muito bem definidos. A presença econômica, menos visível, era bem anterior e certas manifestações culturais, como o cinema de Hollywood, já inculcavam valores e ampliavam mercados no Brasil. Moura (1984, p.8, apud LUVIZOTTO, 2010, p.34).

A indústria do entretenimento não é nenhuma novidade nos dias de hoje e é um grande desafio para artistas que não fazem parte da mesma coexistirem dividindo atenção com a grande mídia, já que os artistas independentes não têm o capital necessário para concorrer com a indústria fonográfica, uma vez que ela compra os espaços de divulgação e controla o cenário musical de maneira bastante direta.

O sexto argumento entende a busca por espaço nos novos cenários. Hoje existem vários movimentos que buscam mais uma vez a expansão do tradicionalismo e suas derivações como o nativismo musical no Estado, sobretudo capitaneado pelos próprios músicos e compositores, já que os mesmos acabam por ser os principais interessados na manutenção dessas vertentes culturais, como podemos observar na reportagem do jornal Zero Hora do ano de 2018 que explicita uma dessas iniciativas:

Liderados por Fernando Espíndola, vocalista do grupo Alma Gaudéria, artistas regionalistas do Rio Grande do Sul iniciaram uma investida para reconquistar o espaço perdido para os sertanejos. Contrataram, conjuntamente, um divulgador para percorrer as emissoras e convencer radialistas a rodar, cada vez mais, o nosso cancioneiro. O projeto tem até nome: Vozes Gaúchas. O caminho é longo. Julho fechou com nenhuma canção do gênero entre as cem mais rodadas pelas emissoras de rádio do Estado, de acordo com o ranking da empresa Connectmix. (Zero Hora, 06/08/2018).

O nativismo viveu sim o seu apogeu, mas ficou fora do grande mercado em detrimento de manter uma essência e de certa forma não se vender às mãos da indústria. É claro que existem demasiados outros fatores, que podem dizer respeito a conjuntura política, ligados ao fomento à produção e incentivo a disseminação cultural por exemplo, que perpassam o nativismo e sua expressão.

A sua expansão para fora do Estado não fazia sentido, mas a pluralidade de acesso a irrestritos tipos de conteúdo em paralelo com um movimento de fechamento do tradicionalismo para transformações como observamos aqui, que inicialmente servia como proteção frente a inimigos externos, pode de certa forma ter freado o contato com novos públicos e configurado a perda de espaço no circuito midiático como observamos na reportagem a cima.

A defesa contra um inimigo externo que convencionamos aqui, diz respeito ao processo que o tradicionalismo fez para buscar travar possíveis mudanças na cultura gaúcha em detrimento das transformações sociais que aconteceram no mundo desde o início do tradicionalismo até os dias atuais, sistematizamos os elementos que fazem parte desse processo na TABELA 02 e os discutiremos a seguir.

TABELA 02 – Síntese defesa contra um inimigo externo

Argumento	Síntese	Suporte para a hipótese
Cristalização da realidade do gaúcho	As projeções da imagem do gaúcho partiram de uma cristalização mediada por elementos do passado	Tensionamento no que diz respeito a rompimentos com a base do movimento
Ameaça da hegemonia cultural	O tradicionalismo começa a dividir espaço com outras vertentes culturais e tem a sua hegemonia ameaçada	Mudança do modo de consumir os materiais culturais
Rupturas históricas	Rupturas que dizem respeito ao modo de vida do povo gaúcho	O tradicionalismo era um mecanismo de defesa frente as transformações do estilo de vida do povo
Dicotomia entre passado e presente	Busca por autenticidade com base em elementos do passado	Movimento de endurecimento frente as variações e de difusão dessa lógica
Novas barreiras para o tradicionalismo	A indústria fonográfica passou a colocar limitações para a manutenção do tradicionalismo	Dificuldades para a manutenção dos artistas no circuito cultural
A busca por espaço nos novos cenários	Perda de expressão do nativismo	Nativismo fora do mercado e da indústria do entretenimento

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

O tradicionalismo acabou por impor limites no que diz respeito ao fazer artístico e cultural e também na forma como o povo se relacionaria com essa cultura, logo existem tensionamentos

quando se fala em romper com as bases do movimento, já que existe uma cristalização no que diz respeito a transformações na cultura gaúcha. Dentro do processo histórico de transformações sociais que envolve o Rio Grande do Sul existe uma mudança na maneira de consumir cultura, já que outras vertentes culturais começam a dividir o protagonismo com o tradicionalismo gaúcho, essas novas vertentes culturais imprimiam mudanças no que diz respeito ao estilo de vida do povo do Estado e o tradicionalismo fez o movimento de tentar frear essas transformações.

Houve um endurecimento frente as variações que estavam surgindo, como mecanismo de defesa aconteceu uma grande difusão do movimento tradicionalista, que se popularizou muito por conta da música que carregava em suas significações elementos que diziam respeito ao passado visto como glorioso pelo povo sulino, esse grande movimento de popularização e difusão marcou o ingresso da indústria cultural que passou a colocar limites para a manutenção do tradicionalismo, já que o MTG não tinha expressão econômica para disputar com o mercado e por consequência houve uma perda de expressão, mediada pelo fechamento do nativismo em ser incorporado pela indústria fonográfica já que não admitia variações no seu fazer artístico.

2.3 Estilização do tradicionalismo

Nosso terceiro ponto tem como objetivo dar sustentação à hipótese de que existe uma resistência a criação de signos pelo movimento nativista, pressupõem que o processo de consagração dos signos tradicionais e a defesa contra um inimigo externo configura uma estilização do tradicionalismo, não no movimento de romper com as bases tradicionais, mas possibilitar transformações e renovações do movimento tradicionalista, sendo assim nos apoiaremos nos argumentos para sustentar a nossa reflexão, são eles, A) a participação da juventude nos festivais, B) O universo dos acampamentos, C) Nativismo como uma flexão do tradicionalismo, D) A possibilidade de estilização dos modelos consagrados.

Nosso primeiro Argumento diz respeito a participação da juventude nos festivais. A juventude se sentia instigada pelos festivais, esse formato foi tão popular na época que era comparado com uma espécie de WoodStock campeira, no sentido das experimentações de liberdade e o universo ligado a natureza que podia ser experimentado nos acampamentos, em alusão ao festival que aconteceu na cidade de Bethel nos Estados Unidos.

A popularização dos festivais abriram uma estrada larga para a tradição, por mais que estivessem movidos por variados interesses os frequentadores dos festivais se confrontavam

diretamente com a tradição em uma das suas formas mais puras, por mais que os jovens dos anos oitenta frequentasse os festivais buscando liberdade e colocando em variação o tradicionalismo, misturando elementos das indumentária tradicional por exemplo, o contato era com a vertente tradicionalista que compunha canções e poesias sempre replicando a origem e imagem do gaúcho, nesse sentido a febre dos festivais colaborou para que a juventude gaúcha tivesse contato com o tradicionalismo.

Até que os anos 80, foi descoberta a estrada larga da tradição. Bem em sintonia com a nova época, essa descoberta se fez na base do som, da música, do acampamento ao ar livre, do informalismo das roupas, da bombacha e da alpargata em contestação à careta da bombacha e da bota. E Renato Borghetti, gaitero de 19 anos de idade, culturalmente nascido num CTG – casualmente o pioneiro 35 – tornou-se o guru dessa gurizada medonha, com seus cabelos cumpridos e a simplicidade do repertório regionalista (LESSA, 2008, p. 102-103).

A juventude dos anos oitenta que adentrava os festivais, se preocupava com as mudanças sociais que o mundo vinha passando, tinha interesse por cultura, sempre mediados pelo desejo de liberdade e contestação, podemos entender que são características inerentes a nova época que Barbosa Lessa aponta, contraponto os limites que o tradicionalismo acabava por impor, nesse sentido, promoviam variações nas pilchas tradicionais mesclando a bombacha com alpargatas por exemplo.

É interessante pois observamos que um cenário estritamente tradicional atraiu uma parcela significativa de jovens que estavam em contato com o regionalismo gaúcho por meio das canções e o universo que os festivais proporcionavam, também existia uma relação de identificação com artistas como Renato Borghetti que acabaram por representar essa gurizada medonha como Lessa categoriza na passagem a cima.

Nosso segundo argumento é o universo dos acampamentos. Existe um agente motivador para a adesão da juventude no universo dos festivais, os acampamentos, que formavam as famosas cidades de lona, pois consistiam em reunir uma grande quantidade de barracas cobertas por lonas nos pátios dos festivais configurando uma grande cidade, pois durante o período que acontecia o festival as pessoas viviam ali naquele ambiente, compartilhando do mesmo espaço e trocando experiências.

Os acampamentos dos festivais tiveram a importância na dimensão da experimentação da juventude para com o tradicionalismo, fosse em uma simples busca por curtição livre de limites no final de semana, ou na troca de experiências com artistas experientes que também dividiam esses espaços, o fato é que a juventude se incorporou no universo nativista nesse modismo que aconteceu nos anos 70 e início dos anos 80, chamando atenção pois não tinham muito compromisso com as bases do tradicionalismo, por mais que respeitando as estéticas do

movimento, ainda que fossem confeccionadas em jeans eles ainda usavam bombachas por exemplo.

Os acampamentos são os principais responsáveis pela adesão em massa da nossa meninada aos festivais de música nativa. Surgindo nos fins dos anos 70 [...] a garotada sacou de cara que podia experimentar uma grande dose de liberdade as chamadas “cidades de lona” dos festivais e, ao mesmo tempo, transar uma natureza e uma música que muitas vezes ela mesma fazia. [...] as gatinhas estão numa faixa que começa aos 15 anos quando papai e mamãe já as deixa sair sozinhas de casa [...] ela não curte os conjuntos de música regionalista, pouco ouviu falar dos Beatles, gosta de Milton Nascimento, é ligada em política (PT ou PMDB) [...] eles sentem orgulho de andar de bombacha, especialmente se for jeans. Carregam junto o violão, tomam mate, cachaça, cerveja, vez ou outra fumam palheiro. (LESSA, 2006, p. 104-105).

Por mais que pairassem sobre eles os olhares do mais conservadores, eles estavam nos palcos, compondo músicas e poesias, ou seja, ajudando a constituir esse movimento, por mais que esses anseios por liberdade tenham perdido força, e aqui entendemos que não só na juventude ligada ao tradicionalismo, mas essa onda que era mundial foi se apagando a medida que os anos oitenta foi chegando ao fim.

Nosso terceiro argumento entende o nativismo como uma flexão do tradicionalismo. Inegavelmente esse movimento de rejuvenescer o tradicionalismo gerou frutos, como novos músicos, novas composições e difusão dos festivais, pois surgiram muitos que existem até hoje. É interessante entender que aconteceu uma absorção dessa energia jovem dentro do movimento, como se pode observar com o passar do tempo o nativismo não fez o processo de romper com o tradicionalismo, existe e é muito grande a vertente nativista ainda hoje em dia, mas ela ainda faz parte do tradicionalismo, é um braço do movimento, podemos entender essa absorção como o poder das tradições inventadas em adquirir novos significados, e assim no baseamos no que diz Luvizotto:

As tradições inventadas nesse contexto são reinventadas constantemente, procurando atribuir um valor, ressignificando práticas e rituais cotidianos, buscando manter coeso o sentido dessas tradições dentro da modernidade, procurando satisfazer o indivíduo na busca pela segurança ontológica. O Movimento Tradicionalista reelaborou o gaúcho com base numa ideia de continuidade do passado, conferindo autenticidade e valor de verdade aos rituais e elementos da tradição, e imprimindo-lhe, ao mesmo tempo, novos significados. (LUVIZOTTO, 2010, pg. 33).

O nativismo é sim uma continuidade do passado, desse legado tradicionalista, podemos fazer uma analogia com uma árvore que toda estação que passa troca as suas folhagens, mas mantém as suas raízes firmes na terra, o que discutimos aqui é justamente qual impacto dessa troca de folhagens, ou seja as mudanças superficiais que acontecem no movimento nativista,

como foi o caso da juventude que não rompeu com as raízes do movimento, mas analogamente podemos dizer que fez uma leve poda nas suas folhagens.

Nosso quarto argumento diz respeito a possibilidade de estilização dos modelos consagrados. Admitindo essas premissas podemos conceber que possam existir muitas variações na música nativista, podem ser elas rítmicas ou temáticas, mas ainda assim existe um compromisso com a representação da tradição, as bases do tradicionalismo jamais foram ou serão abandonadas dentro do nativismo, justamente por se tratar o nativismo um movimento de reinvenção da tradição.

A novidade que se configura não diz respeito a um rompimento com o tradicionalismo, mas sim com uma autonomia no fazer artístico nativista, falar em criação de novos ritmos musicais no cenário cultural gaúcho não é algo comum, mas é uma possibilidade que se abre por intermédio da liberdade do fazer artístico no meio nativista, como podemos ver no trecho da entrevista do compositor Pirisca Grecco para o Sul 21, que trata da questão de buscar novidades na música gaúcha sem imitar o que já vem sendo feito em termos de arte.

A vontade de fazer uma música com identidade própria o levou até mesmo a criar, com os parceiros musicais, um ritmo próprio – o compasso taipeiro, uma espécie de chamamé mais lento, ou uma *zamba gaúcha* mais acelerada. “O compasso taipeiro surgiu em respeito aos argentinos. Fomos tocar no festival de Cosquín e não podíamos de forma nenhuma chamar o que fazíamos de chamamé. Tocamos o compasso taipeiro, com bateria, guitarra, em português. É uma possibilidade nova”, explica. “É um brinde à espontaneidade. O regional está em nós. A gente procura é não imitar, mas buscar uma possibilidade nova”, acredita. (Sul 21, 02/07/2011).

É nítido na fala do compositor a busca por uma renovação estética, que resultou na criação de um novo ritmo, o Compasso Taipeiro surge como uma variação, ou podemos entender como uma adaptação do chamamé argentino para a realidade do gaúcho brasileiro nativista, isso condiz com o que Luvizotto categoriza, de que as tradições inventadas se reinventam para que continuem sendo replicadas, se adaptem a novas realidades, podemos entender que essa reinvenção passa pelo dinamismo configurado pelas diferentes experiências das gerações nativistas que são agentes dessas transformações.

Sempre observamos as raízes bem claras do regionalismo, que dizem respeito as tradições gaúchas e seus elementos constitutivos, como na representação de uma estética pastoril nas composições nativistas ou mesmo em costumes relacionados a essa realidade, como o hábito

do chimarrão, que mantém a sua origem, mas que pode ser colocado em variação, podendo passar pela estilização dos avios utilizados para a cevadura.

Por mais que existam essas variações, ainda existem representações que são simbólicas e fazem alusão ao advento da tradição que surgiu com o tradicionalismo e que a luz de (Lessa 2006) entendemos como a invenção das tradições, seja a vestimenta, os costumes, os trejeitos de falar, tudo isso é sistematizado pelo tradicionalismo, se perpetua, faz um movimento de consagração e passa por estilizações.

TABELA 03 – Síntese estilização do tradicionalismo

Argumento	Síntese	Suporte para a hipótese
A participação da juventude nos festivais	Houve uma mudança de perfil dentro os que constituíam o movimento nativista	Presença da juventude nos festivais e outras relações com o tradicionalismo
O universo dos acampamentos	Os espaços de convívio e troca de experiências nos acampamentos dos festivais motivaram a adesão da juventude	Variações e estilizações do tradicionalismo por conta do caráter contestador dos jovens
Nativismo como uma flexão do tradicionalismo	O movimento nativista é uma variação do tradicionalismo pois mantém os elementos tradicionais vivos	Cria-se a possibilidade de variações do tradicional mas não rompe com ele
A possibilidade de estilização dos modelos consagrados.	O nativismo admite transformações e incorporações de outros elementos	Variações estéticas que são baseadas no tradicionalismo

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

O nativismo não foi um movimento criado pela juventude, muito embora nos anos setenta e oitenta os jovens tenham marcado presença em peso nos festivais, que acabaram por absorver essa jovialidade, criando outras relações com o tradicionalismo, pois dentre essas pessoas de idade menos avançada não existia um compromisso tão grande com as bases da tradição. Um grande responsável por isso foram os acampamentos dos festivais, que serviam como um grande espaço de convívio e troca de experiências, surgiram muitos artistas jovens que representavam os seus iguais e promoviam variações do que era considerado tradicional.

Logo podemos entender que o nativismo musical é uma variação do tradicionalismo gaúcho, pois possibilita a variação e renovação do seu fazer artístico e da produção cultural, mas é interessante ressaltar que essas mudanças não dizem respeito ao que é tido como tradicional, existe um respeito a estética tradicionalista e ainda se carrega as significações consagradas pelo tradicionalismo.

3. CAPITULO 2 - OS FESTIVAIS E A CRIAÇÃO DE SIGNOS

Introdução

Nos deteremos nesse segundo capítulo em dar sustentação para a hipótese que levantamos para dar conta do problema de pesquisa: As novas gerações de músicos nativistas influenciam na produção cultural do universo dos festivais nativistas criando novos signos? Observamos três elementos nessa problemática, que são as novas gerações de músicos nativistas, pois os mesmos estão participando de maneira ativa no universo nativista, a produção cultural que diz respeito as composições musicais ou literárias e por fim os signos tradicionais gaúchos que são expressos nessas composições.

Nesse sentido nos apoiaremos na hipótese que diz que as novas gerações de músicos nativistas criam novos signos, essa criação de novos signos é possível através de um processo de ruptura com os signos tradicionais já consagrados pelo movimento tradicionalista, então hipoteticamente dizemos que existe um processo de ruptura com os signos tradicionais para que assim logo após sejam criados novos signos, nos basearemos na literatura existente e usaremos como referência Eliade (1972) e Panitz (2010) e dividiremos a discussão em duas sessões, 2.1 o processo de ruptura com os signos tradicionais gaúchos e 2.2 a criação de novos signos.

3.1 Processo de ruptura com os signos tradicionais gaúchos

A criação de novos signos se faz possível desde que haja um processo de ruptura com os signos tradicionais já consagrados, entendemos que esse possível processo não é algo simples e não passa por uma ruptura abrupta com os elementos tradicionais, nesse sentido faremos essa reflexão a partir de cinco argumentos, A) os festivais e os signos, B) a irreversibilidade da história, C) conhecer as origens para colocá-la em variação, D) objetos e arquétipos e E) atualização da imagem do gaúcho.

Nosso primeiro Argumento diz respeito aos Festivais e os mitos, nosso objeto de estudo, os festivais nativistas da Fronteira Oeste, mais precisamente o Festival da Taipa em Uruguaiana – RS e o Festival da Barranca em São Borja – RS, que nasceram a partir do movimento tradicionalista gaúcho dos anos quarenta, movimento que foi fundado com o intuito de resgatar os costumes e a cultura gaúcha, nesse sentido entendemos a partir de Eliade, que toda tentativa de resgate é feita a partir de mitos. Já que a cultura tradicional é representada através de mitificações que dizem respeito a hábitos que configuram possibilidades de sobrevivência quando são convencionados.

O resgate em verdade é a busca das antigas histórias, que na relação que propomos podem representar o estilo de vida do povo gaúcho que antigamente habitava as planícies do pampa, essas histórias que de fato aconteceram e por fazerem parte da constituição da existência desse povo ou cultura assumem a estrutura de mito, podemos entender essa mitificação como a criação de lendas que representam períodos da história do gaúcho por exemplo.

Mais precisamente, não é o estágio mental ou o momento histórico em que o mito se tornou uma "ficção" que nos interessa. [...] em primeiro lugar, as sociedades onde o mito é — ou foi, até recentemente — "vivo" no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos (ELIADE, 1972, p. 6).

É importante atentar para o movimento que é feito pois o ponto de interesse não é como determinado mito nasceu, mas entender como ele se expressa socialmente como por exemplo o mito do gaúcho que habitava as terras do sul brasileiro e tem a imagem de herói e que molda os costumes do povo até hoje, ou seja, entender o papel dos mitos na história ajuda a compreender os costumes do povo gaúcho na atualidade.

Sendo assim podemos entender que na contemporaneidade o ser humano se relaciona com o mundo a partir da repetição de eventos que constituíram a história e fizeram parte das transformações da sociedade, ou seja, os hábitos e costumes, já que o estilo de vida que se leva hoje em dia são derivações do que foi consagrado em algum momento da história, como o caso do povo gaúcho por exemplo.

Nosso segundo argumento é a irreversibilidade da história. As repetições feitas dizem respeito a tempos que marcam o primórdio da história do povo gaúcho, marcam o período de onde existem memórias e registros da origem da representação da cultura, como por exemplo o gaúcho que mantinha o fogo de chão aceso para se aquecer do frio nos galpões no inverno, aquecer água para o seu chimarrão e fazer as suas refeições, esse hábito ainda é repetido pelo povo gaúcho, seja para fazer o churrasco ou em forma de culto no caso da chama crioula na semana farroupilha por exemplo.

Muito embora o ser humano não precise ter consciência ele o faz, pois herdou esses elementos culturais dos meios onde vive, como tomar assar a carne na brasa no caso do Rio Grande do Sul, ou aderiu com o passar dos tempos por começar a ter contato com a cultura gaúcha, essa eterna repetição consciente ou inconsciente, pois podemos entender que não necessariamente seja preciso conhecer a origem das coisas para aderi-las como um hábito, é

herdada de nossos antepassados e esse retorno aos tempos primordiais está relacionado a estrutura mitológica das coisas.

De modo análogo, um "primitivo" poderia dizer: eu sou como sou hoje porque antes de mim houve uma série de eventos. Mas teria de acrescentar imediatamente: eventos que se passaram nos tempos míticos, [...] mais ainda: ao passo que um homem moderno, embora considerando-se o resultado do curso da História Universal, não se sente obrigado a conhecê-la em sua totalidade, o homem das sociedades arcaicas é obrigado não somente a ememorar a história mítica de sua tribo, mas também a reatualiza-la periodicamente em grande parte. É aqui que encontramos a diferença mais importante entre o homem das sociedades arcaicas e o homem moderno: a irreversibilidade dos acontecimentos que, para este último, é a nota característica da História, não constitui uma evidencia para o primeiro (ELIADE, 1972, p. 14).

A partir do que fala Eliade podemos entender que esses retornos não servem apenas para fixar esses elementos culturais, também servem para reatualizar a história e por consequência a cultura desse povo, no que tange a cultura gaúcha podemos entender que o homem moderno aproxima as suas práticas das sociedades arcaicas pois cultua a história mítica do povo gaúcho, repetindo-a cotidianamente por mais que seja apenas no corriqueiro fato de tomar um chimarrão, não entendemos aqui essa repetição como algo retrogrado, o que nos é interessante observar é que essa estrutura de mitificações e retornos cria uma possibilidade de reatualização cultural, que passa pela possibilidade de mudança das relações do povo gaúcho com as suas vertentes culturais.

Nosso terceiro argumento se refere a conhecer as origens para coloca-las em variação. Para que os gaúchos de hoje e os de amanhã possam manter viva a tradição e para que seja possível criar variações dela é preciso entender como surgem os elementos dessa cultura, bem como categorizou Oliven 1998 “a figura do gaúcho, homem livre e errante, que vagueia soberano em seu cavalo, tendo como interlocutor privilegiado a natureza das vastas planícies dessa área pastoril”, logo repetir os hábitos desse gaúcho primeiro é em verdade dar continuidade, mas mais do que isso é também criada a possibilidade de atualização dessa tradição.

Nesse sentido os ritos, que passam de geração para geração, como o churrasco por exemplo, que é um hábito que costumeiramente reúne as pessoas em volta da churrasqueira e faz parte da identidade do povo gaúcho, o rito faz com que os hábitos transcendam a temporalidade e se perpetuem na sociedade, podemos entender que o churrasco não é mais o mesmo churrasco com espetos de pau e fogo de chão como eram no seu início, mas hoje apartamentos modernos possuem churrasqueiras em suas sacadas e conseguimos comprar costela de gado embalada a vácuo nos supermercados, ou seja, se trata de uma atualização da tradição do churrasco.

Entendendo como as coisas passaram a existir, ou seja, foram incorporadas por uma sociedade, sabe-se também como reencontra-las e trazê-las novamente a vida quando desaparecem, além de poder colocá-las em variação, aqui trouxemos o churrasco como exemplo, que é um signo tradicional gaúcho, existem manuais que dizem como a carne deva ser espetada, temperada e assada, mas são nítidas as variações que acontecem nessa prática gastronômica, como a comercialização de sais temperados, grelhas e espetos rotatórios por exemplo, mas essas variações só são possíveis pois em algum momento foi feito um retorno ao modo tradicional de fazer um churrasco gaúcho.

O nosso quarto argumento se refere aos objetos e arquétipos. Já que a tradição cria valor a partir de que tratada de forma ritualística, sendo assim todo o ritual que os CTG's criaram para cultivar as tradições gaúchas, o fizeram para que esses elementos culturais transcendessem o plano trivial e criassem um valor quase que sagrado, os objetos deixam de ser simples utensílios eles passam a ter valor, uma cuia de chimarrão deixa de ser apenas um porongo, perde a característica natural de um fruto, assume um caráter transcendental, ou seja, o que era um elemento da natureza passou a servir como um objeto de sobrevivência acabou por transcender a sua natureza e se culturalizou, reforçando os traços identitários e preservando a existência da cultura.

Os objetos ou atos adquirem um valor, e, ao fazer isso, tornam-se reais, porque participam, de uma forma ou outra, de uma realidade que os transcende. Entre tantas pedras, uma torna-se sagrada — e, assim, instantaneamente, satura-se do ser — porque constitui uma hierofania, ou possui maná, ou ainda porque comemora um ato mítico, e assim por diante (ELIADE, 1991, p. 12).

Podemos entender que os elementos culturais gaúchos foram resgatados e munidos de valor, logo passaram a representar a cultura gaúcha, ou seja, todas repetições feitas nos hábitos atuais como o do churrasco, o chimarrão, ou usar bambachas por exemplo, são arquétipos que representam o tradicionalismo.

Um objeto ou um ato torna-se real apenas enquanto serve para imitar ou repetir um arquétipo. Assim, a realidade é alcançada unicamente por intermédio da repetição ou da participação; tudo o que carece de um modelo exemplar é "insignificante", isto é, está destituído de realidade. Desse modo, os homens demonstram uma tendência no sentido de se tornarem arquetípicos e paradigmáticos (ELIADE, 1991, p. 36).

A repetição desses arquétipos aproxima o gaúcho contemporâneo da sua origem, e é somente através dessa repetição que se consegue reproduzir a realidade da cultura gaúcha, a reflexão que categoriza nessa passagem de Eliade diz que um ato só se torna real quando imita ou repete um arquétipo, logo a centralidade do argumento é de que as repetições devam representar uma realidade, pois só assim se tornam significantes para a natureza humana.

O nosso quinto argumento diz respeito a atualização da imagem do gaúcho. O tradicionalismo surgiu na década de quarenta hoje anos mais tarde podemos observar que essa vertente cultural se difundiu pelo estado e criou a imagem do gaúcho, tudo isso só foi possível pelo resgate dos mitos, dos ritos, dos hábitos, dos costumes, ou seja, sistematizando a história primordial dos povos que habitavam a região sul do Brasil, manter viva uma tradição sobre tudo é demarcar bem a sua origem.

Mas o que nos é pertinente e que permeia a nossa discussão a respeito da criação de novos signos é a resignificação dos elementos ditos como tradicionais, trazendo-os para a realidade presente, por exemplo o gaúcho não ascende mais o fogo de chão para se manter vivo no inverno, o faz para manter viva a tradição, a reprodução desses arquétipos gaúchos não é mais feita pelo propósito inicial de quando criados nos tempos míticos, mas sim adaptando para a realidade atual do povo em forma de ritual.

É bom que a consciência historiográfica do homem ocidental descubra-se solidária dos atos e ideais de seus antecessores longínquos, inclusive se o homem moderno, herdeiro de todos estes mitos e todos estes sonhos, só conseguiu realizá-los desolidarizando-se de seus significados originais (ELIADE, 1983, p. 143-144).

A luz do que categoriza Eliade com a desolidarização do ser humano dos significados originais podemos interpretar como ponto chave para que seja possível criar novos signos, pois é o que configura um processo de ruptura com as significações tradicionais, que passam necessariamente por esse processo de retorno, mas entretanto levando em consideração o momento histórico, já que as relações com os signos não ficam restritas a uma cristalização, mas podem sofrer variações dadas as motivações individuais.

Dada a autonomia dos indivíduos e também o acesso irrestrito a informação e também a coexistência com outras vertentes culturais, cria a possibilidade de outras relações com a cultura original, que não passa necessariamente pela mesma realidade do homem do campo, como eram os hábitos que dizem respeito aos hábitos que o gaúcho repete hoje em dia.

O processo de ruptura com os signos tradicionais presume que existam variações nas motivações que faz com que os indivíduos experimentem e se relacionem com os elementos culturais consagrados, sintetizamos a nossa reflexão na TABELA 04, para podermos ilustrar os pontos que dizem respeito ao processo referente a ruptura com os signos tradicionais.

TABELA 04 – Síntese do processo de ruptura com os signos tradicionais gaúchos

Argumento	Síntese	Suporte para a hipótese
Festivais e os mitos	O resgate as tradições cria uma estrutura mitificada da cultura	O estilo de vida de hoje deriva do recorte histórico que os mitos foram consagrados
A irreversibilidade da história	Os retornos configuram a cultura e podem ser feitos de maneira inconsciente pois são heranças geracionais	Possibilidade de reatualização da cultura
Conhecer as origens para coloca-las em variação	Para que seja possível variar os modelos é preciso conhecer a sua origem	Possibilidade de reinvenção dos signos tradicionais através da variação
Objetos e arquétipos	A estrutura cultural é expressa por arquétipos, objetos que possuem valor cultural	A representação da realidade configura uma dimensão de significações individuais
Atualização da imagem do gaúcho	O objetivo que os retornos são feitos não condizem com os originais que estavam ligados a sobrevivência por exemplo	Desolidarização das significações originais

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Observamos que esse processo de possível ruptura com os signos tradicionais está diretamente ligado com o estilo de vida das pessoas, já que a consagração dos elementos tradicionais da cultura parte de uma mitificação, logo condicionando a relação das mesmas com as bases que estruturam o tradicionalismo por exemplo, revivendo o recorte que resgata os costumes do povo gaúcho, por mais que os retornos feitos sejam de caráter consciente ou inconsciente existe uma possibilidade de reatualização da cultura, que passa justamente por conhecer e dominar os modelos consagrados, para que seja possível coloca-los em variação.

A variação que é possível diz respeito a representação dos arquétipos, uma vez que a repetição é feita de maneira individual e busca a rememoração de uma identidade, que por mais que esteja ligada a um coletivo ainda é feita por uma motivação individual, logo podemos entender que diferentes retornos podem ser feitos por diferentes indivíduos em diferentes lugares do mundo.

Contudo ainda assim representam a cultura gaúcha, logo podemos entender que os retornos e não estão ligados com as mesmas motivações que eram utilizados quando consagrados, muitas

vezes com o objetivo de sobrevivência que hoje em dia não fazem sentido, logo esse caráter de repetição que não representa as finalidades originais pode configurar a criação de novos signos através de variações e estilizações dos modelos por diferentes motivações individuais.

3.2 Criação de novos signos

Nos basearemos em seis argumentos para reforçar a nossa reflexão que discute a possível criação de signos, são eles: A) Novas relações com a cultura gaúcha, B) Novas significações e os festivais, C) Globalização e a reinvenção da tradição, D) Representações individuais e coletivas e E) Veiculação estratégica dos materiais culturais.

Nosso primeiro argumento: Novas relações com a cultura gaúcha, que difere a relação com novos signos é o contexto que abre precedentes para que eles sejam inseridos na cultura, gerando uma nova emoção ou motivação para o retorno por meio de arquétipos que é feito, ou seja, quando entendemos que as tradições são inventadas podemos entender que existem inúmeras motivações de diferentes indivíduos, que fazem parte da cultura gaúcha pois são naturais do Rio Grande do Sul ou não, que os levam a se relacionar com esses signos por diferentes óticas pois existe uma pluralidade de estilos de vida no território gaúcho.

Podemos categoricamente entender que não existe só um nativismo possível, mas sim diferentes nativismos motivados por diferentes emoções, uma vez que os contatos com a cultura são feitos de maneiras distintas, tanto na transferência geracional, no convívio no círculo social das pessoas ou até mesmo remotamente pela internet, (e aqui podemos entender como diferentes resgates e mitificações) que são individuais a cada um que se sente representado por essa vertente cultural.

Nós partimos do ponto que diz respeito a invenção das tradições gaúchas e nesse sentido entendemos que esse mecanismo de defesa que foi a restrição do tradicionalismo para com transformações, podemos dizer assim, motivou a multiplicação desse fenômeno social por diferentes territorialidades, já que em um primeiro momento a experimentação dessa cultura se restringia ao Rio Grande, a partir da sua difusão e advento dos meios de comunicação o gaúcho pode se fazer presentes em vários lugares, quando interpretarmos essa passagem de NOGUE & RUFÍ, 2006 presente no texto de PANITIZ, ANO:

A sensação de estar indefeso, de impotência, de insegurança diante desse novo contexto de globalização e internacionalização dos fenômenos sociais, culturais, políticos e econômicos provoca um retorno aos microterritórios, às microssociedades, enfim ao lugar. A necessidade de se sentir identificado com um espaço específico é agora novamente sentida de forma viva, sem que isso signifique voltar inevitavelmente a formas pré-modernas de identidade territorial. NOGUE & RUFÍ (2006, p.205, apud PANITIZ, P. 89).

Entendemos que essa motivação em verdade não é um fenômeno exclusivo da cultura nativista gaúcha, mas que o movimento que foi feito na década de quarenta do século passado é também parte do processo de criação de novas significações, através da representação de realidades, localidades que podem estar relacionadas com a identidade do indivíduo, mas o que interessa é que é a identidade qual ele se sente representado. Já que as representações hoje em dia têm um caráter muito mais autônomo e partem de uma busca individual por representação.

A partir de que entendemos a necessidade em sentir-se pertencente a uma microsociedade, ou seja, uma aldeia que pode ser virtual ou existir apenas na idealização individual, como um cenário bucólico e pastoril que é a representação do território gaúcho por exemplo, muito embora o não viva e não seja oriundo desse universo o indivíduo acaba por se sentir representado por ele através de uma motivação individual.

Cria-se a possibilidade de representação de um povo que não necessariamente precisa estar presente no êxodo rural por exemplo, mas carrega elementos desse meio, ou seja, ele se sente representado quando usa uma bombacha, escuta uma música nativista, essa possibilidade cria uma vasta gama de significações plurais possíveis, já que a experimentação individual é livre de limites.

Podemos entender que cultura se encontra em movimento dadas as modificações societárias, como a ascensão econômica do povo, o acesso à educação, saúde e outros direitos básicos que eram negligenciados no meio rural, não seria nenhum absurdo dizer que possa existir uma experimentação estilizada da cultura gaúcha nos grandes centros urbanos, com novos jeitos de cevar mate, usar as pilchas tradicionais e consumir os produtos culturais.

O segundo argumento abrange as novas significações e os festivais. Quando falamos de transformações societárias não entramos no mérito de categorizar aqui pontualmente quais fazem parte desse processo histórico de transformação, o que nos é interessante é entender que o objeto, os festivais nativistas, por se tratar de festivais de música e por entender que essa manifestação artística é um poderoso veículo de representação social, pois transmite mensagens diretas e abrangem um grande público de maneira direta.

Podemos entender esse poder de carregar significações e transmitir mensagens de maneira direta que é inerente ao fenômeno musical como representação artística relacionada ao espaço geográfico em que se é produzida ou inspira a produção, já que os movimentos culturais, como é o caso do nativismo, assumem estéticas que são particulares, assim como podemos observar na obra de PANITZ:

Por Fenômeno musical entende-se um conjunto e uma interação de relações criativas, interpessoais, sociais, culturais, econômicas, espaciais e históricas que se expressa, no fazer musical. Sendo assim, analisando geograficamente o fenômeno musical, estamos exercitando reconhecer a dimensão geográfica contida nestas relações e suas interações decorrentes. [...] Ao contrário da literatura, da dança e das artes visuais, que possuem seu acesso restrito não só as questões de reprodução (galerias de arte, salas de cinema, teatro etc) e condições socioeconômicas de acesso (renda para usufruir de bens culturais), mas também por tempo de contato efetivo no dia-a-dia, a música, em especial a música popular, se faz presente no cotidiano sonoro de um sem números de pessoas e é, em nosso entendimento, a mais poderosa manifestação artística em comunicar representações sociais – não raro mistura outras linguagens artísticas, como o audiovisual, a literatura, o cinema e a dança. (PANITZ, 2010, p.76-77).

Entendemos que a música é poderosa por carregar e comunicar as representações sociais, isso é potencializado por sua fácil reprodução, que não passa necessariamente por exigir a presença dos indivíduos em um evento específico, diferente do teatro que exige que as pessoas estejam presentes na plateia, mas que pode estar ao alcance de qualquer um nas ondas de um rádio AM em uma localidade remota por exemplo, ou nos poucos megabytes de um MP3 gravado no Oeste gaúcho e reproduzido no Leste europeu.

É esse fácil acesso que configura um caráter poderoso para essa manifestação que carrega consigo representações que não se restringem mais a fronteiras físicas, já que o acesso a canções de diferentes localidades do mundo foi facilitado com o advento da internet, hoje as canções nativistas podem ganhar o mundo.

O que é interessante nesse argumento para além da representação que o nativismo pode carregar para fora do Estado é as relações dele com outros estilos musicais, da criação de novas redes de músicos e artistas que não só são nativistas, mas podem se identificar com essa estética e assim se cria a possibilidade de transformações dentro da cultura gaúcha através da relação com outros modelos, já que a música possibilita a mistura de linguagens, como o cinema, o audiovisual, a literatura, que agora não só é referente a cultura nativista.

Nosso terceiro argumento abrange a globalização e a reinvenção da tradição. E é nesse ponto que a globalização entra como um dos fatores determinantes para a possível criação de novos signos, pois o que era antes um inimigo diante da cultura gaúcha, hoje é um dos pontos que possibilita expandir os horizontes do nativismo musical, criando redes internacionais e possibilitando que o regionalismo gaúcho não esteja restrito a localidade do Rio Grande do Sul.

A globalização é um processo que unificou economias, e vertentes culturais, possibilitando a experimentação de elementos que antes se restringiam a uma certa localidade por pessoas de diferentes outras culturas, por exemplo, na cidade de São Paulo existe uma grande miscigenação étnica, por conta do processo de globalização é possível visitar São Paulo

e experimentar a culinária de vários lugares do mundo, comer comida chinesa feita por chineses no bairro da liberdade por exemplo, ou até mesmo comer comida árabe no centro da capital paulista feita por sírios ou libaneses.

A globalização ao invés de homogeneizar as culturas acaba por multiplica-las, pois ao aumentar as situações territoriais e inserir as mais distintas sociedades no sistema-mundo através do meio técnico-científico-internacional, faz de um lado ressurgir identidades abafadas por processos políticos e nacionalistas, e de outro lado faz surgir reelaborações de contextos culturais a partir da tradição. (PANITZ, 2010, p.94).

Mas as experimentações não se restringem a presença dos indivíduos, essas incursões gastronômicas podem ser feitas sem sair de casa com sistemas de entrega de comida, ou até mesmo encomendando os ingredientes via internet e cozinhando seguindo uma receita de uma vídeo-aula na internet.

A globalização cria a possibilidade de uma reelaboração de contextos sociais, embora carregue essa representação regional e suas significações tradicionais, o que de fato se torna interessante é justamente a relação de diferentes indivíduos, que podem ser ou não gaúchos, podem criar vínculos com a cultura ou apenas gostar de comer um churrasco, o fato é essas relações com o esses materiais culturais, nunca vão configurar os mesmos retornos e não são feitas a partir das mesmas motivações, abrindo precedentes para transformações e variações.

Nosso quarto argumento são as representações individuais e coletivas. Quando entendemos que todo esse processo passa pela veiculação de materiais culturais, no caso as músicas que são compostas nos festivais e a posteriori gravadas e distribuídas de diferentes maneiras, com discos físicos ou pelas plataformas digitais na internet, temos que considerar que existem atores importantes nesse processo de gravação e distribuição dessas composições, os produtores culturais, que muitas vezes são os próprios compositores, cantores e músicos, mas não configurando assim uma regra, existem muitos produtores que se esforçam em distribuir esses materiais.

É importante atentar que o que nos interessa aqui não é discutir a complexidade da cadeia fonográfica que se constitui através dos festivais, mas entender o papel dos atores que permeiam todo o processo, e nesse sentido quando uma composição é reproduzida existe todo um aporte trás daquele simples ato de dar o play em um aplicativo de celular por exemplo, devemos entender que esses indivíduos responsáveis pela produção e veiculação desses materiais tem um papel tão importante quanto os compositores musicais.

Logo se a difusão dos materiais é feita por pessoas que vislumbram variações no movimento nativista a forma como os materiais culturais serão distribuídos cria a possibilidade de transformações na relação do público com a cultura. É justamente nesse sentido que nos apoiaremos em PANITZ(ano), para entender que esses atores estão presentes em duas dimensões, que dizem respeito a identidade social de um coletivo, ou seja, um grupo de representação e a identidade pessoal do indivíduo que configura as divergências, uma vez que as identidades individuais nunca serão expressas em totalidade pelos materiais culturais e pelos grupos de representação ainda que admitindo muitos pontos convergentes, assim como podemos observar na passagem a seguir:

Os grupos retiram os elementos que compõem as representações sociais, inicialmente criadas por um grupo e objetivadas através dos processos comunicacionais, sendo elas mesma parte da cultura. A identidade (social) por fim seria o que caracteriza esse grupo social, ou seja, as representações que fazem do mundo e dos outros, criando distinção, e que se expressam tanto no nível coletivo quanto individual; no nível do indivíduo, além da cultura, das representações e da identidade social, encontra-se a identidade pessoal, que constitui a personalidade do indivíduo e o faz sentir-se diferenciado dos demais, ainda que admitindo os pontos de convergência com seu(s) grupo(s). (PANITZ, 2010, p. 92).

Devemos atentar para a subjetividade dessas duas dimensões, a identidade social, individual e coletiva, para que seja possível entender como as significações que são inerentes ao processo comunicacional, no caso entendemos aqui o processo de produção e veiculação das músicas nativistas compostas nos festivais da Fronteira Oeste. Em suma cabe dizer que os perfis dos produtores culturais estão intimamente ligados com as significações que os produtos veiculados vão carregar, entender os produtores culturais como agentes ativos dessa cultura é muito importante, pois é a partir deles que o público se relaciona com os materiais culturais.

A dimensão dos festivais é formada por um universo muito restrito e é só quando essas produções ganham o mundo, quando veiculadas que acabam por causar impactos sociais, pois se ninguém escuta as músicas elas não possuem poder sobre a sociedade, quando veiculadas elas criam uma possibilidade de transformação através da identificação do público, entender o papel do produtor cultural como a figura que media a criação das composições com o que o público se interessa em consumir é entender que existe uma mediação e poder transformador no movimento tradicionalista, pois entendemos um caráter estratégico na transformação do movimento.

Nosso quinto argumento: A veiculação estratégica dos materiais culturais. Para entender o tensionamento que existe no processo de veiculação dos materiais culturais, no caso os musicais, que relacionam as significações propostas pelos cantores, compositores, músicos e produtores culturais com a forma como o público recebe as músicas, já que os canais pelos quais são distribuídas, que podem ser a mídia tradicional com a rádio ou a mídia alternativa como a internet, atingem diferentes públicos, que podem ser segmentados em diferentes perfis, dado o modelo de consumo desses materiais, conseqüentemente existem diferentes retornos que variam em cada indivíduo.

Podemos observar que PANITZ (2010) propõem um par dialético que relaciona os conceitos de raízes e antenas, que imprime uma tensão identitária nos indivíduos, mas abre precedentes para a correlação de diferentes vertentes culturais pelos que consomem música por exemplo, logo os algoritmos⁹ podem associar esses dados de preferência do público e trazer indicações dizendo que quem escuta música nativista também escuta MPB por exemplo, criando novas correlações que não eram possibilitadas em um primeiro momento, colocando em variação a dureza dos modelos tradicionais que não se relacionavam com outras vertentes culturais em detrimento da perda da identidade.

Nas raízes estariam os registros das vivências pessoais e das relações sociais de poder no seu espaço de vida, das memórias coletivas locais, das matrizes societárias e inclusive das tradições inventadas (que em geral essencializam a própria identidade). Nas antenas estaria o sentido de captar características externas, globais. De fato, admitindo-se que na atual fase da globalização a compreensão espaço-tempo permitiu acessar e identificar-se com uma infinidade de lugares e representações externas, sem prescindir das suas próprias referências internas, as raízes e antenas seriam um par dialético que tencionaria a identidade. (PANITZ, 2010, p. 93).

Essas novas relações corroboram com o entendimento que propomos aqui de que a relação com os signos e a possibilidade de criação de novos signos, entendendo que as transformações se dão através de uma esfera individual e pessoal de diferentes repetições e retornos possíveis que variam de indivíduo para indivíduo, que podem ou não estar relacionados a um espaço geográfico de representação, essa dialogia de raízes e antenas categorizam a grande diversidade e gama de universos possíveis que são inerentes ao indivíduo, já que podem correlacionar inúmeras vertentes musicais dentre as suas preferências por exemplo, isso não se restringe ao público, mas também aos músicos que podem e se relacionam com vários universos temáticos.

⁹ Conjunto de técnicas para selecionar itens com base na interação e interesses dos usuários.

Mesmo inseridos em um grupo específico ainda assim possuem as suas particularidades a partir das suas relações com o mundo que são únicas, já que as experimentações são individuais e formam a identidade de cada um. Logo a partir de que entendemos o processo da criação de signos, explanamos o papel dos atores envolvidos nesse processo e as transformações que são inerentes a sociedade e nas formas de difusão de conteúdo, precisamos justamente trazer para o centro da discussão o outro elo que é constituinte desse universo nativista, o povo gaúcho e a forma com qual ele se relaciona com a cultura, que não é mais de maneira dura e restritiva, mas é uma relação de representação que é feita por variações e adaptações da cultura tradicional.

Essa reflexão teórica discutiu os fatores que tornam possível a criação de novos signos, entendemos que esse processo passa tanto por uma mudança na relação do público que consome os materiais culturais gaúchos, quanto pela forma que esses materiais estão sendo veiculado, sendo assim sistematizamos os argumentos que dão suporte para essa reflexão na TABELA 05 e os discutiremos a seguir.

TABELA 05 – Síntese criação de novos signos

Argumento	Síntese	Suporte para a hipótese
Novas relações com a cultura gaúcha	As novas significações possíveis acontecem mediadas pelas diferentes motivações do público em experimentar a cultura gaúcha	Entendimento da cultura em movimento, possibilitando transformações
Novas significações e os festivais	A música é uma ferramenta importante de difusão de significações	Relação de transformação que a música pode aferir nas pessoas e logo permite transformações sociais
Globalização e a reinvenção da tradição	A globalização nos dias atuais permite novos mecanismos de difusão e renovação dos movimentos culturais	Novas relações do nativismo que permitem transformações
Representações individuais e coletivas	O indivíduo é constituído por duas dimensões a individual e a coletiva, que não restringem a relação com uma única vertente cultural	A busca por materiais culturais não se restringe a movimentos culturais, mas estéticas de interesse do público
Veiculação estratégica dos materiais culturais	A forma como os materiais são veiculados atingem diferentes perfis de público	A relação com a cultura tradicionalista não é mais restritiva

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

A possibilidade de criação de novos signos está expressa em nosso trabalho a partir da união de cinco argumentos, o primeiro trata das novas significações que são possíveis dentro do movimento tradicionalista a partir de que entendemos que a cultura se encontra em movimento, ou seja, passa por transformações constantes, sendo assim entendemos que nesse processo a música é uma importante ferramenta no que diz respeito a transformação.

Pois expressa representações sociais e ao mesmo tempo que faz o movimento de influência para o público é influenciada no que toca os artistas que também se relacionam com a música de outros artistas, com variados ritmos e estilos musicais, possibilitando uma via de mão dupla por imprimir transformações na sociedade e absorver outras transformações.

Um mecanismo importante nesse processo é a globalização, que encurta as distâncias que não se restringem a espaços geográficos, uma vez que a internet não possui fronteiras e o nativismo passa a se relacionar com variadas vertentes culturais criando relações com elementos que antes o povo gaúcho não tinha contato, o papel de transformação também é projetado no público, já que existe uma mudança no perfil de consumo que não restringe mais a um consumo relacionado a uma vertente cultural única, mas sim estéticas que se relacionam e acabam por interessar diferentes tipos de pessoas.

Por fim é interessante entender que existem novas maneiras de veicular esses materiais culturais, existe uma super-segmentação do público, logo é possível distribuir músicas de maneiras distintas, para atingir diferentes perfis de pessoas e assim mudar a maneira do público se relacionar com o nativismo, já que cada pessoa pode consumir diferentes estilos de composições nativistas, que podem estar relacionadas com outras vertentes culturais, logo a relação com a cultura não é restritiva, mas passa por uma flexibilização que pode permitir relações com diferentes significações.

4. CAPÍTULO 3 – DESBRAVANDO OS SIGNOS CULTURAIS DOS FESTIVAIS DA FRONTEIRA OESTE: PESQUISANDO A REALIDADE

Introdução

Esse capítulo dará conta de todas as nossas construções que dizem respeito a pesquisa que estão divididas em quatro sessões: problema, hipótese, metodologia, objeto e observando a realidade, sendo assim trabalharemos o nosso problema que diz respeito a primeira sessão, detalhando os elementos que constituem o mesmo e entendendo de onde surgiram, entendemos que esse processo de construção deu origem a nossa argumentação hipotética que diz respeito a construção dos nossos instrumentos de análise.

Nossa segunda sessão diz respeito a metodologia que utilizamos para sustentar a nossa pesquisa, que é fundamentada através de instrumentos técnicos, que nos permite aferir análises sistematizadas que estão relacionados com o nosso objeto de pesquisa, sendo assim entramos na nossa terceira sessão que representa o nosso objeto, uma vez que detalharemos enquadramento e limites relacionados a cultura nativista que dão conta de uma parcela representativa na produção cultural nativista, mais nossas análises empíricas, nossa quarta sessão denominada observando a realidade contém todos os dados e discute nossas análises e apresenta todos os quadros construídos para a presente pesquisa.

4.1 Problema e Hipóteses

4.1.1 Problema de pesquisa

O problema de pesquisa proposto gira em torno de três elementos, que são as novas gerações de músicos do movimento nativista a produção cultural no universo dos festivais e os signos tradicionais gaúchos, a partir da relação desses três elementos criamos o problema: As novas gerações de músicos influenciam na produção cultural no universo dos festivais nativistas criando novos signos?

Nosso primeiro elemento constitutivo são as novas gerações de músicos nativistas, diz respeito aos artistas mais recentes nos festivais, que participam ativamente do circuito nativista, compondo músicas e movimentando o cenário cultural, em suma são artistas jovens que fazem parte do movimento nativista desde meados dos anos noventa e não necessariamente tem a sua dedicação exclusiva na música.

O segundo elemento diz respeito a produção cultural no cenário dos festivais, logo entendemos como a criação de produtos culturais, que se relacionam com a sociedade, podemos

entender como músicas, obras literárias, produções audiovisuais, etc. No caso obras que carregam a estética nativista, que são compostas nos festivais ou por artistas que participam dos mesmos e que são populares no Rio Grande do Sul.

Nosso terceiro elemento são os signos tradicionalistas, que são expressos nos materiais culturais e carregam significações e mediam a relação da sociedade com elementos tradicionais que representam a cultura, no caso a cultura gaúcha, os signos são responsáveis por exercer uma manutenção e deixar um legado da cultura, já que carrega a imagem do povo e através deles é possível criar representações através da identificação dos indivíduos.

4.1.2 Hipóteses

Hipótese 1 – A Resistência a criação de novos signos pelas novas gerações de músicos nativistas.

Tomaremos como hipótese que a nova geração de músicos nativistas não cria novos signos, apoiaremos essa afirmação em três elementos que constituem nossa argumentação hipotética, o primeiro A) respeito a consagração dos signos tradicionais gaúchos, o B) segundo fala sobre a defesa contra um inimigo externo e o terceiro argumento C) trata da possível estilização do tradicionalismo.

Nosso primeiro argumento possui dois elementos, o primeiro que trata da armazenagem e preservação da produção cultural gaúcha e o segundo diz respeito ao resgate tradicionalista, trabalharemos nossa hipótese seguindo de forma numerada os elementos que constituem nossos argumentos, sendo assim começamos com a armazenagem e preservação da produção cultural gaúcha, primeiro argumento:

Os fundadores do tradicionalismo tinham o entendimento de que era necessário fazer esse movimento de armazenagem e preservação para que fosse possível manter vivas as tradições gaúchas para as futuras gerações, somente facilitando o acesso e reprodução dos materiais culturais seria possível replicar a cultura gaúcha para que a mesma se mantivesse viva para as futuras gerações.

Entendemos que esse movimento que Barbosa Lessa capitaneou nos anos quarenta, com a criação do CTG 35 dando início ao que conhecemos hoje como movimento tradicionalista, teve a sua origem na década de quarenta na cidade de Porto Alegre-RS e tinha o objetivo de armazenar os materiais culturais do Rio Grande do Sul, no sentido de reunir tudo que se entendia

representar a imagem do gaúcho, como a música, a literatura, os costumes, as vestes, as expressões típicas, entre outros. Através da armazenagem dos materiais culturais gaúchos foi dado o primeiro passo para que os signos tradicionais pudessem ser consagrados.

Logo podemos entender que esse movimento de armazenagem e preservação dos materiais culturais acarretou em um resgate cultural que diz respeito ao nosso segundo elemento que constitui o argumento da consagração dos signos tradicionais e que representam o tradicionalismo até os dias de hoje.

Pois a reunião de todos esses materiais possibilitou criar um capital cultural que diz respeito a imagem do gaúcho, era preciso armazená-los pois os elementos culturais que não possuíam registros estavam se perdendo dada a dificuldade de acesso a eles, devemos atentar que o ponto de partida para a difusão da cultura gaúcha é basilar para a hipótese levantada, pois a partir desse movimento de resgate foram consagrados os signos tradicionalistas, como as roupas, os costumes, entre outros, que edificaram a imagem do gaúcho e foram replicados a exaustão até serem tomados como a representação de todo ser humano que nasce no Rio Grande do Sul.

Nosso segundo argumento diz respeito a uma defesa contra um inimigo externo, partimos da lógica de que a difusão feita pelo resgate cultural tradicionalista que consagrou os signos tradicionais gaúchos aconteceu, pois, existia uma resistência no que dizia respeito a aceitar mudanças sociais que poderiam interferir na relação do povo com a cultura do Estado. Esse argumento possui dois elementos constitutivos, o primeiro diz respeito a uma proteção frente a ameaça da aculturação e o segundo é a reprodutibilidade técnica da cultura gaúcha.

Existia um medo que dizia respeito a uma aculturação que os produtos culturais estrangeiros podiam causar, em verdade o medo que afligia a turma de Lessa era de ver os costumes com os quais eles foram educados morrer em detrimento da absorção da cultura estrangeira pelo povo gaúcho, nesse sentido surgiu a necessidade de manter viva as tradições gaúchas, já que a divisão do protagonismo no Rio Grande estava possivelmente ameaçada por outras vertentes culturais que passaram a se correlacionar com o tradicionalismo, muito por conta do advento da indústria cultural e dos meios de comunicação, sendo assim era preciso ‘concorrer’ com essas ameaças.

Essa concorrência dizia respeito a aumentar o campo de atuação do nativismo, ou seja, ampliar o acesso à cultura, no que tange nosso segundo elemento que é a reprodutibilidade técnica, já que para concorrer com outros materiais culturais era preciso entender as lógicas da indústria fonográfica e usá-las a seu favor.

A reprodutibilidade técnica diz respeito as diferentes formas de difusão e de consumo de conteúdo, que sofrem transformações dinâmicas e se reconfiguram ao ponto que as tecnologias se desenvolvem, o tradicionalismo surfou nas ondas do FM e marcou presença nas rádios, ampliou o seu alcance com a venda de discos e se tornou extremamente popular em solo gaúcho, ou seja, como mecanismo de defesa frente as ameaças externas que diziam respeito a entrada de outros estilos de materiais culturais de outras vertentes, houve ao mesmo tempo um movimento de expansão, que tomou conta do Estado carregando os signos tradicionais gaúchos, esses não sofreram alterações já que a defesa contra inimigos externos era mediada justamente pela necessidade de não alterar as bases da cultura gaúcha.

Nosso terceiro argumento hipotético diz que as novas gerações de músicos nativistas em verdade não criam novos signos pois promovem uma estilização do tradicionalismo, esse argumento é formado por dois elementos, o primeiro diz respeito a forma como as narrativas são transmitidas e executadas e o segundo diz respeito ao perfil do compositores e músicos que não necessariamente tem uma experimentação direta com as bases do tradicionalismo.

Começamos discutindo a forma como as narrativas são transmitidas e podemos analogamente relacionar com os esforços das novas gerações do movimento nativista, que em verdade não criaram novos signos, mas sim reproduziam uma falsa nostalgia, estilizando certo ponto o tradicionalismo a partir da proposta de novas estéticas musicais, misturando elementos da cultura universal, tanto nas composições, quanto nos costumes, que na verdade fizeram o movimento de dar outras roupagens para reprodução dos signos tradicionais consagrados, relacionados aos hábitos do homem do campo, seus objetos, etc. Em outras palavras modernizaram a forma, mas não o conteúdo, ou seja, continuaram a exemplo do que Lessa fez na década de quarenta a fazer um resgate das tradições.

Nosso segundo elemento que completa o terceiro argumento hipotético diz respeito ao perfil dos músicos e compositores, já que ao decorrer das transformações sociais que acometeram o Rio Grande do Sul, transformações referentes ao estilo de vida das pessoas, já que nos centros urbanos a vida é muito diferente do que na campanha, houve uma diminuição da experimentação direta das pessoas com as bases tradicionais da cultura gaúcha.

Logo a estilização do tradicionalismo passa pela relação das novas gerações de músicos com a tradição, que não necessariamente se dá de forma direta nem cotidiana, mas sim pela representação das significações por meio da estética do movimento nativista, mas ainda assim lembrando os signos tradicionais criando uma tensão na possibilidade da criação de novos signos.

Discutidos todos argumentos que constituem a nossa primeira hipótese sistematizamos eles na TABELA 06, para facilitar a visualização de todos os argumentos hipotéticos e seus elementos constitutivos, uma vez que foi a partir da criação das tabelas que se originaram nossos instrumentos de análise que daremos conta nas sessões subsequentes desse capítulo.

TABELA 06 – Síntese Hipótese 1

Argumento	Elementos constitutivos
1) Consagração dos signos tradicionais gaúchos	<ul style="list-style-type: none"> • Armazenagem e preservação da produção cultural gaúcha • resgate cultural tradicionalista
2) Defesa contra um inimigo externo	<ul style="list-style-type: none"> • Proteção frente a ameaça da aculturação que poderia acontecer por conta da globalização. • Reprodutibilidade técnica da cultura gaúcha • Difusão e popularização pelo Rio Grande do Sul
3) Estilização do tradicionalismo	<ul style="list-style-type: none"> • Estilização na forma de como as narrativas são transmitidas reproduzindo os mesmos signos tradicionais. • Reprodução da nostalgia pelas novas gerações de músicos nativista que não parte necessariamente pela experimentação real dos autores.

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Nossa pesquisa é norteada por duas hipóteses, nesse sentido daremos continuidade a essa discussão que agora se volta para os argumentos e elementos constitutivos que dão conta da segunda hipótese, denominada “A possível criação de signos pelas novas gerações de músicos nativistas”.

Hipótese 2 – A criação de signos pelas novas gerações de músicos nativistas.

Partimos da hipótese de que as novas gerações de músicos nativistas criam novos signos a partir das suas produções artísticas, sejam músicas ou poesias, o universo onde essa criação de signos acontece são os festivais nativistas, sendo assim nos apoiaremos em dois argumentos hipotéticos que são A) o processo de ruptura com os signos tradicionais gaúchos e B) a criação de novos signos.

Cada um desses argumentos é constituído por elementos que ajudam a dar sustentação na discussão da hipótese, no que diz respeito ao primeiro argumento os elementos que o constituem são, a reatualização da cultura e a ruptura com os signos tradicionais de modo a criar variações para os mesmos.

Podemos entender que todo processo de ruptura também diz respeito a uma continuidade, no caso quando nos voltamos para o movimento nativista gaúcho entendemos que as possíveis rupturas feitas partem da motivação em reatualizar a cultura, já que para que sejam propostas variações de elementos tradicionais é preciso dominar e conhecer os seus formatos originais, para que as atualizações sejam feitas com propriedade e de forma densa.

Podemos entender que o estilo de vida que existe hoje se trata de derivações dos modelos consagrados, essas derivações embora façam referência as motivações originais, já que os hábitos originais estavam relacionados muitas vezes a questões de sobrevivência, não ficam restritas a elas, logo abrem a possibilidade de variações no que diz respeito a mudança de relação com a cultura tradicional, que deixa de ser restritiva e passa a estar ligada a motivações individuais.

Nesse sentido é possível a discussão do nosso segundo elemento que forma o nosso argumento de ruptura com os signos tradicionais gaúchos, já que a possibilidade de criar variações dos signos tradicionais está ligado tanto na motivação das pessoas em reproduzirem hábitos, que pode estar ligado tanto em emoções e lembranças, (aqui entendemos que sejam relacionados aos signos tradicionais que tem um caráter geracional) quanto na busca por representação e identificação, que não passa pela experimentação direta, mas sim por uma busca por identidade e tem um caráter individual e emancipado, já que as pessoas possuem a liberdade de buscar as representações que julgam interessante.

Essa busca por representação não necessariamente passa pelos limites impostos pelo MTG e pode ser reproduzida pela repetição de arquétipos, para sustentar o nosso argumento traremos um exemplo de variação de arquétipo que configura uma dimensão de significações individuais e de todo modo acaba por proporcionar uma atualização na relação com os signos tradicionais gaúchos.

Partimos de um elemento que representa a cultura gaúcha para ilustrar como essas variações podem ser dadas, a bombacha, que faz parte da indumentária tradicional gaúcha e é originalmente utilizada com botas de couro e guaiaca, são largas e abotoadas nos tornozelos para que ao montar no cavalo não saiam para fora do cano da bota, sua função original é bastante funcional e serve como instrumento para a lida no campo.

Dadas as buscas por representação que podem configurar variações e desolidarizar os objetos das suas significações originais, os indivíduos podem modificar os formatos, os materiais que as bombachas são confeccionadas, podendo utilizá-las com tênis em variação a bota, tudo isso não mais por uma questão de facilitar a lida no campo, mas sim como uma questão de estilo e gosto pessoal, é presente nas apresentações do Compositor nativista Fernando Saldanha o uso de bombachas com estampas tie-dye¹⁰ podemos entender como uma atualização da bombacha e logo uma variação dos signos tradicionais gaúchos.

Nosso segundo argumento trata da possível criação de signos pelo movimento nativista, nesse sentido entenderemos que esse processo passa por três elementos, que dizem respeito a mudança de perfil dos produtores culturais, a descentralização da cultura gaúcha e a abordagem de outras temáticas na produção cultural.

Entendemos que são os produtores culturais, músicos e compositores os responsáveis pela mediação dos signos que são expressos pelos materiais culturais e consumidos pelo público, logo quando esses agentes possuem uma visão mais ampla de mundo, não só a visão da porteira pra dentro da estância, mas uma visão para além das planícies pastoris e que permitiram ao gaúcho ganhar o mundo e ir até além dele, são possíveis novas formas de cantar a realidade do homem do campo, através de colagens que se inspiram em canções da música universal e até uma mescla de ritmos. Não é comum pensar em fazer um samba gaúcho até então, mas esse ritmo foi reproduzido por músicos nativistas por exemplo, essa variação não era comumente aceita dentro do movimento tradicionalista.

Essa mudança de perfil ganha importância à medida que a cultura nativista é produzida de maneira independente, o que diz respeito ao nosso segundo elemento constitutivo do argumento, já que os novos mecanismos de difusão permitem que a produção seja feita de maneira muito mais autônoma e liberta de crivos que antes eram impostos no fazer artístico nativista, hoje a produção não é descompromissada com as estéticas no movimento, mas permite variações rítmicas e temáticas, como podemos observar no poema cantado “Assimetria” do produtor cultural Leonardo Gadea¹¹, ou na composição “Delicadeza” de Adriano Zuli¹², que foi feita durante o festival da Taipa e possui elementos como guitarras, sintetizadores e ritmos que não são originais dentro do movimento nativista.

¹⁰ Do inglês “amarrar”(tie) e tingir(dye) é, sobretudo, uma forma de arte. É criar padrões de cor no tecido das mais variadas formas, utilizando as cores que você bem entender.

¹¹ Produtor cultural de Santana do Livramento que desenvolve trabalhos em Santa Maria junto com músicos nativistas.

¹² Músicos e compositor santa-mariense, atua no grupo Geringonça e possui um trabalho solo chamado Zuli.

Isso abre precedentes para o nosso último argumento que diz respeito a incorporação e abordagem de outras temáticas na produção cultural, sendo assim entendemos que os algoritmos que são hoje os grandes responsáveis por distribuir os materiais culturais para as pessoas através dos aplicativos de *streaming*, relacionando padrões e estéticas com o gosto pessoal dos indivíduos, são uma ferramenta estratégica para a produção cultural nativista, já que abre-se a possibilidade de produzir materiais que representem cada faixa particular do público, que podem dizer respeito a composições mais puristas ou mais alternativas dentro do movimento nativista e logo possibilitar novas significações e relações.

Entendemos que o processo de criação de signos se faz possível através de uma atualização do nativismo, que passa pelas motivações individuais e diferentes buscas por representações que não restringe os indivíduos a normativas e restrições, sistematizamos nossa discussão hipotética na TABELA 07 para facilitar o entendimento de nossos argumentos e elementos que os constituem.

TABELA 07 – Síntese hipótese 2

Argumento	Elemento constitutivo
1) Processo de ruptura com os signos tradicionais gaúchos	<ul style="list-style-type: none"> • Reatualização da cultura • Ruptura com os signos tradicionais de modo a criar variações para os mesmos
2) Criação de novos signos	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança no perfil dos produtores culturais • Descentralização da produção cultural gaúcha • Abordagem de outras temáticas na produção cultural

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Com isso concluímos a nossa discussão hipotética que serviu como base para estruturação da pesquisa e também como ferramenta de análise para as investigações que fizemos e que estão presentes nas sessões seguintes.

4.2 Metodologia

4.2.1 Técnicas de pesquisa

Entendemos que as técnicas de pesquisa em suma são o conjunto de processos que viabilizam a pesquisa, é o que media toda averiguação científica de forma sistematizada, a partir do levantamento de dados que serviram como subsídio ao trabalho de campo realizado, pois foi necessário conhecer bem o objeto que está sendo estudado, para que não sejam feitos esforços desnecessários, que podem tirar o foco principal da pesquisa, que no nosso caso são as relações de músicos nativistas com os signos tradicionais gaúchos.

Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. Esse material-fonte geral é útil não só por trazer conhecimentos que servem de *back-ground* ao campo de interesse, como também para evitar possíveis duplicações e/ou esforços desnecessários; pode, ainda, sugerir problemas e hipóteses e orientar para outras fontes de coleta (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174).

Devem ser elencados os tipos de pesquisa que serão aplicadas para que sejam coletados os dados por meio dos instrumentos selecionados e assim seja possível traçar análises, nesse sentido a julgar o objeto que estamos estudando que no nosso caso são os festivais nativistas, utilizamos a entrevista, que consiste em reunir duas pessoas já identificadas na amostra na seção 3.2.3 que diz respeito aos procedimentos, no processo de entrevista uma das pessoas coleta as informações sobre determinado assunto, que no nosso caso diz respeito aos signos nativistas a partir da influência das novas gerações de músicos nativistas na produção cultural.

A entrevista é feita mediante uma conversação de natureza profissional, que serve para a criação de um diagnóstico de um problema social, ou em uma investigação social, nesse sentido buscamos fazer uma investigação que trata de uma questão de natureza social, que é a relação dos novos músicos nativistas com os signos tradicionais gaúchos, uma vez que a expressão, difusão e significação da cultura e a influência disso para com a sociedade expressa relações que inferem influências na sociedade.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195).

A técnica referenciada deu conta de sistematizar as informações obtidas com entrevistados que compõe os festivais da Barranca e Taipa da Canção as entrevistas foram mediadas por um roteiro semiestruturado que serviu de referência inicial e que foi modificado no decorrer da conversação que foi gravada e transcrita durante a pesquisa.

Também foi utilizado como metodologia o questionário, que é um instrumento de coleta de dados, formado por uma série ordenada de perguntas ordenadas, que no caso foram elaboradas

a partir das hipóteses que levantamos para responder o problema, o questionário diz respeito a observação direta extensiva, é a observação feita mediada formulário, por exemplo.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 201).

Nosso formulário foi disponibilizado pelo whatsapp, que se trata de um aplicativo de mensagens, o aplicativo permite a troca de mensagens entre usuários de forma gratuita, utilizando apenas a rede móvel do dispositivo celular, os formulários estavam hospedados na ferramenta do google que se chama google docs, que é uma ferramenta de formulários online e é gratuita.

4.2.2 Procedimentos para coleta de dados

Os procedimentos que constituíram a pesquisa consistem em definir o problema de pesquisa que explicita de forma clara, compreensível e operacional um enunciado com caráter interrogativo e que carece de uma pesquisa para que o mesmo seja revolido, através de processos científicos, através da delimitação do problema é possível deixar a pesquisa única, já que o objeto de estudo aliado com o foco proposto, configuram a possibilidade de tornar o problema de pesquisa único.

Formular o problema consiste em dizer, de maneira explícita, clara, compreensível e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características. Desta forma, o objetivo da formulação do problema da pesquisa é tomá-lo individualizado, específico, inconfundível" (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 127).

Nosso primeiro procedimento foi criar o problema de pesquisa: As novas gerações influenciam na produção cultural no universo dos festivais nativistas criando novos signos? Já apresentado na sessão 3.1, esse procedimento levou cerca de dois meses para ser concluído e definiu o recorte da pesquisa, durante o processo foram elaborados oito problemas, sendo assim cruzamos os elementos que eram presentes em todos e sintetizamos em um só que utilizamos nesse trabalho, todo esse movimento de criação baseou nossos estudos e possibilitou a criação das nossas hipóteses.

Nosso segundo procedimento foi a criação das nossas hipóteses, que são relacionadas ao problema com o sentido de responder provisoriamente o mesmo, para orientar a pesquisa e colocar em suspensão o objeto que será analisado, sendo assim trabalharemos com duas

hipóteses, que são sentenças que respondem o problema de maneira detalhada e configuram consistência para a pesquisa.

Uma vez formulado o problema, com a certeza de ser cientificamente válido, propõe-se uma resposta "suposta, provável e provisória", isto é, uma hipótese. Ambos, problemas e hipóteses, são enunciados de relações entre variáveis (fatos, fenômenos); a diferença reside em que o problema constitui sentença interrogativa e a hipótese, sentença afirmativa mais detalhada (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 127-128).

A primeira é que as novas gerações de músicos nativistas não criam novos signos; a segunda fala que as novas gerações criam novos signos, pois as mesmas a partir de uma atualização do nativismo, ambas foram apresentadas na sessão 3.1.

As hipóteses foram criadas através da formulação de dois quadros presentes no capítulo 1 e capítulo 2, esses quadros tem o objetivo de sistematizar a reflexão teórica proposta para o presente trabalho, sendo assim nos baseamos nessa síntese para responder de maneira hipotética nosso problema de pesquisa, com o objetivo de criar dois novos quadros síntese, um representando cada hipótese e apresentando os argumentos hipotéticos de cada uma, além dos elementos que formam cada argumento, para que pudéssemos criar nossos instrumentos de análise, roteiro das entrevistas e questionários.

Tendo em vista que a nossa pesquisa discute as influências das novas gerações de músicos nativistas na produção cultural, nosso terceiro procedimento foi de elencar a nossa amostra, que diz respeito a músicos e compositores que possuem uma notoriedade dentro do universo dos festivais nativistas, por conta dos prêmios que ambos conquistaram na sua carreira artística dentro do circuito de festivais.

Além de que os mesmos são acessíveis para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que possuem relação com o autor do trabalho pela atuação no universo dos festivais como fotógrafo, sendo assim foram elencados três cantatores que participam dos dois festivais, são eles Pirisca Grecco, Rafael Ovídio e Fernando Saldanha,

Também foi utilizado como fonte dessa pesquisa o grupo no aplicativo de troca de mensagens whatsapp que reúne participantes dos dois festivais que são o objeto de pesquisa da nossa análise e que serão descritos no item 3. O Festival da Taipa e o Festival da Barranca e conta com um total de sessenta pessoas, o grupo tem a finalidade de compartilhar informações sobre o universo nativista e manter a relação entre os participantes que vivem em diferentes locais do estado e geralmente restringem os seus encontros aos festivais que acontecem uma vez a cada ano, dentre eles se encontram participantes que ajudam na logística, participam como expectadores e também cantores e compositores.

Nesse sentido coletamos as opiniões de 22 respondentes que serão expressas no item 3.4, nesse caso nos baseamos na regra da representatividade que diz que a amostra elencada é interessante a partir de que é uma parte representativa do universo inicial.

Regra da representatividade. A análise pode efectuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Neste caso os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo (BARDIN, 1977, p. 97).

Nosso quarto passo foi a elaboração das nossas ferramentas de análise, que derivaram das nossas hipóteses e se subdividiram em três momentos, são eles:

Primeiro momento: a obtenção de dados junto com os entrevistados foi elaborado um questionário (ANEXO 1) semiestruturado para a condução da entrevista, esse questionário norteou a mesma, por ser semiestruturado possibilitou que fossem feitos outros questionamentos a julgar o andamento da entrevista.

A criação desses questionários foi mediada por estudos e experimentações e testes, inicialmente desenvolvemos sete versões, e fomos aprimorando o mesmo, ele contém sessões que buscam identificar os de perfil dos entrevistados, como a idade, cidade de origem e o perfil de engajamento com os festivais, além dos blocos que dizem respeito ao teste das hipóteses, cada hipótese recebeu cinco perguntas.

Cada bloco de questões diz respeito a um argumento hipotético das hipóteses formuladas para a pesquisa e cada questão de cada bloco diz respeito a um elemento que forma os argumentos, assim conseguimos unir a nossa reflexão teórica, hipotética e análise com uma unidade que rodeia todos os elementos do trabalho.

Segundo momento: Para a obtenção de dados no grupo do WhatsApp foi elaborado um questionário estruturado com questões abertas e fechadas, com a finalidade de reunir variáveis tanto qualitativas como quantitativas. O questionário estruturado foi criado a partir da mesma lógica que desenvolvemos para o questionário aberto do passo anterior, a diferença é que foram desenvolvidas alternativas para serem selecionadas pelos respondentes.

Sendo assim a exemplo do questionário semiestruturado do primeiro passo, o questionário estruturado é formado por um bloco de questões referentes ao perfil dos respondentes, idades, cidade, tempo de participação nos festivais e duas questões para captar o perfil de engajamento com os festivais, que diziam respeito da importância dos festivais para os respondentes e também outros tipos evento culturais que os motiva.

As perguntas seguintes diziam respeito aos testes das hipóteses, as cinco primeiras condizentes a primeira hipótese e as cinco seguintes a segunda hipótese, cada grupo de cinco

perguntas foi dividido em três blocos, cada bloco condizente a um argumento hipotético, dentro de cada bloco as perguntas davam conta dos elementos que formam nossos argumentos hipotéticos.

Esse nosso questionário passou por um pré-teste para minimizar as possíveis dificuldades encontradas pelos respondentes e assim minimizar as possibilidades de erros de interpretação e maximizar a assertividade da ferramenta.

Terceiro momento: Também foi elaborado um termo de livre consentimento, que trata de esclarecer os objetivos da entrevista, os interesses da pesquisa e deixando claro que os entrevistados permitem o uso das informações coletadas pelo período de cinco anos.

Nosso quinto passo foi a execução das entrevistas e questionários, essa execução foi dividida em dois momentos, a execução das entrevistas e a execução dos questionários, sendo assim detalharemos esses dois passos:

Primeiro momento: Duas entrevistas aconteceram *in loco* e foram captadas através de um gravador de áudio digital, aconteceram no município de Uruguaiana-RS, e os entrevistados foram Fernando Saldanha e Rafael Ovídio, ambas entrevistas aconteceram no dia 22 de setembro de 2019 e foram agendadas por intermédio do whatsapp.

A entrevista com Fernando Saldanha aconteceu no bar Buena Vista por volta das 20 horas do dia citado, teve a duração de cerca de oitenta minutos e teve uma recepção bastante positiva por parte do entrevistado, que foi bastante solícito com a pesquisa. A entrevista com Rafael Ovídio aconteceu no atelier do poeta e aconteceu por volta das 21 horas durou cerca de uma hora e teve um clima de colaboração bastante engajado por parte do entrevistado.

A entrevista feita com Pirisca Grecco aconteceu no dia 30 de outubro foi agendada por meio do whatsapp e foi executada em torno das 21:30 horas e foi feita por meio de uma chamada de vídeo pelo celular, que estava conectado a um gravador para que fosse possível a captação do áudio, a duração foi de cinquenta minutos e foi muito positiva para a pesquisa.

Segundo momento: No caso dos questionários elaboramos um convite para o grupo do whatsapp onde estão os participantes do Festival da Taipa e da Barranca, esperando a adesão espontânea dos participantes, foram 22 respondentes que fixaram as suas respostas em um questionário na plataforma do google docs que apresenta de forma gráfica as respostas e facilita a sistematização dos dados obtidos.

4.2.3 Procedimentos de análise

Para traçar as análises propostas para o seguinte trabalho seguimos o modelo de sistematização de Bardin, que divide o processo em três etapas:

A primeira é a pré-análise, que consistiu na organização propriamente dita dos materiais coletados, nesse sentido essa etapa respondeu a sistematização e organização dos dados que coletamos, podemos nos apoiar no que fala Bardin já que dizem respeito aos indicadores que fundamentaram a interpretação final, é importante entender que esse processo não se dá de forma linear e que a ordem das ações pode variar ou acontecerem concomitantemente.

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objectivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Recorrendo ou não ao ordenador, trata-se de estabelecer um programa que, podendo ser flexível (quer dizer, que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise), deve, no entanto, ser preciso (BARDIN, 1977, p. 95).

A segunda é a exploração do material, uma vez terminadas todas as operações da pré-análise a exploração do material nada mais é do que a análise propriamente dita do que foi coletado, seja mecanicamente ou digitalmente, logo está foi a fase que deteve mais tempo na pesquisa, pois se trata das operações de assimilação do conteúdo coletado, através de cruzamentos com o que categorizamos em nossas hipóteses e sistematizamos em nossas tabelas que serviram como nossos instrumentos que tornaram possíveis nossas análises.

Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efectuadas pelo ordenador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas (BARDIN, 1977, p. 101).

A terceira é o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, devemos entender que o tratamento nada mais é do que a leitura que foi feita dos dados coletados, a partir da testagem, seja ela feita de forma estatística ou interpretativa, no sentido de apresentar conclusões a partir de resultados significativos e fiéis para que pudéssemos as traçar análises e assim fosse possível aferir se o objetivo proposto foi alcançado ou se foram identificadas outras descobertas que não foram projetadas criando a necessidade de outras averiguações a partir de novas dimensões teóricas que possam dar conta de tudo.

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise factorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. Para um maior rigor, estes resultados são submetidos a provas estatísticas, assim como a testes de

validação. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. Por outro lado, os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas, podem servir de base a uma outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticada graças a técnicas diferentes (BARDIN, 1977, p. 101).

Nosso movimento de análises se deu mediado por nossas hipóteses, que surgiram da nossa reflexão teórica, logo conferiram uma unidade no que diz respeito aos elementos que fundamentam a nossa pesquisa, que são nossos elementos teóricos, hipotéticos e instrumentos de análise.

4.3 Objeto de Pesquisa

O objeto de interesse desse estudo são os festivais nativistas que acontecem na Fronteira Oeste Gaúcha, nesse sentido foram elencados dois festivais que são tradicionais na região, o Festival da Barranca e a Taipa da Canção, ambos possuem o mesmo modelo, consistem em reunir ‘cantautores¹³’ convidados, os mesmos ficam acampados em uma espécie de isolamento campeiro, geralmente no caso do Festival da Barranca na localidade chamada Albaruska em São Borja – RS e no caso do Festival da Taipa na estância Itaoca em Uruguaiana-RS, o festival da Barranca está na sua 48ª edição e o festival da Taipa na 20ª.

Esses festivais se assemelham pois acontecem em um único final de semana e são restritos a convidados, que trocam experiências e convivem em espaços de troca, que dizem respeito a trocas técnicas que podem colaborar na composição musical dos envolvidos ou trocas que dizem respeito aos relacionamentos criados, novos vínculos de amizade ou manutenção de antigos, que possibilitam a criação de redes de contato, uma vez que a maior parte dos participantes dos festivais estão inseridos nos meios culturais por serem artistas ou produtores, logo se criam novas possibilidades de atuação, o convívio se dá por meio dos acampamentos que permitem mútua convivência, que propicia trocas e colaborações nas composições. Os festivais consistem em distribuir o mesmo tema para todos os cantautores e em formato de competição são eleitas as composições vencedoras, que devem ser inéditas, compostas durante o festival e executadas em um palco para todos os presentes, a única coisa que difere no modelo dos dois festivais é que no caso do Festival da Barranca os vencedores são escolhidos por intermédio de um júri que varia a cada ano do festival e que é escolhido pelos organizadores do evento, que é o grupo de arte Os Angueras¹⁴, no caso da Taipa da Canção a escolha dos

¹³ Termo utilizado para caracterizar os cantores e compositores nativistas.

¹⁴ Fundado em 10 de março de 1962, com atuação permanente nos campos da música, do teatro, da literatura regional e da pesquisa de folclore

vencedores é feita por meio de voto aberto de todos os participantes do Festival, em verdade os dois festivais se assemelham bastante na sua configuração.

4.4 Analisando os dados

4.4.1 Introdução

Vamos iniciar a análise dos dados obtidos na referente pesquisa que foram coletados e organizados a partir do nosso problema de pesquisa e hipóteses, conforme detalhado na metodologia no item 3.2, nesse sentido nosso problema de pesquisa gira em torno do questionamento: As novas gerações de músicos influenciam na produção cultural no universo dos festivais nativistas criando novos signos?

Nosso problema é constituído por três elementos, A) as novas gerações de músicos nativistas, B) a produção cultural, C) são os signos gaúchos, o movimento que fazemos é de investigar a relação das novas gerações de músicos nativistas e a sua influência na produção cultural no sentido de identificar se os mesmos possibilitam a criação de novos signos ou não.

O recorte geográfico feito se restringe à Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, por ser a região onde surgiram os primeiros festivais nativistas na década de setenta. Foram escolhidos dois festivais de grande expressão, por serem festivais tradicionais que estão presentes ativamente no circuito nativista um a cerca de cinquenta anos e o outro completando vinte anos no ano de 2019, um na cidade de São Borja – RS e outro em Uruguaiana – RS, respectivamente o Festival da Barranca e o Festival da Taipa.

Para nortear a pesquisa construímos duas hipóteses (conforme descrito densamente na seção 3.1):

A) as novas gerações de músicos dos festivais nativistas da Fronteira Oeste criam novos signos, como relações da imagem do gaúcho com um mundo modernizado se relacionando com o mundo globalizado e questões sociais como o papel do negro e da mulher dentro da cultura gaúcha por exemplo.

B) a segunda hipótese é de que as novas gerações de músicos dos festivais nativistas da Fronteira Oeste não criam novos signos, reproduzem as mesmas significações dentro das composições, mas admite-se que haja uma mudança na forma como são executadas, mas não existe um movimento de ruptura com os signos tradicionais por exemplo.

Foi a partir dessas duas hipóteses que construímos o nosso questionário, cada hipótese é formada por três elementos constitutivos, ao total são seis elementos que formam os seis blocos que dão origem a nossa ferramenta de análise, também existe um bloco complementar referente ao perfil da nossa amostra.

Sendo assim o questionário é constituído no seu primeiro bloco com quatro questões relacionadas ao perfil dos participantes, idade, cidade, o tempo de participação nos dois festivais selecionados e a sua relação com eles, cantor, autor, instrumentista, etc. E duas não obrigatórias e abertas que tem como objetivo averiguar qual importância esses participantes dão para os festivais e se os mesmos não participassem desse tipo de evento por qual outro eles se interessariam, para captar o perfil de engajamento dos participantes. Na sequência as questões são divididas por bloco seguindo os argumentos hipotéticos, cada bloco com duas questões, exceto os dois últimos que recebem uma questão cada, sendo assim são esses os blocos que configuram o nosso questionário e ferramenta de análise:

Bloco 1 – Dados de perfil

Bloco 2 – Consagração dos signos tradicionais gaúchos

Bloco 3 – Defesa contra um inimigo externo

Bloco 4 – Estilização do tradicionalismo

Bloco 5 – Processo de possível ruptura com os signos tradicionais gaúchos

Bloco 6 – Criação de novos signos

Assim estruturamos a nossa pesquisa nomeada de: Tradições, signos e gerações: uma análise da expressão do nativismo na Fronteira Oeste, constituída por seis questões relacionadas ao perfil dos participante e dez questões baseadas nos elementos constitutivos de análise formulados a partir de nossas duas hipóteses. Foi aplicada em um grupo do WhatsApp (conforme descrito na seção 3.2) que é formado por sessenta e um participantes que fazem parte do festival da Barranca e da Taipa, foram obtidas vinte e duas respostas, aproximadamente 36% dos participantes.

4.4.2 Bloco Perfil da amostra

Começaremos a nossa análise com os dados de perfil – Tabela 08, essa primeira questão tem o objetivo de identificar qual é a faixa etária dos nossos entrevistados, com o objetivo de traçar um perfil da nossa amostra.

TABELA 08 – FAIXA ETÁRIA

Idade		
Faixa etária	Frequência	%
19 – 25 anos	3	13,63%
26 – 30 anos	3	13,63%
31 – 35 anos	2	9,09%
36 – 40 anos	2	9,09%
41 – 50 anos	6	27,27%
Mais de 50 anos	6	27,27%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Nesse sentido podemos observar que as duas frequências que mais apareceram na amostra se encontram na faixa de 41 a 50 anos e mais de 50 anos, totalizando o percentual de 27,27% cada uma, logo, mais da metade dos respondentes do questionário possuem mais de 40 anos somando um percentual de 54,54%, jogando a média de idade da amostra para cima. O segundo grupo que mais aparece se encontra na faixa dos 19 a 25 anos e dos 26 a 30 anos representando 13,63% da amostra cada um, no total os dois juntos somam 27,26% com um percentual equivalente à metade da maior frequência que apareceu. Por fim a menor frequência observada se encontra na faixa dos 31 a 35 anos e 36 a 40 anos, somando 9,09% da amostragem cada um.

Podemos observar que a nossa amostra possui uma média de idade de 36 anos, que representa que a maioria dos respondentes possuem idade mais avançada se observamos o intervalo de respostas que recebemos, que vai de 19 até mais de 50 anos, nesse sentido entendemos que novas gerações de músicos nativistas (embora nem todos respondentes se

encaixem nesse perfil, mas a maioria substancial deles sim) não passa necessariamente por pessoas jovens.

Partiremos para a TABELA 09 que busca identificar a cidade natal dos respondentes, com o intuito de traçar um perfil demográfico da amostra.

TABELA 09 – CIDADE

Cidade?		
Cidade	Frequência	%
Uruguaiana - RS	12	54,54%
Porto Alegre - RS	4	18,18%
São Borja - RS	3	13,63%
Santana do Livramento - RS	1	4,54%
Alegrete - RS	1	4,54%
Itaqui - RS	1	4,54%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Dentro da amostra analisada podemos observar que uma grande parcela dos respondentes é natural da cidade de Uruguaiana- RS somando um percentual de 54,54%, a segunda frequência mais observada é de participantes naturais da capital do Estado, Porto Alegre somando 18,18% da amostra, seguida do município de São Borja com 13,63% e depois Santana do Livramento, Alegrete e Itaqui com 4,54%.

Contudo podemos concluir que a maioria dos que responderam o questionário são naturais da Fronteira Oeste, com a exceção dos que são naturais da capital gaúcha, isso pode se dar pelo fato da Fronteira Oeste ser a região onde surgem os festivais na década de setenta, além de existirem festivais ativos na região, como a Califórnia da Canção e os festivais que são objeto da nossa análise, o Festival da Barranca e da Taipa, isso pode estar ligado com a presença ativa do nativismo nessas regiões, é possível que esses festivais e o nativismo estejam presentes de maneira ativa na Fronteira Oeste pois os artistas que compõem o movimento são naturais de lá.

Como nosso objeto de pesquisa são dois festivais, o Festival da Taipa e o Festival da Barranca optamos por segmentar a questão sobre o tempo de participação nos festivais, sendo assim criamos uma questão para cada festival, mas como veremos, via de regra os respondentes participam dos dois festivais, a variação que acontece é o tempo de participação em cada um deles, como observaremos nas tendências que observamos nas respostas a seguir, começaremos pela TABELA 10 que reúne as respostas referentes a participação no Festival da Taipa.

TABELA 10 – TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NO FESTIVAL DA TAIPA

Tempo de participação no Festival da Taipa		
Anos de participação	Frequência	%
0 – 5 anos	11	50%
6 – 10 anos	4	18,18%
11 – 15 anos	4	18,18%
16 – 20 anos	3	13,63%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

No caso do festival da Taipa observamos que 50% dos respondentes participam do festival a no máximo 5 anos, ou seja, são novos participantes o que pode representar uma renovação, percebe-se um aumento de pessoas participando recentemente desse festival, isso se apresenta de maneira significativa uma vez que representam metade da amostra.

Os que participam de 6 a 10 anos somam 18,18% da amostra, ainda representam um tempo de participação recente no festival a julgar que o mesmo possui vinte edições, mas configura uma relação que caminha para ser duradoura a julgar que é uma tendência que exista uma continuidade nas participações quando se faz parte desse universo, os que participam de 11 a 15 anos possuem a mesma frequência da faixa anterior com 18,18%, podemos entender como participantes assíduos e de longa data, que já possuem uma relação consolidada com o festival.

Por fim 13,63% dos respondentes participam do festival já a 16 a 20 anos e a julgar que o festival possui 20 anos é um tempo de participação significativo. O tempo de participação desses respondentes se iguala ao tempo de existência do Festival da Taipa, isso é um ponto

importante, pois um dos respondentes provavelmente é um dos fundadores, são participantes que tem uma relação não só de fazer parte do movimento, mas também de construir ele.

A próxima questão a ser analisada expressa na TABELA 11 demonstra o tempo de participação dos respondentes no Festival da Barranca, a exemplo da tabela anterior que trazia o tempo de participação dos respondentes no Festival da Taipa, é necessário segmentar essas duas questões pois são festivais diferentes que ocorrem em localidades diferentes isso pode representar uma divergência nas respostas, observaremos as tendências observadas a seguir.

TABELA 11 – TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NO FESTIVAL DA BARRANCA

Tempo de participação no Festival da Barranca		
Anos de participação	Frequência	%
0 – 5 anos	11	50%
6 – 10 anos	5	22,72%
11 – 15 anos	2	9,09%
Mais de 15 anos	4	18,18%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

A maior frequência observada referente aos anos de participação no Festival da Barranca também foi a de até 5 anos e somou 50% dos respondentes podendo representar a exemplo do Festival da Taipa uma renovação nos seus participantes, já que é bastante expressiva a porcentagem dos que participam do festival a até 5 anos.

Os que participam de 6 a 10 anos representam o montante de 22,72% podemos dizer que dentre os representados na TABELA 04 a expressiva maioria tem no máximo 10 anos de participação no Festival da Barranca, esse dado é bastante expressivo e pode representar uma renovação bastante expressiva, uma vez que esse festival está chegando aos seus 50 anos de existência.

A menor frequência observada foi dos que participam de 11 a 15 anos somando 9,09% dos respondentes, é interessante observar que a amostra se apresenta de maneira bastante polarizada,

já que seus participantes ou são relativamente novos no festival, ou já participam a bastante tempo, podemos entender que a baixa frequência dentre os que participam de 11 a 15 anos pode representar que em algum momento o festival não se preocupou em fomentar a renovação dos seus participantes.

Por fim os que participam do festival a mais de 15 anos representam 18,18% dos respondentes, diferente da Taipa não observaremos fundadores da Barranca dentro dessa amostra, já que o festival possui quase 50 anos, mas observamos respondentes que representam uma vanguarda dentro desse movimento, tendo participado de muitos períodos da história do nativismo e por isso representam uma parcela importante da nossa amostragem.

Quando comparamos as TABELAS 03 E 04, podemos apontar convergências na tendência de que é provável que esteja acontecendo uma renovação, tanto no Festival da Taipa quanto no Festival da Barranca, isso se dá pois é substancial a parcela dos respondentes que participam a menos tempo desses festivais, observamos pequenas divergências na distribuição dos dados à medida que o tempo de participação vai aumentando.

Isso pode estar relacionado ao tempo de existência desses festivais, uma vez que o Festival da Barranca possui o dobro de tempo de existência em relação a Taipa, logo podemos observar que existem mais respondentes que participam a mais tempo do Festival da Barranca e isso é uma questão lógica, já que não existe a possibilidade de participação maior do que 20 anos no Festival da Taipa.

A próxima questão a ser analisada expressa na TABELA 12 categoriza qual a relação dos respondentes com o festival, dentro desses festivais cada participante desempenha uma função, seja ela de cunho estrutural, no sentido de organizar o festival, ou de participar como ouvinte e também existem aqueles que são músicos, compositores, instrumentistas, poetas, etc.

TABELA 12 – RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES COM OS FESTIVAIS

Relação com os festivais		
Função	Frequência	%
Cantor	5	22,7%
Instrumentista	4	18,2%

Participante	4	18,2%
Compositor	3	13,6%
Poeta	2	9,1%
Fotógrafo	2	9,1%
Organizador	1	4,5%
Todas as funções	1	4,5%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Na amostra observamos que 22,7% dos participantes são cantores que são a voz das composições no palco, uma vez que esses festivais têm caráter competitivo e as músicas são compostas enquanto o festival ocorre e sem interferências externas, sendo assim o cantor não é necessariamente o compositor da canção que ele defende, mas isso não é uma regra.

Ele pode defender a música e também compor ela, seguidos de 18,2% de instrumentistas que representam aqueles que fazem o maior número de parcerias, ajudando nas composições ou preenchendo o palco para encorpar uma canção que foi composta por um terceiro, ou seja, o instrumentista pode participar do processo de criação de canções ou ainda apenas executar uma canção de um parceiro.

Dentre os respondentes 18,2% são de participantes, ou seja, o público, aqueles que compõe a plateia, participam do convívio nos acampamentos, mas não necessariamente atua ativamente na produção cultural que acontece durante os festivais. Completando esse quadro 9,1% são poetas que em geral fazem as letras de muitas composições, mas não as defendem no palco, delegam essa função aos cantores e instrumentista, é comum que os poetas apadrinhem cantores e instrumentistas e presenteiem os mesmos com as suas letras para que sejam defendidas no palco do festival.

Na mesma proporção de 9,1% são fotógrafos, que são responsáveis pelos registros do que acontece durante os festivais, no caso da Barranca é feito um álbum anual que representa cada edição do festival e isso é feito por um fotógrafo, além de que essas fotografias alimentam matérias em jornais e as redes sociais dos participantes, 4,5% são organizadores que cuidam da

estrutura do festival, para que tudo transcorra bem durante o evento, organizam a questão da alimentação, da bebida, organizam o acampamento, cuidam do som e da limpeza do local, o ponto mais importante que tange os organizadores é que são eles que são responsáveis por convidar os que participam.

E por fim 4,5% dos participantes executam todas as funções, podemos entender que isso seja executado por uma pessoa que já é bastante renomada no movimento que acaba sendo delegada para “tomar conta” do festival em detrimento do respeito que todos os participantes depositam nele.

Para finalizar as questões que davam conta do perfil da amostra, temos duas questões abertas expressas na TABELA 12 E TABELA 13, que colaboraram no sentido de entender qual é o perfil de engajamento, ou seja, qual a importância que os respondentes identificam em participar desses festivais e qual outro tipo de evento cultural os motiva além dos festivais, nesse sentido foi possível entender o que motiva a participação, uma vez que estamos analisando uma amostra e não a totalidade dos participantes dos festivais. Diferente das questões anteriores essas são questões abertas e as respostas obtidas foram agrupadas por semelhança e tabuladas pelo autor de acordo com as categorias observadas.

TABELA 13 – PERFIL DE ENGAJAMENTO: IMPORTÂNCIA EM PARTICIPAR DE FESTIVAIS

Para ti qual a importância de participar de festivais nativistas? Por quê?		
Resposta	Frequência	%
Preservar raízes/tradição	10	45,45%
Reencontro com amigos	05	22,72%
Conviver com grandes nomes/criar arte	05	22,72%
Não responderam	02	9,09%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Na questão que discute a importância em participar de festivais (TABELA 06) com o modelo dos do que estamos analisando 45,45% da amostra acha importante participar desses

festivais para preservar as raízes e a tradição, podemos entender que essa preservação passa por alguns fatores:

A criação de materiais culturais que rememoram os signos tradicionais e a imagem do gaúcho, passando também pela convivência nos festivais com um universo rural que remete a imagem do gaúcho que traz no seu dia-a-dia no campo a representação do perfil de um povo, logo cultivar essas vivências, estar em contato com a natureza no campo e fazendo composições que representem esse universo pode representar uma maneira de manutenção da tradição.

Seguindo a análise observamos que 22,72% dos respondentes participam dos festivais para reencontrar amigos, podemos julgar isso como um ponto importante a ser levantado, já que essa tendência pode colaborar para que esse universo tenha um caráter restrito e fechado, uma vez que se restringe a poucos meios sociais, podemos entender isso pois as participações nesses festivais são mediadas por convites, sendo assim pode-se dizer que não basta ter o interesse em frequentar esses festivais, um novo indivíduo que almeje essa participação deve conhecer alguém que já é desse meio para que aconteça uma indicação.

Nesse ponto surge outro elemento interessante que não é objeto desse trabalho, mas também é interessante de ser levantado, que são as confrarias, dentro dos participantes dos festivais existem subgrupos, que mantêm encontros periódicos, como os festivais são anuais e mantêm as relações entre esses subgrupos enquanto os festivais não acontecem, é de praxe que quando algum participante dos festivais visite outras cidades seja recebido por esses grupos de lá e vice-versa, podemos entender que a partir dos festivais são criadas redes de amizade com um interesse em comum na arte nativista e essa rede se mantém fechada, as novas participações são permitidas diante de um convite, que pode ser a um novo músico ou amigo.

Além de que 22,72% da amostra acha importante participar dos festivais para conviver com grandes nomes do nativismo e criar arte, como muitos dos que compõem a amostra são novos no movimento conviver com nomes expressivos do nativismo representa uma importância é se aproximar da história viva do movimento, observar como grandes artistas compõem e executam as suas composições é um grande laboratório, que pode ser muito rico para artistas que estão começando, mas não só eles o convívio com bons artistas acaba por ser valoroso para todos já que os festivais são um espaço que permite esse convívio. Aqui é importante salientar que dois respondentes deixaram de assinalar as suas preferências.

A segunda questão para traçar o perfil de engajamento da amostra, questiona qual outro tipo de evento cultural os mesmos participariam para além dos festivais, o que observamos na TABELA 14 foi que 50% dos participantes participariam de eventos culturais em geral como eventos de música e teatro, podemos entender essa tendência por conta da nossa amostra ser em sua maioria formada por artistas como observamos em uma tabela anterior na nossa análise.

TABELA 14 – PERFIL DE ENGAJAMENTO: TIPO DE EVENTO CULTURAL QUE PARTICIPARIA

Se não participasse de festivais nativistas de que outro tipo de evento cultural participaria? Por Quê?		
Resposta	Frequência	%
Eventos culturais gerais (música, teatro, etc.)	11	50%
Eventos gauchescos	6	27,27%
Não participaria de outros eventos	3	13,63%
Não responderam	2	9,09%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Em seguida 27,27% dos respondentes participariam de eventos gauchescos, como internadas artísticas, rodeios, festas campeiras, etc. Esses eventos acontecem durante todo ano por todo Estado do Rio Grande, existe um circuito de internadas e um grande festival todos os anos que é o ENART, o mesmo acontece com as festas e feiras campeiras, podemos entender isso como um apreço pelos elementos da cultura gaúcha por parte dessa parcela dos respondentes.

Por fim 13,63% da amostra não participaria de nenhum outro tipo de evento, observamos também que dois respondentes deixaram de assinalar as suas preferências.

Concluindo a primeira etapa do questionário conseguimos traçar um perfil de nossa amostra, que é formada em sua totalidade por homens com idade média de 36 anos, moradores da Fronteira Oeste gaúcha e que se relacionam com o festival por meio de expressões artísticas

ou como público, na maioria são participantes recentes, somando até 5 anos de participação, que é movida pelo interesse em preservar as raízes e também pelo interesse em arte/cultura como um todo.

4.4.3 Questões referentes a hipótese 1 – A resistência a criação de novos signos pelo movimento nativista

Dividiremos o nosso movimento de análises em duas baterias, a primeira referente a primeira hipótese que diz que as novas gerações de músicos nativistas não criam novos signos começaremos discutindo o primeiro argumento hipotéticos diz que as novas gerações não fazem essa criação de signos por quê historicamente o nativismo foi baseado justamente na consagração dos signos tradicionais gaúchos.

4.4.3.1 Bloco 2 – Consagração dos signos tradicionais gaúchos

Nesse bloco tivemos duas questões sobre a preservação e resgate como fonte de manutenção dos signos tradicionais gaúchos, a primeira “Na tua opinião por que é necessário armazenar e preservar a produção cultural gaúcha?” Que está expressa na TABELA 15, sendo assim partimos da premissa que para consagrar esses signos é necessário armazenar e preservar os elementos culturais para que haja uma manutenção da cultura.

Observamos que 63,6% da nossa amostra considerou que armazenar os elementos culturais gaúchos é importante para manter a tradição viva no sentido de preservar a mesma para as próximas gerações, além de que 18,2% da amostra considera que é preciso armazenar para que haja a reprodução de todos esses elementos culturais, como a música, a literatura e os costumes. Uma parcela pouco expressiva de 9% dos respondentes acredita que não é necessário fazer essa armazenagem por quê essa transferência de capital cultural é feita de geração para geração.

TABELA 15 – POR QUE É NECESSÁRIO ARMAZENAR E PRESERVAR A PRODUÇÃO CULTURAL GAÚCHA

Na tua opinião por que é necessário armazenar e preservar a produção cultural gaúcha?		
Alternativa	Frequência	%

É preciso armazenar para manter as tradições gaúchas vivas para as próximas gerações	14	63,6%
É preciso armazenar para que haja a reprodução da literatura, da música e dos costumes gaúchos.	4	18,2%
Não é preciso armazenar pois a cultura gaúcha se perpetua através das gerações por meio das vivências no dia a dia (lida do campo e etc...).	2	9%
Não é preciso armazenar pois a cultura pode ser acessada facilmente por meio dos CTG's e festivais.	1	4,5%
Outros.	1	4,5%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Podemos observar que nessa primeira questão houve uma grande tendência da amostragem em acreditar na necessidade de armazenar os materiais culturais gaúchos, conforme nossa hipótese de que o resgate pode levar a consagração dos signos tradicionais, já que a manutenção da cultura se dá através da armazenagem dos materiais culturais no sentido de fazer uma manutenção para as futuras gerações. E quando falamos em manutenção cultural é quase o caminho inverso de criação de novos signos.

Entendemos que a necessidade de manutenção cria toda uma estrutura a partir do resgate e armazenagem dos materiais culturais, essa estrutura é composta pelos CTG's, museus, internadas artísticas e eventos como os festivais, festas campeiras, etc. Levando a criação de uma rede de contatos e de mobilização permanente em detrimento da cultura regional do Rio Grande do Sul, toda essa estrutura que se constitui e se afirma enquanto mecanismo de reprodução dos signos tradicionais e se expressa de geração para geração, pois o ciclo sempre se renova quando os pais vestem os filhos pela primeira vez com as pilchas tradicionais para um festa escolar por exemplo, ou quando se adquire o hábito de tomar chimarrão por intermédio dos pais e avós, ou mesmo na participação em festivais e contato com a música nativista.

A segunda questão desse bloco “Na tua opinião o resgate histórico que deu origem ao movimento tradicionalista na década de 1940 em Porto Alegre pelo CTG 35 foi importante por quê? ” Observamos na TABELA 16 que 50% dos respondentes consideraram que esse resgate tradicionalista possibilitou a manutenção da cultura, por dar a possibilidade do advento dos movimentos culturais gaúchos, como os festivais e o nativismo por exemplo, a segunda alternativa com maior expressão com 31,8% dos respondentes foi a que afirma que esse resgate cultural criou a representação da imagem do povo gaúcho, como as vestes e os costumes por exemplo.

Ainda observamos que 9,1% da amostra não acredita na importância de tal resgate pois entende que a cultura gaúcha sempre foi uma vertente consolidada, mais um elemento que aponta para uma resistência a modificações e transformações no movimento nativista.

TABELA 16 – A IMPORTÂNCIA DO RESGATE HISTÓRICO QUE DEU ORIGEM AO MOVIMENTO TRADICIONALISTA

Na tua opinião o resgate histórico que deu origem ao movimento tradicionalista na década de 1940 em Porto Alegre pelo CTG 35 foi importante por quê?		
Alternativa	Frequência	%
Possibilitou a manutenção da cultura no sentido de que só a partir desse resgate foi possível o advento dos movimentos culturais regionais, como os festivais por exemplo.	11	50%
Criou uma representação da imagem do povo gaúcho (vestes, costumes e etc).	7	31,8%
Não foi importante pois a cultura gaúcha sempre foi uma vertente consolidada.	2	9,1%
Não teve importância pois o resgate histórico feito não representou a totalidade da cultura gaúcha (não representou os povos originários)	1	4,5%
Outros.	1	4,5%

Total	22	100%
--------------	-----------	-------------

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Sendo assim observamos que as duas alternativas mais assinaladas giram em torno justamente do que versa o nosso argumento hipotético, uma vez que categorizam a manutenção da cultura e a criação da representação da imagem do povo gaúcho, podemos entender que esse resgate feito foi um mecanismo de difusão com o objetivo de manter a cultura e criar uma representação dela, aqui pontuamos que não entendemos se de maneira premeditada ou não, mas esse movimento do tradicionalismo acabou por colocar limites na maneira como a cultura gaúcha se expressa e criando um enrijecimento da mesma.

4.4.3.2 Bloco 3 – Defesa contra um inimigo externo

O segundo bloco que diz respeito a hipótese 1, traz o um segundo argumento da defesa contra um inimigo externo, entendemos que o processo de consagração dos signos tradicionais gaúchos, o nosso primeiro argumento hipotético, foi o primeiro movimento depois era necessário proteger esses materiais culturais, uma vez que a cultura gaúcha começava a se confrontar com outras vertentes culturais graças a globalização e isso acontece até os dias de hoje.

Sendo assim na questão “Tu acreditas que a manutenção da cultura gaúcha está ameaçada por outras vertentes culturais?” Na TABELA 17 observamos que 40,9% dos respondentes e acredita que essa ameaça existe por conta da influência da mídia tradicional como a televisão e o rádio que não costumam veicular conteúdos relacionados ao nativismo causando uma tendência no público jovem e fazendo que a manutenção cultural esteja ameaçada. A segunda alternativa mais assinalada com 27,3% acredita que essa ameaça existe e que o elemento responsável é o advento das novas tecnologias que ampliam o acesso a irrestritos tipos de conteúdo que antes o povo gaúcho não tinha acesso.

Ainda existe os que acreditam que a cultura gaúcha não esteja ameaçada por acreditar que a mesma sempre coexistiu com outras vertentes culturais, esses somam 18,2% da amostra.

TABELA 17 – A AMEAÇA DA MANUTENÇÃO DA CULTURA GAÚCHA POR OUTRAS VERTENTES CULTURAIS

Tu acreditas que a manutenção da cultura gaúcha está ameaçada por outras vertentes culturais?		
Alternativa	Frequência	%
Sim, pois os jovens são influenciados pela mídia tradicional como o rádio e televisão e consomem elementos culturais de fora do Estado como (sertanejo universitário, pop e etc.) que dividem público e não dão destaque para cultura regional.	9	40,9%
Sim, pois as novas tecnologias digitais (internet) permitem o acesso de outras vertentes culturais (como músicas, literatura, arte em geral de outras regiões do país e do mundo) que antes o povo gaúcho não tinha acesso.	6	27,3%
Não, pois a cultura gaúcha sempre coexistiu com outras vertentes culturais dentro do Rio Grande do Sul, independente da internet.	4	18,2%
Não, a cultura gaúcha continua se mantendo pois existe uma grande identificação do povo com os elementos da cultura regional (literatura, música, etc.) independente da mídia tradicional.	2	9,1%
Outros.	1	4,5%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Observando esses dados podemos entender que essa questão também corrobora com a nossa primeira hipótese, uma vez que 68,2% da amostragem concorda com uma possível ameaça da cultura gaúcha por outras vertentes e mais uma vez quando existe resistência a transformações e etc. consideramos que a possível criação de novos signos já não é tão latente quanto em um ambiente aberto a transformações.

Nossa amostra como podemos observar na TABELA 12 é formada em sua maioria por artistas, que muito provavelmente vivem da sua arte, logo podemos entender que exista uma disputa com a mídia tradicional e a sua comercialização de produtos culturais que não passa por uma responsabilidade a respeito da difusão da cultura gaúcha.

Ao decorrer do tempo o nativismo foi perdendo espaço no circuito da indústria fonográfica, ao ponto que muitos dos músicos, compositores, instrumentistas e poetas são artistas independentes que estão brigando por seu espaço em uma concorrência quase que desleal

quando comparado ao poderio da indústria da arte, isso é de fato um inimigo externo que ameaça a manutenção do nativismo, está acontecendo ainda um processo de assimilação pelos artistas no sentido de viabilizar essa coexistência a partir da busca por novos formatos e meios de difundir as suas produções artísticas, entendemos que proteger-se contra esse inimigo é fomentar a manutenção do nativismo em detrimento de não transformar os materiais culturais gaúchos em produtos da indústria fonográfica.

A segunda questão desse bloco: “A reprodução técnica (registros, gravações, vídeos, veiculados em larga escala, sejam fisicamente ou pela internet) dos materiais culturais gaúchos é importante, pois?” Expressa na TABELA 18 dá conta da importância da reprodução em larga escala dos materiais culturais gaúchos, que faz parte do nosso argumento hipotético que entende que a defesa contra um inimigo externo passa justamente por uma grande difusão dos materiais culturais nativistas gaúchos.

As duas questões mais assinaladas vão justamente de encontro com a premissa de que é preciso que exista essa grande reprodução tanto para a manutenção, quanto para a perpetuação da cultura, sendo assim 40,9% da amostra acredita que a reprodução em larga escala facilita o acesso aos materiais culturais gaúchos e ajuda a manter a cultura, 36,4% dos respondentes acreditam que essa reprodução ajuda a cultura a se perpetuar pelo seu maior acesso por indivíduos que antes não consumiam esses materiais.

Uma parcela menos expressiva com 9,1% acredita que a reprodução técnica é indiferente para a manutenção da cultura gaúcha, pois a mesma faz parte de um imaginário coletivo gaúcho e com 9,1% das alternativas estão os que acreditam que a reprodução em larga escala enfraquece a cultura gaúcha pois a mesma estaria perdendo a sua essência.

TABELA 18 – A IMPORTÂNCIA DA REPRODUÇÃO TÉCNICA DOS MATERIAIS CULTURAIS GAÚCHOS

A reprodução técnica (registros, gravações, vídeos, veiculados em larga escala, sejam fisicamente ou pela internet) dos materiais culturais gaúchos é importante, pois?		
Alternativa	Frequência	%
Facilita o acesso aos materiais culturais gaúchos e por consequência mantém a cultura,	9	40,9%

ou seja, quanto maior for o acesso à cultura mais ela se perpetua.		
Dá a possibilidade de pessoas que antes não conheciam a cultura gaúcha passem a consumir a mesma, ou seja, a cultura se perpetua ao ponto que se expande para fora do Estado.	8	36,4%
É indiferente o tipo de reprodução técnica pois quem consome os materiais culturais gaúchos faz parte de um imaginário coletivo que mantém a cultura viva.	2	9,1%
A reprodução em grande escala dos materiais culturais gaúchos enfraquece e os descaracteriza, ou seja, ao ponto que existe essa expansão a essência regional se perde.	2	9,1%
Outros.	1	4,5%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Dentro dos nossos estudos averiguamos que uma ferramenta que serviu para proteger os materiais culturais gaúchos foi justamente o movimento de difundir os mesmos através da reprodutibilidade técnica em larga escala, para que os materiais culturais pudessem criar uma musculatura capaz de concorrer com outras vertentes culturais e também com a indústria fonográfica.

Podemos entender que essa difusão de fato aconteceu de maneira bastante exacerbada a partir da década de setenta, mais foi perdendo expressão com o decorrer dos anos, mas contribuiu muito para a difusão do nativismo por todo solo gaúcho, as canções da Califórnia da Canção Nativa que foi o festival de maior expressão no Estado são muito populares até os dias de hoje, muitas pessoas colecionam os discos das edições do festival, isso foi um movimento de difusão muito expressivo e corroborou de forma ativa na manutenção da cultura.

Hoje vivemos em outra fase da história nativista, a internet possibilita outro campo de atuação muito interessante, uma vez que jovens ou pessoas que nunca tiveram o contato com essa vertente tem a possibilidade de conhecer as consagradas composições da Califórnia da canção, podemos dizer que o resgate cultural começa a ser feito de maneira digital, cada vez as composições nativistas estão presentes nas plataformas digitais e a disposição de pessoas que não estavam inseridas nesse universo, possibilitando uma expansão cultural, não mais limitando o acesso desses materiais ao território gaúcho.

4.4.3.3 Bloco 4 – Estilização do tradicionalismo

O terceiro argumento que constitui a nossa primeira hipótese diz respeito a uma possível estilização do tradicionalismo, que pode passar por dois fatores, a estilização na forma como as composições são transmitidas, e qual representação do povo gaúcho está sendo feita nessas composições. Nesse sentido observamos na questão “Tu acreditas que as composições nativistas atuais representam a realidade do povo gaúcho, historicamente ligados a lida do campo e a produção pastoril? ” Expressa na TABELA 19.

Observamos que 40,9% de nossa amostra acredita que não existe uma representação do perfil do povo gaúcho ligado ao meio rural e a produção pastoril pois os compositores abordam outras temáticas, como questões mais ligadas a vida urbana por exemplo, que não mais relacionam o gaúcho com o homem do campo, enquanto 27,3% acredita que sim que existe essa representação pois as composições são leituras do dia-a-dia do povo gaúcho o que infere que esses entrevistados acreditam que existe uma ruralidade no dia-a-dia das pessoas que vivem em solo gaúcho.

Ainda observamos que 13,5% da amostra assinalou o campo ‘outros’ e trouxe considerações que dizem “Acredito que há espaço para os dois meios de composição, pensando no fato de que o gaúcho está inserido em todos os meios, tanto no campo quanto na cidade”, “Nosso povo historicamente vive do setor primário e as linhas musicais da nossa gente do campo devem ter a sua raiz verdadeira” e “O poeta é o repórter do seu tempo”.

Podemos observar que são contribuições que se incorporam nas tendências observadas, pois entender que existe espaço para ambos universos não nega nenhuma das premissas que foram assinaladas, o histórico do povo ligado a produção primaria se alinha com a segunda alternativa mais assinalada já que se trata de uma leitura do dia-a-dia do povo gaúcho e a

máxima de que o poeta é o repórter do seu tempo pode se encaixar nas duas premissas, uma vez que reportar o seu tempo é segmentado a individualidade e visão de mundo do artista.

TABELA 19 – A REPRESENTAÇÃO DO PERFIL DO POVO GAÚCHO NAS COMPOSIÇÕES NATIVISTAS

Tu acreditas que as composições nativistas atuais representam a realidade do povo gaúcho, historicamente ligados a lida do campo e a produção pastoril?		
Alternativa	Frequência	%
Não pois os novos compositores tratam de outras temáticas que não representam o dia-a-dia do homem do campo (questões sociais da vida moderna)	9	40,9%
Sim, pois as composições são leituras do dia-a-dia do povo gaúcho.	6	27,3%
Outros.	3	13,5%
Não, pois os compositores atuais não têm mais tanto contato com a vida no campo como os antigos compositores.	2	9,1%
Sim, pois os compositores são gaúchos vivem no campo e conhecem as práticas da lida campeira.	2	9,1%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Observamos nas frequências expressas na TABELA 12 o maior tensionamento entre todas as questões representadas que se referem a hipótese um, existe uma polarização no que diz respeito a representação do povo gaúcho e isso pode estar ligado ao estilo de vida dos respondentes, uma vez que é muito comum a proximidade com o meio rural no universo nativista, mas também é inegável que a figura do gaúcho não se restringe a estar fixa no campo, também populam as cidades.

Tratamos nessa questão sobre a representação do povo gaúcho nas composições nativistas, isso passa tanto pela estilização na forma como as canções são transmitidas como observamos na TABELA 18, que levantou a questão de novos formatos e meios para a difusão das composições, como pela representação do perfil do povo nessas composições.

Observamos que a maior parte dos respondentes observam que a representação feita do povo gaúcho nas composições está ligada a vida urbana e outras questões sociais que não mais restringem o gaúcho ao homem do campo, mas entende que o gaúcho está presente nos cenários contemporâneos e fazendo parte das pautas latentes a vida moderna, como o advento da tecnologia e como isso interfere na vida em sociedade, por exemplo, podemos entender que essa necessidade de estar preocupado com o futuro do povo gaúcho pode passar não mais apenas pela necessidade de manutenção da tradição, mas também por uma atualização da mesma.

4.4.3.4 Síntese da primeira hipótese

Apresentamos agora a síntese dos resultados obtidos em nossos três blocos de análise, podemos entender que houve uma majoritária confirmação da nossa hipótese por parte da amostragem como observamos na sistematização feita na TABELA 20, que dá conta no nosso segundo bloco de questões correspondente a consagração dos signos tradicionais gaúchos.

TABELA 20 – Síntese Bloco 2

Bloco 2 – Consagração dos signos tradicionais gaúchos				
	Na tua opinião por que é necessário armazenar e preservar a produção cultural gaúcha?	Situação da Hipótese	Na tua opinião o resgate histórico que deu origem ao movimento tradicionalista na década de 1940 em Porto Alegre pelo CTG 35 foi importante por quê?	Situação da Hipótese
Resposta 1	63,6%	Comprovada	50%	Comprovada
Resposta 2	18,2%	Comprovada	31,8%	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Sendo assim podemos observar que foi majoritária a escolha por alternativas que corroboram com a nossa hipótese que diz que existe uma resistência a criação de novos signos pelo movimento nativista, muito embora essa máxima não negue renovações e transformações no cenário nativista, já que existem outras mazelas no movimento que trabalharemos nas sessões seguintes que podem dizer respeito a possíveis transformações no movimento nativista.

O bloco que trata do argumento hipotético de defesa contra um inimigo externo expresso na TABELA 21, reúne as duas questões do bloco três, que acredita que essa proteção contra inimigos externos impossibilita a criação de novos signos uma vez que no processo histórico foi esse mecanismo de defesa o responsável pela difusão do tradicionalismo.

TABELA 21 – Síntese Bloco 3

Bloco 3 – Defesa contra um inimigo externo				
	Tu acreditas que a manutenção da cultura gaúcha está ameaçada por outras vertentes culturais?	Situação da Hipótese	A reprodução técnica dos materiais culturais gaúchos é importante, pois?	Situação da Hipótese
Resposta 1	40,9%	Comprovada	40,9%	Comprovada
Resposta 2	27,3%	Comprovada	36,4%	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Observamos por contraste que as questões mais assinaladas comprovam a nossa hipótese, mas existe um fato interessante também a ser analisado, uma vez que a difusão e descentralização da produção cultural que historicamente fez o movimento de difundir e consagrar os materiais culturais gaúchos, agora aliados ao momento histórico e modelos de produção cultural acabam por possibilitar a autonomia nesse processo e admitir uma atualização, não mediada por um rompimento com os signos tradicionais, mas com uma renovação no fazer nativista.

Nosso terceiro argumento hipotético que diz que as novas gerações em verdade não criam novos signos, mas sim estilizam o tradicionalismo foi a que mais gerou tensionamento entre os

respondentes, trouxemos essa questão para identificar a relação da amostra com o tradicionalismo.

TABELA 22 – Síntese Bloco 4

Bloco 4 – Estilização do Tradicionalismo		
	Tu acreditas que as composições nativistas atuais representam a realidade do povo gaúcho, historicamente ligados a lida do campo e a produção pastoril?	Situação da Hipótese
Resposta 1	40,9%	Rejeitada
Resposta 2	27,3%	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Observamos que a hipótese é rejeitada em sua maioria, pois existe o entendimento de que aconteceram mudanças no perfil dos compositores e no que eles representam em suas composições, surge a possibilidade de renovação mediada pela incorporação de temáticas contemporâneas no universo nativista. É importante entender que esse sentimento de renovação é permeado por um medo que diz respeito a conservação das raízes tradicionais, logo podemos observar que a nossa grande descoberta até aqui é o sentimento de renovação para com o movimento nativista, mas nunca mediado pelo rompimento com as bases tradicionais, entendemos que esse movimento em verdade é um movimento de atualização do nativismo.

4.4.4 Questões referentes a hipótese 2 – A criação de novos signos pelo movimento nativista

Partimos nesse tópico para o movimento de análises que dá conta da segunda hipótese que elaboramos para esse trabalho, a hipótese que diz que as novas gerações de músicos nativistas criam novos signos dentro do movimento, essa hipótese é construída por três argumentos hipotéticos que são respectivamente: A) O processo de possível ruptura com os signos tradicionais gaúchos, B) A criação de signos e C) A mudança de perfil do povo gaúcho. Cada um desses argumentos da origem a três blocos de questões e ajudam a refletir a hipótese junto com as respostas obtidas.

4.4.4.1 Bloco 5 – Processo de possível ruptura com os signos tradicionais gaúchos

Baseando na nossa reflexão teórica fundamentamos essa segunda hipótese seguindo a linha que lógica de que para que seja possível criar novos signos é necessário que exista um processo de ruptura com os signos que já são consagrados, logo a primeira questão desse bloco “Tu acreditas que existe uma renovação nas composições nativistas?” Busca entender a percepção da mostra acerca da possível renovação das composições do universo nativista, como observamos na TABELA 13.

Dentre os entrevistados 45,5% acredita que existe uma renovação nas composições pois o perfil dos compositores vem passando por mudanças durante o tempo, pois não necessariamente são pessoas que restringem as suas aspirações ao universo nativista, se relacionam com outras vertentes culturais por exemplo, muitas delas ligadas as novas tecnologias, tanto da produção quanto da difusão de conteúdo. Dentro dos respondentes a parcela de 27,3% também acredita nessa renovação nas composições, mas esses levam em consideração uma mudança natural, que pode passar pelas rupturas geracionais e as relações delas com o mundo que cria naturalmente mudanças de pensamento e perfil com o decorrer do tempo a julgar que o movimento nativista tem mais de cinquenta anos.

Uma parcela menos expressiva que representa 9,1% da amostra acredita que não exista uma renovação no movimento nativista e que as composições ainda se restringem ao êxodo rural, considerando que só existe um universo temático possível ligado a vida no campo, o que varia é tão só a maneira de produção e difusão, com o advento da internet por exemplo é possível distribuir conteúdo irrestritamente, logo os modelos variam, mas não o conteúdo contido nessas composições. E uma outra parcela de 9,1% dos respondentes acredita que não existe renovação pois os compositores continuam com o mesmo perfil das antigas gerações nativistas, ou seja, entendemos que são pessoas estritamente ligadas ao êxodo rural que expressam esse universo na sua arte e não possuem perícia com as novas tecnologias.

TABELA 23 – A RENOVAÇÃO DAS COMPOSIÇÕES NATIVISTAS

Tu acreditas que existe uma renovação nas composições nativistas?		
Alternativa	Frequência	%
Sim, pois o perfil dos compositores vem mudando durante o tempo, ligados nas novas tecnologias de produção audiovisual e utilizando e utilizando a internet, por consequência as composições também se transformam.	10	45,5%

Sim, pois é natural que um movimento de mais de cinquenta anos se renove com o passar do tempo.	6	27,3%
Não, as composições trazem o mesmo universo temático, se restringindo ao dia-a-dia do homem do campo, o que pode variar é a forma que elas são reproduzidas, por meio das diferentes mídias existentes.	2	9,1%
Não, pois os novos compositores gaúchos continuam com os mesmos perfis das antigas gerações mesmo com as novas tecnologias e métodos de difusão de conteúdo.	2	9,1%
Outros.	2	9,1%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Por contraste observamos que é substancial a parcela dos respondentes que acredita que exista uma mudança no sentido de renovar as composições nativistas, quando acreditamos nesse movimento de renovação entendemos que existem novas representações dentro do universo nativista, saímos de um panorama estritamente rural e desconexo com a contemporaneidade e colocamos o gaúcho de frente com outras realidades.

É como se tivéssemos tirado um gaúcho de lá da campanha e colocado ele dentro da cidade grande e o mesmo já estivesse adaptado, sabendo se relacionar com as peculiaridades da vida contemporânea, sendo agente transformador e atuante na sociedade pois está inserido nela, consumindo e produzindo conteúdo pelas diferentes mídias, com posições ativas acerca da conjuntura política por exemplo, ou seja, o gaúcho não mais se restringe ao simplório homem do campo, embora também o represente, mas hoje as rodas de mate podem ser compartilhadas pelas redes sociais.

Entender os novos mecanismos de produção de conteúdo, bem como as suas linguagens é um movimento interessante, uma vez que vivemos em um mundo cada vez mais conectado, no sentido de que a presença digital é quase tão importante e as vezes até mais que a presença física, hoje as pessoas quando querem conhecer algo recorrem aos mecanismos de busca, se uma música não está presente nos aplicativos é como se ela não existisse.

Outro elemento constitutivo do argumento de nossa hipótese é que a descentralização da produção cultural possibilita a renovação da mesma, observamos na questão “Tu acredita que existe uma renovação nas composições nativistas?” Que está expressa na TABELA 23:

Que 45,5% da amostra acredita que essa descentralização proporciona uma renovação pois configura uma autonomia para os produtores e compositores que já não dependem mais exclusivamente das gravadoras, dos respondentes 36,4% acredita que sim, possibilita uma renovação pois permite uma diversificação das narrativas propostas, podemos observar que é quase unânime a parcela que acredita na renovação da produção cultural a partir da descentralização, aqui podemos entender como produtores independentes, criação de conteúdo para internet em diversas plataformas digitais por exemplo.

Existe também uma parcela menos expressiva que acredita que a produção cultural gaúcha não admite alterações nos seus materiais culturais, somando 9,1% da amostra.

TABELA 24 – A DESCENTRALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CULTURAL GAÚCHA

Tu entende que a descentralização da produção cultural gaúcha possibilitou uma renovação dos materiais culturais do Rio Grande do Sul?		
Alternativa	Frequência	%
Sim, pois os produtores têm autonomia para criar sem serem influenciados, por gravadoras e editoras por exemplo.	10	45,5%
Sim, pois permite uma diversificação das narrativas propostas, admitindo outras realidade (geográficas e culturais) dentro da cultura gaúcha.	8	36,4%
Não, por mais que não seja mais centralizada, a produção cultural gaúcha não admite que seus materiais culturais sofram alterações.	2	9,1%
Outros.	2	9,1%
Não, os materiais culturais gaúchos continuam sendo produzidos da mesma maneira que as antigas gerações faziam.	0	0%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Observamos que é quase unanime a aceitação de que a descentralização da produção cultural possibilita uma renovação dos materiais culturais gaúchos, nesse sentido podemos entender que são dos os fatores que possibilitam essa renovação e os dois passam pelo caráter mais independente dos produtores, compositores e músicos, uma vez que não ficam restritos ao

aval das gravadoras ou editoras no caso de escritores, a produção acaba por ser mais livre e consequentemente admitindo renovações.

O primeiro ponto é justamente essa liberdade que a arte independente possui, não necessariamente as composições devam pagar reverências ao tradicionalismo por exemplo, o artista nativista pode expressar na sua arte as suas aspirações individuais e representa-las com a sua estética nativa gaúcha por exemplo, essa questão da liberdade criativa pode ser o ponto que mais corrobora com a criação de novos signos, pois por mais que o nativismo seja um universo fechado os artistas não se restringem a essa única experimentação temática, passeiam por outros universos.

O segundo ponto é a diversificação temática que essa descentralização proporciona, saímos de um universo que se restringia a falar da vida no campo e temas pastoris para um cenário que permite uma gama muito grande de universos possíveis.

Pelo contraste das respostas obtidas observamos de forma majoritária que os respondentes acreditam que exista um movimento de renovação das composições, logo entendemos que isso possibilita a configuração de um processo de ruptura com os signos tradicionais, entender que essa ruptura é possível não significa dizer que ela aconteça de maneira latente, já que o tradicionalismo e derivados como o nativismo, são vertentes culturais bastante consolidadas e com uma estrutura sólida, podemos entender que essa renovação é necessária de acordo com as respostas obtidas.

Tratando justamente da possível ruptura com os signos tradicionais relacionados como a base do tradicionalismo na questão a seguir “As formas como as novas gerações nativistas se relacionam com a cultura gaúcha (com maior acesso a informação e tendo em vista as transformações sociais e tecnológicas que aconteceram historicamente no Estado) em algum ponto rompe com as bases do tradicionalismo?” Observamos na TABELA 25 que foi a questão que mais dividiu a opinião do público podendo até categorizar um empate técnico e tensionando dentre as alternativas assinaladas pela amostra.

Sendo assim observamos que 36,4% da amostra considera que as novas gerações dão outros significados para as bases da cultura gaúcha, projetando o gaúcho no futuro que entende que precisa ser parte das transformações sociais, e aqui podemos entender como questões superlatentes do cotidiano contemporâneo, como o machismo e racismo por exemplo, que

dizem respeito a discussões que representam a sociedade como um todo, logo o gaúcho não está de fora dessa máxima.

Em contraponto a essa primeira alternativa e com um 31,8% da amostra acredita que as novas gerações não rompem com as bases do tradicionalismo, por entender que a manutenção da cultura passa por preservar as raízes e aqui observamos a importância dada a manutenção da cultura tradicional gaúcha, manter as raízes é preservar os elementos originários do tradicionalismo.

Dentre os respondentes 18,2% acreditam que as novas gerações possuem um outro tipo de relação com o tradicionalismo, por estarem vivendo em um momento da história que possibilita maior acesso a informação e por consequência o desenvolvimento maior de um pensamento crítico, podemos aliar diversos fatores nesse ponto, mas o que de fato se torna mais relevante pode ser o acesso à educação, já que em meados de 1940 quando surge o tradicionalismo a educação não era de fácil acesso, logo não eram todos que tinham a possibilidade de estudar e se desenvolver criticamente, o acesso à educação permite a emancipação do indivíduo para fazer leituras tanto do cenário onde está inserido quanto a respeito das significações dos materiais que ele consome, logo possibilitando renovações e mudanças de pensamento.

TABELA 25 – A RELAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES NATIVISTAS COM AS BASES DO TRADICIONALISMO

As formas como as novas gerações nativistas se relacionam com a cultura gaúcha (com maior acesso a informação e tendo em vista as transformações sociais e tecnológicas que aconteceram historicamente no Estado) em algum ponto rompe com as bases do tradicionalismo?		
Alternativa	Frequência	%
Sim, as novas gerações nativistas dão outros significados para as bases da cultura gaúcha, projetando um gaúcho que olha para o futuro e entende que precisa fazer parte das transformações sociais contemporâneas.	8	36,4%
Não, as novas gerações não rompem com as bases do nativismo pois entendem que a manutenção da cultura passa por conservar as raízes (sua origem)	7	31,8%
Sim as novas gerações nativistas se relacionam de uma forma diferente com o tradicionalismo, por estarem vivendo em outro momento da	4	18,2%

história e terem maior acesso a informação e desenvolvimento do pensamento crítico.		
Outros.	2	9,1%
Não, as novas gerações ainda têm as mesmas relações com o tradicionalismo que as antigas gerações por fazerem parte do mesmo movimento.	1	4,5%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Essa questão pode ser a mais emblemática no quesito da comprovação da segunda hipótese e expressa uma tendência a respeito de uma polarização nas alternativas assinaladas, só não configurou um empate técnico pois a terceira alternativa mais escolhida pela amostra. Podemos entender que existe uma leve tendência entre os respondentes em acreditar que existe um rompimento com as bases do tradicionalismo, pois existe uma preocupação em projetar a imagem do gaúcho que olha para o futuro, aqui achamos interessante dizer que o mais correto seria dizer olhando para o presente, já que essa projeção se dá a partir do entendimento da importância das transformações sociais que fazem parte da vida contemporânea.

Essas transformações podem estar ligadas com questões que historicamente não são pautas prioritárias dentro do movimento tradicionalista, questões como o papel da mulher nessa vertente cultural que não é de protagonismo, também questões como o papel do negro, que teve uma importância em episódios da história do Rio Grande do Sul e que muitas vezes não é retratado ou não tem espaço dentro da cultura gaúcha, essas questões ligadas ao racismo, feminismo e diversas buscas pela quebra de preconceitos pode ser um movimento de rompimento com as bases do tradicionalismo, embora observando amostra identificamos que esse entendimento não é unânime.

É bastante presente o entendimento da necessidade de manutenção da cultura, como uma espécie de proteção que acarreta em um movimento de fechamento e solidez dentro do movimento nativista, o que se torna relevante para a discussão nesse ponto do trabalho é que essa manutenção da cultura identificada é por meio de conservação das raízes tradicionalistas.

Em nossa reflexão teórica trouxemos o processo feito pelo movimento tradicionalista para que essas raízes fossem consagradas, logo existe uma grande importância identificada nessa origem, isso pode passar pela formação da identidade do gaúcho que não permite

transformações no seu perfil, já que se trata de algo consolidado e bastante difuso socialmente e que é muito cultuado por muitos participantes do movimento nativista, como podemos observar na nossa amostragem.

4.4.4.2 Bloco 6 – Criação de novos signos

Uma possibilidade levantada em nossos argumentos hipotéticos é a possibilidade da criação de novos signos a partir da incorporação e abordagem de outros universos temáticos e elementos dentro do movimento nativista, seja pela mescla de ritmos musicais ou elementos da cultura universal, entendemos que o nativismo fez um movimento histórico de se fechar para a incorporação de outros elementos culturais que não aqueles categorizados pelo tradicionalismo, sendo assim colocamos em suspensão a possível criação de novos signos a partir da incorporação de outras temáticas e universos culturais dentro do movimento nativista.

Sendo assim observamos na questão “Tu acreditas que a abordagem de outras temáticas no movimento nativista como elementos da cultura universal, outros ritmos musicais, etc., modifica a relação com o tradicionalismo?” Expressa na TABELA 26, onde 36,4% dos respondentes acha interessante diversificar as temáticas nas composições nativistas, pois traria boas contribuições para o movimento, contribuições no sentido de ampliar a gama de possibilidades nas composições, pois não necessariamente o universo representado seria o sul gaúcho por exemplo.

Também podemos observar que 31,8% da amostra acredita que mesclar ritmos é uma boa contribuição para o nativismo ampliando a gama de possibilidades das composições, como criar um samba nativista por exemplo, em contraponto a essas duas alternativas 18,2% acreditam que o movimento nativista não deva se abrir, para não perder a sua essência, que se restringe ao universo regional gaúcho e ritmos que são aceitos nos festivais.

TABELA 26 – A ABORDAGEM DE OUTRAS TEMÁTICAS NO MOVIMENTO NATIVISTA

Tu acreditas que a abordagem de outras temáticas no movimento nativista como elementos da cultura universal, outros ritmos musicais, etc., modifica a relação com o tradicionalismo?		
Alternativa	Frequência	%
Sim, diversificar as temáticas, (vida urbana, novas tecnologias) amplia as possibilidades e traz boas contribuições, tanto técnicas quanto	8	36,4%

outros universos para serem incorporadas ao tradicionalismo.		
Sim, mesclar ritmos (como ritmos platinos por exemplo) amplia a gama de possibilidade nas composições e amplia o universo nativista.	7	31,8%
Não, o movimento tradicionalista não deve se abrir para não perder a sua essência que expressa a imagem do povo por meio do estilo de vida e costumes.	4	18,2%
Não se existe a possibilidade de incorporar outras temáticas, pois deixaria de ser tradicionalismo.	3	13,6%
Outros.	0	0%
Total	22	100%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Existe uma aceitação quase unânime por parte da amostra quando se fala em agregar outras vertentes/universos e ritmos dentro do movimento nativista, essas outras vertentes podem estar ligadas a uma vasta gama de possibilidades, como a relação do gaúcho com o mundo, já que a presença do mesmo não se restringe ao Rio Grande do Sul, uma relação com a cultura universal pode promover mudanças dentro do movimento nativista, outros ritmos podem passar a ser aceitos nos festivais por exemplo.

Quando se fala em incorporar outras temáticas podemos trazer como exemplo o músico Raphael Madruga¹⁵ que tem em sua obra duas composições que ilustram bem o que queremos abordar nesse ponto, a primeira a respeito de uma variação no que diz respeito ao universo representado, a música “João Ninguém” trata da relação de um jovem com o universo das drogas, tratar de problemas sociais contemporâneos é incorporar um novo universo dentro do nativismo, uma vez que essa realidade não é algo representado comumente dentre as composições nativistas.

Um outro ponto é a incorporação de novos ritmos, a canção “Deli Cadê Zazá?” Também de Madruga é uma marchinha de carnaval, essa composição ganhou o Festival da Taipa no ano de 2017 e é um ritmo que não faz parte dos que são tidos como ritmos nativistas gaúchos, essas

¹⁵ Cantautor porto-alegrense residente em Canoas-RS, começou a sua carreira no ano de 2004, aos treze anos no festival 20º Reponte da Canção, participa de festivais como a Califórnia da Canção Nativa, Festival da Barranca, Festival da Taipa, etc.

variações quando comparadas com a nossa hipótese podem representar renovações e mudanças com relação as significações do movimento nativista.

4.4.4.3 Síntese da segunda hipótese

Nossa segunda hipótese que acredita que as novas gerações de músicos nativistas criam novos signos é dividida em três blocos cada um condizente a um argumento hipotético, que entende que a criação de novos signos é um processo, que pelo processo de ruptura com os signos tradicionais, pela criação de novos signos e pôr fim a difusão desses novos signos a partir de uma mudança de perfil do povo, sendo assim podemos observar na TABELA 27, que a hipótese se comprova em praticamente todas as questões levantadas no primeiro bloco dessa hipótese que é o que fala da possível ruptura com os signos tradicionais.

TABELA 27 – Síntese Bloco 5

Bloco 5 – Processo de possível ruptura com os signos tradicionais gaúchos						
	Tu acreditas que existe uma renovação nas composições nativistas?	Situação da Hipótese	Tu entende que a descentralização da produção cultural gaúcha possibilitou uma renovação dos materiais culturais do Rio Grande do Sul?	Situação da Hipótese	As formas como as novas gerações nativistas se relacionam com a cultura gaúcha, em algum ponto rompe com as bases do tradicionalismo?	Situação da Hipótese
Resposta 1	45,5%	Comprovada	45,5%	Comprovada	36,4%	Comprovada
Resposta 2	27,3%	Comprovada	36,4%	Comprovada	31,8%	Rejeitada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Essa majoritária comprovação da hipótese representa a necessidade de renovação dentro do movimento nativista, seja uma renovação temática ou rítmica, como observamos na primeira e segunda questão desse bloco, nesse ponto existe um consenso de que o movimento nativista

precisa se renovar, até para que o mesmo continue existindo e se perpetuando, no sentido de entender que a sociedade é dinâmica e por consequência a cultura também deva ser. Mas quando se faz o movimento de questionar sobre o possível rompimento com as bases tradicionais gera-se um tensionamento e é possível observar que existe quase um empate técnico na terceira questão desse bloco, nesse sentido observamos uma resistência para com transformações que façam o movimento de romper com o que é tradicional na cultura nativista.

Na TABELA 28 observamos a questão referente ao nosso segundo argumento hipotético que é o que trata da criação de novos signos e nesse sentido observamos mais uma vez que a hipótese foi comprovada de maneira majoritária.

TABELA 28 – Síntese bloco 6

Bloco 6 – Criação de novos signos		
	Tu acreditas que a abordagem de outras temáticas no movimento nativista como elementos da cultura universal, outros ritmos musicais, etc., modifica a relação com o tradicionalismo?	Situação da Hipótese
Resposta 1	36,4%	Comprovada
Resposta 2	31,8%	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Observamos que existe um sentimento de renovação, da necessidade de mesclar temas e ampliar os horizontes do nativismo, mas essa ampliação não necessariamente passa por criar novos signos, mas sim de promover outras relações para com os signos tradicionais, essas novas relações podem ser relações de coexistência com outras vertentes culturais e outros universos temáticos, criando novas faces para o nativismo, mas faces que não necessariamente não negam as bases tradicionais, mas as traz na sua estética artística.

Identificamos um sentimento de renovação pela amostra, mas uma renovação ligada a manutenção da cultura gaúcha frente a contemporaneidade, uma adaptação da cultura, o gaúcho não quer mais estar restrito a lida campeira, tão pouco fixo na campanha, quer fazer parte do mundo moderno, e de fato faz parte é um cidadão universal, que teve acesso à educação pelo advento do ensino superior em todo Estado e país, que vive uma ascensão econômica já que o

trabalho não mais se restringe ao trabalho pastoril, existem outras oportunidades que acabam emancipando a sua relação com o mundo e por consequência com as bases tradicionais da cultura.

Todo esse sentimento de renovação é presente e legítimo, mas é acompanhado por um clima de conservação, no sentido de promover a manutenção das raízes tradicionais, com a preocupação de que a cultura não se “desfigure” dos modelos que já foram consagrados, podemos entender que isso impossibilita a criação de novos signos, mas não exclui que exista a necessidade de manter o nativismo em movimento, um movimento moderado podemos assim dizer, não é interessante para amostra que essa vertente cultural fique parada no tempo, então podemos entender que o que de fato é mais interessante é que exista um movimento de atualização do movimento nativista, que não passa por se restringir as limitações do tradicionalismo e tão pouco negar as suas raízes culturais.

4.5 Dialogando com a realidade dos festivais

Introdução

Nosso trabalho busca transcorrer sobre as possíveis transformações culturais que os músicos nativistas exercem sobre a produção cultural do Rio Grande do Sul no intuito de entender se é possível a criação de novos signos, que podem dizer respeito a transformações na imagem do gaúcho por exemplo, para dar conta do problema: “As novas gerações de músicos influenciam na produção cultural no universo dos festivais nativistas criando novos signos?” Criamos dois argumentos hipotéticos baseados na literatura disponível sobre a temática nativista e sobre tradições para que fosse possível traçar análises da realidade que acontece nas cenas dos festivais da Fronteira Oeste.

Partimos de duas hipóteses¹⁶, a primeira que diz que possa existir uma possível resistência a criação de novos signos pelo movimento nativista e que é composta por três argumentos, o primeiro diz que existe uma resistência pois houve um processo de consagração dos signos tradicionais gaúchos, que acarretou num endurecimento da cultura para transformações, o segundo é que esse processo de consagração dos signos gaúchos existiu mediado por uma defesa contra um inimigo externo e o terceiro argumento diz que a consequência dessa resistência é uma estilização do tradicionalismo no sentido de que existe um endurecimento na

¹⁶ Vide sessão 3.1.2

criação de novos signos e em verdade o que acontece é um movimento de estilização das bases tradicionais mantendo as suas significações.

A segunda hipótese afirma que pode existir uma criação de signos, que também é formada por três argumentos, o primeiro diz que existe um processo de ruptura com os signos já consagrados, como os hábitos, as pilchas tradicionais, etc. O segundo trata da descentralização da produção cultural podendo acarretar na criação de novas significações mediante as antigas, esse processo configura uma possível criação de novos signos, uma vez que existe uma mudança de perfil de quem concebe os materiais culturais, no caso compositores artistas e produtores com a cabeça aberta a transformações no movimento nativista a partir da abordagem de outras temáticas.

Nesse tópico analisaremos três depoimentos de artistas que fazem parte do circuito nativista e que são bastante expressivos dentro dos dois festivais que são de nosso interesse, o Festival da Taipa e Festival da Barranca, sendo assim foram feitas três entrevistas em profundidade com um questionário semiestruturado que continha dez perguntas (vide seção 3.2) para o poeta Rafael Ovídio, o cantor e compositor Fernando Saldanha e o também cantor e compositor Pirisca Grecco.

A seguir faremos o nosso movimento de análise interpretando cada questão separadamente e interpolando as respostas que obtivemos de cada um dos entrevistados, para que seja possível fazer relações entre eles através dos pontos de divergência e convergência, para com isso demonstrar nossas hipóteses que foram divididas no questionário em dois blocos, de 01 a 05 questões que contemplam a hipótese 1 e de 06 a 10 questões referentes a hipótese 2.

4.5.1 Discutindo a hipótese 1

Questão 01 – Na tua opinião por que é necessário armazenar e preservar a produção cultural gaúcha?

A Primeira questão discute qual é a importância de armazenar e preservar a produção cultural gaúcha, quando confrontamos esse questionamento com a nossa primeira hipótese que coloca em suspensão a ideia de que as novas gerações de músicos nativistas não criam novos signos, trazemos o nosso primeiro elemento constitutivo que entende que foi a partir desse armazenamento e preservação do capital cultural o princípio da consagração dos signos tradicionais gaúchos.

Começamos esse movimento de análise partindo da ótica dos três entrevistados entendendo o que fala o primeiro. Fernando Saldanha observa a necessidade de criar registros para que haja um legado da sua produção cultural, para que a mesma não caia em esquecimento, por isso observa a necessidade de deixar registros, entendemos que por “esses caras e essas caras” ele se refere aos artistas nativistas que historicamente vem fazendo esse movimento de criar registros por meio da gravação de canções e escritos de livros, acompanhando o advento da tecnologia e a sua transformação de formatos no decorrer do tempo.

Assim como esses caras e essas caras que fizeram todas essas obras literárias que estão nos livros, musicais que estão nos discos, depois no k7's, cd's e agora na nuvem no mp3, esse pessoal já pode até ter partido dessa vida, mas segue se comunicando, eu acho que é isso, eu tenho a necessidade de me comunicar e de dizer as coisas que partem da minha leitura de mundo, do meu olhar ao povo que eu acho que é essencial e a gente responde. (SALDANHA, 2019)

Ele diz que o artista é uma resposta para as questões que estão no ar, podemos entender como uma importante interlocução das questões geracionais e de legado cultural por meio de leituras a respeito da sociedade com a finalidade de criar registros que sejam endereçados a posterioridade, no sentido de preservar a memória da sua obra, é presente na fala do compositor o interesse da comunicação com o povo e também com as crianças e os jovens.

(...) o artista é uma resposta as perguntas que estão no ar, criar esses registros e me comunicar com a juventude, me comunicar com as crianças, me comunicar com as pessoas que assim como os meus avós me deixaram uma memória. (SALDANHA, 2019)

Observamos de maneira bastante presente nessa fala a questão da importância do legado como objeto de manutenção da cultura, a questão de criar uma memória corrobora com a nossa hipótese, já que entendemos que para que os signos tradicionais sejam consagrados é necessário preservar e armazenar os materiais culturais e isso se encontra bastante presente na fala do compositor, já que para criar a memória de um bem cultural acontece um movimento de preservação e armazenagem.

Entendemos que Fernando Saldanha corrobora com o nosso argumento hipotético de preservação e armazenagem em quatro pontos, o primeiro ligado as transformações que ocorreram historicamente na maneira de armazenagem das produções culturais que são cada vez mais dinâmicas com o passar do tempo, o segundo diz respeito a uma necessidade de comunicação, aqui entendemos como comunicação por meio da sua produção artística, o

terceiro é uma preocupação com as novas gerações no sentido de transmitir um legado e o quarto que é de criar uma memória da sua obra a deixando assim para a posterioridade,

Nosso segundo entrevistado é o poeta Rafael Ovídio, o mesmo entende que a vida não é um sopro, mas sim um segmento, é presente na fala dele a necessidade de armazenagem dos materiais culturais, para que haja uma preservação da identidade do indivíduo, que se perpetua entre as gerações, o entrevistado acredita que é a partir da identificação com os materiais culturais que as pessoas despertam a sua individualidade, se conhecem no mundo como ele categoriza, podemos entender que é conhecendo as suas raízes que o indivíduo se reconhece no mundo.

A ideia de que somos oriundos de uma progênie demonstra a identificação de uma continuidade por meio da replicação de uma descendência genética, mais do que isso da replicação de uma origem, existe um entendimento de que o ser humano é fruto do seu meio, que a sua identidade está atrelada a um caráter orgânico da humanidade, podemos fazer a figura de que a humanidade é um corpo vivo que dá origem a novas vidas que são a sua continuidade e replicam esse processo por meio da produção artísticas criando legados através da cultura.

Eu acho que a vida não é um sopro, a vida é um segmento nós somos oriundos de uma progênie, somos segmentos genéticos de um ser, então esse cordão umbilical é importantíssimo para gente mesmo se descobrir como ser, como homem ou mulher na humanidade. (OVÍDIO, 2019)

É interessante a premissa que o poeta traz em dizer que o artista é o cronista do próprio tempo, não só corrobora com a ideia de armazenagem, preservação e legado, como também demonstra o entendimento de que são esses registros que farão com que a cultura seja transmitida, logo podemos entender a armazenagem como a dimensão que permite que a cultura resgate as suas origens e se mantenha.

E a cultura resgata isso de uma certa forma, deixa catalogado uma época, [...] então eu acredito que o artista é um cronista do seu tempo, essa é uma frase que não é minha eu já escutei muitas vezes e eu concordo muito com essa frase. (OVÍDIO, 2019)

A fala do entrevistado se alinha bastante com o argumento que constitui nossa hipótese, pois é pautada na importância da cultura como ferramenta de resgate das origens e continuidade de maneira geracional. Podemos observar três pontos que são interessantes de ressaltar nesse

sentido, o primeiro é o caráter orgânico da cultura, a ideia de progênie, que categoriza que o legado cultural é algo intrínseco a natureza humana, o segundo é de que a partir desse legado aflore a individualidade, o ser de cada um, ou seja, é necessário que exista uma raiz para que o indivíduo tenha a sua identidade, o terceiro ponto é o caráter de catálogo, que passa pelo artista que faz as leituras, ou seja, é o cronista do seu tempo e isso expresso na cultura cria o catálogo de uma época.

O cantor e compositor Pirisca Grecco aponta a importância de gravar discos com os temas compostos nos festivais como o Festival da Taipa, pois entende que o festival é um espaço de criação que proporciona experiência para o artista, no sentido de proporcionar um aprimoramento técnico, que passa por incrementar as suas composições e logo inová-las.

O entrevistado entende que as composições feitas nesses festivais possuem uma autenticidade, um fundamento como ele mesmo diz, leva-las para fora desses acampamentos, seja no aval de outros festivais ou na gravação de discos, estimulou um campo criativo, incentivou a busca por novidades no fazer das músicas, criar novas rimas, criar novos sentidos para as palavras, estimulou o espírito compositor que existia nos que são responsáveis pelas composições desse universo.

Sempre colocamos as músicas da Taipa nos nossos discos, mandamos para os festivais e eles avalizaram nossas canções, mostraram que não era só aquela coisa de acampamento, que tinha fundamento as coisas, isso também nos proporcionou um campo bastante criativo e nos permitiu sempre sermos ousados, buscar novidades, novas rimas, novos duplos, triplos sentidos para as palavras eu acho que apurou o nosso espírito compositor. (GRECCO, 2019)

Podemos entender que esses festivais como o Festival da Taipa por exemplo, são um laboratório, onde são feitas experiências musicais, ou seja, são uma estrada larga para o universo criativo, ou seja, possibilita um grande campo de atuação para o universo criativo, que corroboram com o fazer artístico, no sentido que concebem materiais que vão ser trabalhados posteriormente em discos ou outros festivais que possuem triagem e linhas temáticas¹⁷ por exemplo, logo podemos dizer que dos acampamentos surgem os diamantes que serão lapidados a posteriori para serem distribuídos em discos e em festivais competitivos, o entrevistado

¹⁷ Podemos usar como exemplo festivais nos moldes da Califórnia da Canção Nativa, onde as composições devem ser inscritas previamente mediante um edital que traz as temáticas aceitas, bem como os ritmos e todas as regras, passando por essa triagem a música se classifica para o festival que possui um caráter de competição.

entende que esse modelo de festival deva servir como exemplo para outros festivais, pois tem um caráter interessante para a produção cultural.

(...)então é sempre importante os dois serviços, colocar as músicas da Taipa em um cd, tu avaliza o laboratório e ao mesmo tempo o cancionero está abraçando isso, que se repitam outros laboratórios e que outros festivais tomem como exemplo esses acampamentos. (GRECCO, 2019)

Quando observamos a fala de Pirsca Grecco conseguimos perceber quatro elementos que são importantes para a nossa discussão, o primeiro é o campo criativo que os festivais proporcionam, estimulando a produção cultural, o segundo é que esse campo criativo se expressa em novidades na produção cultural, ou seja, proporciona inovações no fazer artístico, o terceiro é que isso cria uma credibilidade para as composições oriundas desses festivais e o quarto ponto é o caráter de laboratório, pois é a partir dessas experimentações que surgem as composições que serão gravadas e defendidas nos palcos dos festivais e esse ponto pode ser um exemplo para os demais festivais.

Podemos observar nessa fala que existe o entendimento de que essa armazenagem e preservação através da troca e da produção realizada no universo dos festivais, com os moldes do Festival da Barranca e da Taipa, configura uma credibilidade, não só para as composições, mas para esses modelos de festivais, trazendo a possibilidade de que os mesmos sejam atores importantes no processo de manutenção da cultura através da consagração dos signos gaúchos e difusão dos mesmos.

Para sistematizar as descobertas que fizemos na análise da primeira questão elaboramos um quadro síntese TABELA 29, que estará presente em todas as questões com a finalidade de dinamizar e ilustrar as nossas análises e assim facilitar a compreensão do que observamos em cada ponto da entrevista.

TABELA 29 – Quadro síntese questão 01 das entrevistas

Entrevistado	Motivos para preservar	Situação da hipótese
Saldanha	<p>A) As transformações no modo de armazenagem da produção cultural</p> <p>B) A necessidade em se comunicar (por meio do fazer artístico)</p> <p>C) A Preocupação com as novas gerações</p>	Comprovada

	D) A necessidade em criar uma memória Centro: Memória	
Ovídio	A) A cultura cataloga uma época B) Artista como cronista do seu tempo Centro: O artista individual	Comprovada
Grecco	A) Campo criativo (laboratório) B) Novidade na produção (incremento) C) Credibilidade da produção nos festivais (acampamentos) D) Laboratório para a reprodução Centro: Os festivais	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Observamos sim uma certa divergência no centro constitutivo da fala, mas a princípio todos os entrevistados convergem para a comprovação da hipótese, as divergências dizem respeito aos motivos que levam a identificação da necessidade de preservação dos materiais culturais, Fernando Saldanha enxerga essa necessidade como uma forma de transferir o seu legado para a juventude no sentido de criar uma memória, a partir das transformações no modo de armazenagem e uma necessidade de comunicar o seu fazer artístico.

Enquanto Rafael Ovídio aponta para o movimento de catalogação que a cultura faz a respeito de uma época, através do artista que acaba por ser o cronista do seu tempo, possibilitando desenvolvimento da identidade individual e Pirisca Grecco ainda acredita que esses registros configuram autenticidade para o movimento nativista, pois é mediado por um campo criativo que proporciona novidades na produção e ainda funciona como um laboratório para a criação dos materiais que serão difundidos.

Observamos em todas as falas a mesma finalidade, a armazenagem e preservação dos materiais culturais gaúchos, que se alinham no sentido de comprovar o primeiro elemento constitutivo da nossa hipótese, que diz que esse movimento de armazenagem e preservação é o ponto que possibilita que os signos tradicionais sejam consagrados, de toda forma ainda podemos interpretar na fala dos entrevistados que para além disso, possibilita que todo universo imagético e cultural do nativismo se perpetue.

Questão 02 – Na tua opinião o resgate histórico que deu origem ao movimento tradicionalista na década de 1940 em Porto Alegre pelo CTG 35 foi importante por quê?

A segunda questão que tange a nossa análise versa sobre a importância do resgate cultural promovido pelo CTG 35 que deu origem ao movimento tradicionalista na década de quarenta, entendemos que foi a partir desse resgate em paralelo com a catalogação dos materiais culturais gaúchos que se concretizou a consagração dos signos tradicionais.

Nessa questão obtivemos duas respostas em nossas entrevistas, começaremos com o que diz Fernando Saldanha a respeito da importância do resgate cultural capitaneado pelo CTG 35, ele deixa claro a importância que esses legados trazem para a cultura, mas não enxerga com bons olhos a imposição de limites que esse movimento acabou por fazer, nesse sentido podemos entender como um endurecimento da cultura tradicionalista que “ditou as regras” de como devia ser o fazer cultural.

Fernando ainda categoriza que ignora essas questões de imposição de limites por criar uma imagem de um gaúcho muito mais contestador do que o gaúcho gentílico, entende que foi o movimento de resgate o responsável por criar essa imagem de um gaúcho gentílico e aqui podemos entender como submisso ao padrão e outras questões particulares ao êxodo rural que forjou essa representação.

Minha visão pessoal, eu valorizo os legados, mas a imposição de limites para mim não existe eu ignoro, o meu gaúcho é muito mais contestador, a minha visão do gaúcho ela é muito mais próxima do gautcho do que do gaúcho esse forjado que é o gentílico da pessoa que nasceu no Rio Grande do Sul, essa invenção né, tem um verso do Vinicius Brum que diz: “inventamos uma tradição que nos inventa” inspirado muito pelo Sérgio Jacaré, eu sou muito mais contestador. (SALDANHA, 2019)

Essa ótica que ele apresenta, pois não configura um compromisso com as bases tradicionais na sua obra, embora reconheça a importância do tradicionalismo, mas não deixa que isso faça um movimento de impor limites na sua produção cultural, esse caráter contestador é justamente o oposto do que levantamos hipoteticamente já que o resgate feito pelo CTG teve objetivo de criar uma sistematização da imagem do gaúcho e de impor limites na replicação da cultura, observamos que o entrevistado se identifica bem mais com a imagem do gautcho, ou o gaúcho - argentino, que historicamente na cultura foi uma figura contestadora.

Nosso segundo respondente é o poeta Rafael Ovídio, que traz na sua fala questões referentes ao nativismo por não se considerar um tradicionalista, mas sim um artista nativo, que não se restringe a penas ao que impõem o tradicionalismo, categoriza que as aspirações da sua obra estão muito mais relacionadas com o ambiente onde ele vive, ele acredita que traduzir questões da natureza como o pôr-do-sol e o material humano criam esse laço nativo, por representar a sua realidade.

Ainda diz que o fato de se considerar gaúcho não se restringe a estar ligado a um segmento tradicional, podemos entender que isso acaba por desmentir a nossa hipótese, já que para o poeta e sua obra existe uma busca por origens que não as origens inventadas pelo tradicionalismo, mas nas raízes nativas que ele identifica ter no seu modo de vida e de enxergar o mundo, nas relações da sua obra com a natureza e que não passa por seguir uma segmentação tradicional, mas busca se renovar em um movimento que é feito de dentro para fora na busca por coisas novas.

Eu sou um artista muito mais nativo do que tradicionalista, eu acredito muito no ambiente onde eu vivo, nas aspirações poéticas e artísticas do ambiente onde eu vivo, ou seja, eu acho que o artista tem que traduzir o pôr do sol, o material humano, as questões que envolvem ele. [...] a gente se diz gaúcho, não precisa ser um segmento da tradição eu tenho que buscar dentro da minha forma nativa de ser uma coisa nova. (OVÍDIO, 2019)

É interessante a contribuição que Rafael Ovídio traz, pois expressa um sentimento de renovação, muito ligado a reinvenção individual, ele entende que o seu fazer artístico não se restringe a um movimento, embora ele faça parte do nativismo e prestar reverências ao tradicionalismo, acredita que a arte não deve ter limitações, a criação deve ser livre e respeitando as aspirações que são individuais a cada artista, ainda podemos entender que ele se considera nativista pois canta as coisas da sua terra, de onde ele vive, podemos dizer de onde ele é nativo, logo a sua arte não fica restrita as imposições do tradicionalismo.

Observamos que existem convergências nas falas dos dois entrevistados, que acabam por rejeitar o argumento que constitui a nossa hipótese, mas que possuem divergências no que diz respeito a relação de ambos com o movimento de resgate cultural que deu origem ao tradicionalismo e como isso perpassa o fazer artístico de cada um, sendo assim sistematizamos na TABELA 30 as nossas descobertas analíticas para que seja possível criar um paralelo entre os dois entrevistados.

TABELA 30 – Quadro síntese questão 02 das entrevistas

Entrevistado	Relação com o resgate tradicionalista	Situação da hipótese
Saldanha	<p>A) Imagem de um gaúcho contestador</p> <p>B) Identificação da invenção da tradição gaúcha</p>	Rejeitada
Ovídio	<p>A) Aspirações nativas na sua arte</p> <p>B) Busca por renovação que parte de uma motivação interna e individual</p>	Rejeitada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

A nossa hipótese não se comprova, uma vez que os dois artistas não vislumbram esse compromisso com as bases do tradicionalismo, podemos categorizar isso como uma característica do nativismo, que entende e respeita as contribuições do movimento tradicionalista, mas não fica restrito a ele, historicamente o nativismo já surge como um movimento de variação do tradicionalismo, os artistas que compõem o movimento prestam reverências, expressam estéticas tradicionalistas no seu fazer artístico e modo de vida, ou seja, têm o hábito de andar pilchado e por vezes replicam o universo pastoril do gaúcho na sua obra, mas não se restringem a isso, retratam outros universos na sua arte.

Deixando as aspirações muito mais ligadas com as origens de cada autor e as suas relações com o mundo, que podem ter um cunho muito mais contestador frente a rigidez do movimento tradicionalista como é o caso de Fernando Saldanha que faz inflexões sobre a invenção das tradições e acredita que o resgate feito pelo tradicionalismo não criou uma imagem que o represente, o mesmo se sente mais representado pela imagem do gaúcho argentino, uma figura contestadora por natureza.

De todo modo existe um ponto convergente nessa diferença de intenções dos artistas, que passa por não existir uma preocupação em estar enquadrado dentro dos parâmetros que exerce o tradicionalismo para com a produção cultural gaúcha, podemos dizer que ambos são artistas gaúchos, mas não restringem a sua produção cultural ao crivo tradicionalista.

Entendemos que o tradicionalismo cria uma rede onde circulam os materiais culturais, como acontece no caso dos CTG's por exemplo, que sem exceções não permite variações dos seus moldes, o que não acontece com os artistas, uma vez que a produção artística não se limita

a padrões, o que vai limitar é onde as composições serão veiculadas, se atendem os crivos dos regulamentos dos festivais por exemplo, mas isso não é um fator limitante, já que o artista possui outras possibilidades que não ficam restritas aos festivais, podemos entender que os festivais são um universo possível, mas existem outros, como as plataformas digitais por exemplo.

Logo podemos entender que os entrevistados acabam derrubando o segundo elemento constitutivo da nossa hipótese que trata justamente da importância e influência do tradicionalismo na produção cultural dentro do universo dos festivais nativistas da Fronteira Oeste, pois o tradicionalismo é uma vertente que é importante para os entrevistados, as questões estéticas que são particulares do movimento são incorporadas nas suas obras, mas os mesmos acreditam que não seja um fator limitante e acabam por exercer um fazer artístico que é para um liberto das limitações tradicionalistas e o outro além de ser liberto ainda faz o movimento de questionar essas limitações.

Questão 03 – Tu acreditas que a manutenção da cultura gaúcha está ameaçada por outras vertentes culturais?

A nossa terceira questão traz à tona a discussão de uma possível ameaça da manutenção do nativismo por outras vertentes culturais, se confronta com o nosso elemento constitutivo que diz que a consagração dos signos tradicionais passa por uma proteção contra um inimigo externo e nesse sentido podemos entender como outras vertentes culturais ou outros elementos que coloquem em cheque a hegemonia do tradicionalismo no Estado do Rio Grande do Sul.

Para essa discussão trazemos três falas de nossos entrevistados, começando por Fernando Saldanha que não vê uma ameaça externa, mas entende que justamente esse movimento de defesa contra um inimigo externo acabou por afastar as pessoas do interesse pela cultura tradicional, mais ainda quando se fala do público jovem, ele ainda categoriza que esse movimento, e nesse ponto diz que não sabe se com objetivos claros ou não, criou uma legitimação da hierarquização da cultura.

Podemos entender que esse movimento de hierarquização restringiu a participação popular, o que acarretou em um afastamento dos públicos que frequentam os festivais, podemos tomar como exemplo a Califórnia da Canção Nativa que na sua origem era popular e acessível para irrestritos públicos nas cidades de Iona¹⁸, hoje em dia o festival acontece no Teatro Rosalina

¹⁸ Acampamentos no Parque Agrícola e Pastoril de Uruguaiana-RS onde se reuniam o público, músicos e artistas durante os dias que aconteciam o festival Califórnia da Canção Nativa.

Pandolfo Lisboa onde o preço dos ingressos é inacessível para muitas pessoas, isso cria uma hierarquização e acaba por inibir a presença de novos públicos.

Observamos uma preocupação no que diz respeito ao amplo acesso aos materiais culturais, ou participação diretas em festivais por pessoas que não são contempladas por essa hierarquização identificada pelo entrevistado, nesse sentido existe a possibilidade do movimento que inicialmente foi feito para que a cultura tradicional gaúcha de certa forma fosse blindada diante de outras vertentes culturais, acabe por restringir o acesso ou afastar novos públicos prejudicando a renovação e manutenção do nativismo.

Eu acho que o tradicionalismo, não sei se com objetivos claros, mas como resultado ele trouxe uma hierarquização, uma legitimação de uma hierarquização da cultura, [...] a mulher está do lado de fora, está a quem da abordagem, e eu vejo que isso acaba afastando as pessoas, sobretudo a juventude do interesse pela cultura tradicional (SALDANHA, 2019)

É bastante presente nessa fala a necessidade de uma renovação no movimento como um todo, tanto por parte do tradicionalismo, como no universo dos festivais, Fernando Saldanha acredita que a partir dessa reinvenção existe a possibilidade de renovações estáticas e paradigmáticas dentro do movimento, como o protagonismo feminino por exemplo, sendo assim nos confrontamos justamente com o inverso que tange a nossa proposta de hipotética, uma vez que o que está sendo proposto é justamente no caminho da busca de novas significações para o movimento nativista.

Tem que se reinventar, o tradicionalismo assim como os festivais chegou uma hora de nos reinventarmos até para que haja uma renovação estética, uma renovação temática e a gente não fique se repetindo sempre fazendo as mesmas músicas, sobre as mesmas coisas. (SALDANHA, 2019)

Quando observamos a fala de Fernando Saldanha observamos uma comprovação da nossa hipótese, já que o entrevistado acredita que a cultura gaúcha esteja sim ameaçada, mas como podemos observar essa ameaça não passa por ser apenas externa, mas sim uma ameaça interna que parte de dois fatores, o primeiro é uma hierarquização da cultura, ficando restrito controle da mesma por poucas pessoas o que acaba por dificultar o acesso a ela, o segundo é a consequência dessa hierarquização que faz com que as pessoas se afastem do movimento nativista e não aconteçam renovações tanto no público que acompanha, quanto no próprio movimento.

A segunda fala que daremos conta é de Rafael Ovídio, o poeta trata com naturalidade a possível ameaça por outras vertentes culturais, levantando exemplos de civilizações antigas que já não possuem o mesmo perfil, possibilitando o entendimento de que as transformações são naturais e fazem parte do processo da humanidade, podemos entender que o mesmo não desconsidera a importância da manutenção cultural, mas também podemos interpretar que ele entende não possuir o poder de controlar as dinâmicas sociais e nem tem essa pretensão com a sua arte.

Podemos dizer que a intenção na arte do entrevistado não é a de transformação social, entendemos que o artista faz parte de uma corrente que se baseia na fruição artística, nas sensações que a sua obra irá transpassar, no que diz respeito a questões que mexem com a hegemonia cultural tradicionalista podemos dizer que se trata de fluxos que acontecem dentre as correntes artísticas e transformações sociais.

Eu não tenho tanto medo com relação a isso, o império romano não é mais o império romano, a Grécia não é mais a Grécia antiga e são os berços da civilização, dos pensadores dos filósofos, são transformações a gente não pode querer que o gaúcho moderno use chiripa, embora eu seja apaixonado por essa cultura eu tenho que entender o que está na volta também, então eu não tenho muito essa preocupação, (OVÍDIO, 2019)

Vemos isso presente quando o mesmo coloca em discussão o fato de que ele gosta de preservar os costumes, gosta da indumentária crioula, mas carece de entender as particularidades dos diferentes tipos de gaúcho e nas palavras dele “a gente não pode querer que o gaúcho moderno use chiripa” podemos entender que quando ele faz essa figura do gaúcho moderno é relacionando com os centros urbanos, onde a manutenção cultural passa por diversos tensionamentos cotidianamente, já que existem convergências culturais nessa miscigenação que não restringem as relações do gaúcho com o tradicionalismo.

Podemos dizer que Rafael Ovídio entende que as dinâmicas sociais são intangíveis, ou seja, não são uma possibilidade temática ou um interesse do autor, quando se trata da sua obra, no sentido que ele não consegue e sequer almeja freá-las, embora ele preserve costumes como a indumentária tradicionalista, isso não é algo universal, vão existir divergências na aceitação dos valores tradicionais, isso pode acontecer pois a sociedade é dinâmica e se relaciona com variados estilos de vida.

Eu gosto de preservar, eu gosto da canção nativista, da indumentária crioula, mas isso é uma coisa muito particular, por que o homem que está lá em Porto Alegre, no centro urbano de Santa Maria, as vezes ele tem outras questões culturais que envolvem ele, o exemplo aqui de Uruguaiana é o samba, então eu não tenho muito essa preocupação, eu acho que o atavismo ele fala mais alto. (OVÍDIO, 2019)

Ainda no final da fala traz um exemplo bastante interessante, já que Uruguaiana, berço dos festivais nativistas hoje também conta com outra grande influência cultural que é o carnaval, Ovídio não observa nisso uma ameaça, ainda termina dizendo que o atavismo fala mais alto, se referindo que as tradições renascem como um processo natural, de maneira que a cultura é inerente ao ser humano e deriva da sua origem, de maneira hereditária.

Mais uma vez a nossa hipótese é refutada já que o entrevistado não observa essa ameaça da manutenção do nativismo como algo importante e sim como um processo natural que as vertentes culturais passam, podemos observar dois pontos que representam isso na fala de Rafael Ovídio, o primeiro é que existe um entendimento de que as transformações sociais são naturais e o segundo é de que existem outras questões culturais que envolvem os gaúchos, ou seja, não é apenas o tradicionalismo a vertente cultural vigente no Estado, embora ele construa a imagem do gaúcho e o entrevistado identifique nesse ponto uma importância.

Podemos dizer que essa despreensão no que diz respeito a uma possível ameaça da cultura gaúcha frente a outras vertentes culturais passa pelo entendimento de que a cultura se reinventa, renasce de dentro das pessoas na busca pelas suas raízes, sendo assim a cultura gaúcha não estaria ameaçada pois é natural que ciclos aconteçam e por mais que exista “concorrência” no momento, chega um ponto que um resgate cultural é feito e as pessoas buscam em si, em sua origem, algo que as represente e essa vertente cultural aflora mais uma vez, podemos entender isso quando se fala em atavismo, no caso um atavismo cultural.

O nosso terceiro entrevistado, Pirisca Grecco observa na mídia hegemônica a ameaça da manutenção das vertentes culturais, uma vez que os veículos não mais se preocupam com a cultura tradicional em detrimento do lucro obtido com a veiculação de outros tipos de materiais, comercializando espaços destinados para a cultura que poderiam estar fomentando e disseminando os materiais culturais gaúchos, além disso também é presente na fala do cantor e compositor a naturalidade com que isso é feito, o mesmo diz que ninguém se importa com essas práticas, podemos entender ninguém como os órgãos que deveriam fiscalizar essas práticas ilegais e que muitas vezes fazem vista grossa.

Eu tenho do meu conhecimento empírico que o grande vilão de tudo isso é o veículo de comunicação, é a rádio na perda do compromisso cultural, é a institucionalização do jabá, é ninguém se importar em ver os programadores vendendo o espaço, que é o cultural, existe o espaço comercial e a rádio covardemente também explora o espaço cultural que seria para formar a sua aldeia, eles acabam comercializando isso, então é um jogo difícil (GRECCO, 2019)

Criando um jogo difícil para os músicos, já que eles dependem dessa relação com os veículos, e entre estarem completamente fora do circuito por criar uma indisposição com os que detém o controle da veiculação, ou fazer parte ainda que não da maneira desejada e garantir alguma remuneração, ainda é preferível não bater de frente uma vez que a classe acabaria por sair perdendo, por não ter a expressão suficiente para bater de frente e reverter esse quadro, já que o poder econômico da indústria é infinitamente maior que o dos artistas.

E o músico também como ele não se representa, ele não tem musculatura e capilaridade ele fica quietinho para não perder, não se ver mal com o dono da rádio, eu acho que é urgente um grito de alerta pela retomada do compromisso cultural, eu só canto as coisas do pago por que cresci escutando a Califórnia. (GRECCO, 2019)

É latente na fala a necessidade de uma retomada do compromisso cultural e aqui confrontamos com o nosso argumento, já que esse compromisso cultural é justamente no sentido de proteger a cultura gaúcha frente às ameaças externas, Pirisca ainda categoriza que canta as coisas do pago por ter crescido ouvindo a Califórnia, nesse sentido é preciso retomar essa proteção para que mais pessoas retomem essa relação ou até mesmo criem novas relações com a cultura tradicional e a mesma se preserve e se perpetue.

Podemos observar três pontos na fala do cantautor que corroboram com o argumento hipotético que levantamos, o primeiro é entender a mídia hegemônica que acaba por dar preferência para o mainstream, ou seja, para os produtos da indústria fonográfica em detrimento da remuneração que estes proporcionam e muitas vezes não pelas vias legais, o segundo é o conformismo que os artistas nativistas precisam ter para ainda fazer parte do circuito e garantir uma remuneração, uma vez que os mesmos não possuem expressão para bater de frente com esse sistema e o terceiro é a necessidade do compromisso cultural, para que sejam difundidos os materiais culturais gaúchos e logo proporcionar uma manutenção da cultura, podemos entender como proteção frente a outras vertentes culturais.

Observamos divergências nas três falas, a hipótese é comprovada por dois dos entrevistados, mas existe uma divergência nas motivações e um dos entrevistados rejeita a nossa hipótese, sendo assim podemos observar no quadro síntese TABELA 31 as descobertas hipotéticas que fizemos e discutiremos essa sistematização a seguir.

TABELA 31 – Quadro síntese da questão 03 das entrevistas

Entrevistado	Posições referentes a possíveis ameaças da manutenção da cultura gaúcha	Situação da hipótese
Saldanha	<p>A) Ameaça interna (hierarquização da cultura)</p> <p>B) Afastar as pessoas</p> <p>C) Necessidade de renovação</p>	Comprovada
Ovídio	<p>A) Transformações são naturais (preferências culturais)</p> <p>B) Outras questões culturais também envolvem o gaúcho</p> <p>C) A cultura de renova por meio de um atavismo cultural</p>	Rejeitada
Grecco	<p>A) Ameaça da mídia hegemônica</p> <p>B) Falta de capilaridade dos artistas nativistas frente a indústria fonográfica</p> <p>C) Necessidade da retomada do compromisso cultural por parte dos veículos de comunicação</p>	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Podemos observar que Fernando Saldanha e Pirisca Grecco confirmam a nossa hipótese, ambos acreditam que exista uma ameaça na manutenção da cultura gaúcha, entretanto existem divergências no que diz respeito a isso, pois Saldanha acredita que exista uma ameaça interna frente ao nativismo, que é a hierarquização da cultura, que acaba por afastar as pessoas, ou seja, possíveis novos públicos como o público jovem por exemplo, acarretando assim na necessidade de renovação do movimento.

Já Pirisca observa uma ameaça externa ao nativismo, que fica por conta da atuação da mídia hegemônica no mercado fonográfico, que não dá preferência para os materiais culturais gaúchos e de maneira fraudulenta comercializam espaços que deveriam ser reservados para a cultura, fato que acaba deixando os artistas de mãos atadas, já que os mesmos não tem forçar para

reverter esse quadro e bater de frente com esse sistema que se formou, existe a identificação da retomada do compromisso cultural por parte dos veículos de comunicação, pois assim a cultura conseguiria se manter viva nesse cenário até o momento desleal.

O poeta Rafael Ovídio rejeita a nossa hipótese, pois parte do entendimento que outras vertentes culturais não sejam uma ameaça para a cultura gaúcha, uma vez que dividir as atenções é um processo natural e inerente as transformações sociais, já que as pessoas, e aqui tratamos do povo gaúcho, possuem outras questões culturais que as envolvem, nesse sentido a cultura se mantém e se renova.

Questão 04 – A reprodução técnica (registros escritos, gravações, vídeos, veiculados em larga escala, sejam fisicamente ou pela internet) dos materiais culturais gaúchos é importante pois?

O quarto questionamento da nossa entrevista “A reprodução técnica (registros escritos, gravações, vídeos, veiculados em larga escala, sejam fisicamente ou pela internet) dos materiais culturais gaúchos é importante pois?”, trata da importância que existe na reprodução em larga escala dos materiais culturais gaúchos, uma vez que identificamos que uma outra maneira de defesa contra um inimigo externo pode ser justamente a expansão dessa cultura, no caso do nativismo essa expansão se deu através da grande difusão, que possibilitou a popularização e conseqüentemente a manutenção cultural e consagração dos signos tradicionais.

Nessa questão tivemos dois respondentes e começaremos o nosso movimento de análise pela fala do poeta Rafael Ovídio, podemos observar que existe um entendimento de que a produção cultural deva acontecer com naturalidade, quando se carrega uma pretensão na produção ela não acontece de maneira espontânea, podemos entender que quando o artista produz o que for que seja já pensando em atingir um grande número de pessoas ou um objetivo predeterminado a produção não soa de uma forma genuína, podemos entender que o público consegue identificar essa intenção que o artista coloca nas suas composições e acaba por não aderir ou não se identificar com essa produção.

O que o entrevistado considera interessante é a adesão espontânea pelo público, é claro que a não existem produções despretensiosas, já que todas as produções são feitas para suprir inquietações que podem dizer respeito apenas ao autor, mas despretensiosas no sentido que não seja o principal objetivo o de alcançar uma grande difusão ou aceitação, o poeta traz de forma bastante presente na sua fala a necessidade da naturalidade nas produções, agora a aceitação e admiração por parte do público é algo que vem como consequência, ou seja,

podemos entender que o entrevistado quer dizer que quando um artista acredita que o que torna as coisas populares é a verdade com que elas são feitas, quando existe verdade nas composições a popularização delas é uma consequência.

Eu acho que o artista tem que viajar com naturalidade, e essa pretensão tira a naturalidade do artista, se tu te tornas um espelho por que as pessoas gostam do jeito que tu te vestes, o jeito que tu falas, como é a tua poesia, a tua cadência poética, se isso impressiona as pessoas, isso é maravilhoso, (OVÍDIO, 2019)

Ovídio traz a máxima de que a arte acaba se espalhando naturalmente quando possui um caráter genuíno, quando imbuída de verdade e ternura, independente do padrão estético que ela possua. Podemos entender que o que é fundamental para o entrevistado não é a grande difusão dos materiais culturais, mas sim a sua autenticidade no sentido de expressar uma verdade, de transmitir significações genuínas, podemos entender que o poeta não presa pela quantidade, mas sim pela qualidade dos materiais que serão difundidos, nesse sentido entendemos que o nosso argumento hipotético não se comprova uma vez que a difusão desses materiais em larga escala não é o ponto que o entrevistado considera como importante no processo de manutenção da cultura nativista gaúcha.

Mas eu não acho também que isso seja fundamental, eu acho que é fundamental que exista ternura na humanidade, a arte por si ela vai se espalhando, tu te tornas um espelho para as pessoas se tu tiveres ternura, tiver verdade na tua arte, e não importa como seja a estética da arte. (OVÍDIO, 2019)

Nesse ponto a nossa hipótese é rejeitada, já que o poeta entende que a arte se perpetua por si só, logo não observamos na sua fala uma importância para os registros técnicos e difusão da cultura gaúcha, podemos observar isso em dois pontos, o primeiro é que o artista não deva ser pretencioso com a sua produção, entra aqui a premissa da naturalidade nas composições que acabam por se popularizar naturalmente, o segundo ponto é a necessidade de transmitir significações genuínas, de transmitir verdade nas composições, agregando uma autenticidade ao fazer artístico e a vertente cultural que ele faz parte, logo não existe a identificação da necessidade da reprodução em larga escala, mas sim da reprodução de composições que tenham conteúdo verdadeiro.

Nossa segunda resposta a ser analisada nessa questão é do cantor Pirisca Grecco, que aponta para o compromisso cultural que os veículos de comunicação devem ter, não passa só

por veicular em larga escala esses materiais culturais, mas fazer isso com compromisso, não descaracterizando o movimento no sentido de preservar a cultura para que haja uma difusão da mesma, ou seja, veicular produtos que representem a origem do nativismo e representem com verdade o que é o movimento e como essa vertente cultural se expressa.

O entrevistado faz parte da vida pública¹⁹ e faz outros apontamentos que não foram levantados por nós, que passa pela difusão da cultura por meio da escola, trabalhar com as crianças e jovens a história do nativismo e tradicionalismo por meio das composições musicais e obras literárias para que seja despertado o interesse nessa vertente cultural, assim se abriria um novo caminho para a manutenção e até mesmo renovação do movimento, até como movimento de formação de novos músicos a exemplo de grandes nomes que fizeram e fazem parte desse universo.

É um universo, a gente está aproveitando a oportunidade de fazer parte do legislativo e tentar encontrar respostas também, eu acho que passa muito pelo colégio e pelo compromisso cultural dos veículos de comunicação, eu acho que só assim para que daqui alguns anos formarmos uma geração novos Passarinhos, novos Rassier. (GRECCO, 2019)

Observamos apontamentos no que diz respeito a uma manutenção de referências, podemos entender justamente como os materiais culturais que consagraram os signos tradicionais gaúchos, nesse sentido o entrevistado ainda faz uma alusão de um possível enfraquecimento da cultura por ameaças externas, ou seja, outras vertentes culturais, esse ponto corrobora de forma direta com a nossa hipótese, pois ela diz que a difusão dos materiais culturais são feitas no sentido de frear o avanço de outras vertentes culturais, o que o diverge na fala do entrevistado é o mecanismo de difusão, o apontamento que faz Pirisca é de que a difusão deva ser feita através do ensino, já que o mesmo identifica a escola como um fundamental dispositivo de difusão da cultura gaúcha.

Enfim que cada um seja ele mesmo, mas com referências eu acho que a gente tem de manter as referências por que existem outras referências externas à nossa cultura e isso tende a enfraquecer o movimento como um todo. (GRECCO, 2019)

¹⁹ Pirisca Grecco é assessor parlamentar do Deputado Estadual Luiz Marengo no ano de 2019

Podemos entender com o que diz Pirsca Grecco que existe uma comprovação de nosso argumento hipotético, uma vez que exista a necessidade de difundir os materiais culturais gaúchos, o que diverge do que foi proposto em nossa argumentação é a motivação com a qual isso acontece, podemos observar em dois pontos da fala do artista essa necessidade de difusão, o primeiro passa pelo compromisso cultural dos veículos de comunicação fator que já foi supracitado na questão anterior.

Mas também a difusão por meio da escola, criando uma cultura de renovação que pode dar origem a novos artistas através desse interesse cultural, o segundo ponto é de que toda difusão deve ser feita respeitando as referências nativistas, e aqui podemos entender como as bases do movimento, podemos dizer que comprova a nossa hipótese pois o movimento de difusão é com o intuito de proporcionar a manutenção da cultura nativista.

Observamos dois pontos divergentes quando observamos as falas dos dois entrevistados, sistematizamos essa análise na TABELA 32 para facilitar o entendimento do movimento de análise e dinamizar a leitura.

TABELA 32 – Quadro síntese da questão 04 das entrevistas

Entrevistado	Importância da reprodução técnica dos materiais culturais gaúchos	Situação da hipótese
Ovídio	<p>A) A produção artística não deve ser pretenciosa</p> <p>B) As composições precisam ser autênticas</p> <p>Centro: O que importa é o conteúdo e não a reprodução em larga escala</p>	Rejeitada
Grecco	<p>A) Difusão através da escola</p> <p>B) Respeitar as referências nativistas</p> <p>Centro: Manutenção da cultura</p>	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Rafael Ovídio não considera a difusão em larga escala como um fator importante, tem o entendimento que a produção cultural não deve ter a pretensão nem assumir esse caráter de grande difusão como seu objetivo, é ótimo que isso aconteça, mas que isso seja uma causa e não o objetivo maior, já que Rafael Ovídio entende que tais pretensão subtraem a naturalidade da produção cultural.

Já Pirisca Grecco observa como necessária essa difusão, que deve ser feita de maneira responsável e comprometida, agregando tanto os veículos de comunicação que devem manter um compromisso cultural, quanto por meio da escola no sentido de transmitir um legado para que haja uma renovação no movimento nativista.

Observamos um empate nas considerações dos respondentes, logo podemos entender que existem diferentes relações dos entrevistados com questões que dizem respeito a importância a difusão dos materiais culturais gaúchos, essa divergência parte do entendimento de cada entrevistado a respeito do papel que o alcance dos materiais tem e da maneira que se expressam socialmente, a partir de que Ovídio entende que isso não deva ser pautado na produção espontânea e Grecco entende que existe a necessidade de difusão de maneira responsável dos materiais culturais gaúchos como forma de difusão e manutenção da cultura.

Questão 05 – Tu acreditas que as composições nativistas atuais representam a realidade do povo gaúcho, historicamente ligados a lida do campo e a produção pastoril?

O próximo questionamento diz respeito a representação do povo gaúcho nas composições nativistas, e contempla o nosso argumento que constitui a nossa primeira hipótese e diz respeito a uma possível estilização do tradicionalismo, que abordamos na forma como acontecem as representações do povo gaúcho nas composições.

Essa questão obteve duas respostas e começaremos analisando a fala de Fernando Saldanha, ele acredita que exista uma representação bastante forte da cultura pastoril dentro do universo nativista, uma vez que a imagem do gaúcho foi forjada justamente com essa representação do êxodo rural como supracitado nesse trabalho, Saldanha traz a importância dessa atividade econômica para o desenvolvimento econômico do Estado e pontua dizendo que essa cultura do agronegócio já elegeu presidentes, dada a grande dimensão que representou para a economia nacional.

A gente sabe que a cultura pastoril foi a principal no Rio Grande do Sul durante muito tempo, inclusive essa cultura elegeu presidentes, mas a muito tempo não faz é uma cultura que já não tem a importância econômica, mesmo o Brasil tendo ainda muito essa valorização do agronegócio isso perto da industrialização, das altas tecnologias é obsoleto em termos de valor agregado, por que o que faz a política... muitas vezes a gente elegeu presidentes por que tinha uma força econômica muito grande. (SALDANHA, 2019)

Ele identifica que essa importância econômica já não é mais a mesma, acredita que exista ainda uma valorização do agro no cenário nacional, mas esse panorama frente a industrialização e do advento das altas tecnologias é algo bem menos representativo do que já foi, podemos entender que já não passa mais a representação do povo gaúcho por essa glamourização do êxodo rural, os paradigmas são outros hoje em dia, muitas pessoas sequer tem contato com o meio rural, tem um perfil urbano, mas ainda assim são gaúchos, podemos considerar que o poderio agrário gaúcho já a muito tempo não tem toda essa força que até elegeu presidentes como disse o entrevistado.

Sendo assim podemos entender que Fernando Saldanha quer dizer com essa crítica da representação do universo pastoril nas composições nativistas é justamente pelo fato de não existir uma representação do perfil do povo nas composições, ou pelo menos não representar a totalidade do povo, essa máxima coloca em suspensão as possíveis estilizações do nativismo, podemos observar isso em dois pontos da fala do entrevistado, o primeiro é a perda de protagonismo do agronegócio no cenário econômico do Estado do Rio Grande do Sul, o segundo é que dentro desse processo o movimento nativista muitas vezes não vislumbra essas transformações e continua a representar o universo rural e logo deixando de representar os novos perfis do povo gaúcho.

O segundo a responder essa questão na entrevista foi Pirisca Grecco, que afirma não fazer qualificações dentro do movimento nativista, nem a respeito da sua produção e também não traçando afirmativas a respeito das composições de outros artistas, ele diz não ter essa pretensão e também não considera interessante esses julgamentos, acredita ser importante a fidelidade com sua inspiração, princípios e referências, ele fala em fazer a sua parte, nesse ponto entendemos como atuar para que aconteça a manutenção daquilo que ele acredita como os seus princípios e referências, que movimentam a sua inspiração, ou seja, continuar concebendo materiais culturais nativistas que representem a estética do movimento.

Pirisca vê a sua atuação dentro do nativismo como um autor do movimento, nesse sentido podemos entender como um agente transformador e ativo, que através da sua obra constrói e transforma o universo nativista, é interessante observarmos esse ponto, pois nosso problema trata justamente dessa premissa da influência das novas gerações de músicos nativistas dentro do movimento, ele ainda acredita que todo esse processo demanda tempo e categoriza dizendo que um dia ainda se tornarão folclore, ou seja, o entrevistado acredita que aquilo que o movimento nativista vêm produzindo em termos de arte não causa só um efeito imediatista.

Mas vai construindo e consolidando essa vertente cultural para o futuro, podemos analogamente entender como um escritor que durante toda a sua vida passa escrevendo a obra que vai ser a sua obra prima, faz isso sem pressa, quando ela é publicada e se populariza o autor já não mais está presente para viver esse momento, mas de certa forma ele deixou o seu legado, podemos entender que é esse o sentimento que Pirisca identifica, de estar escrevendo as páginas da história do nativismo musical gaúcho de modo que não necessariamente precisem ser lidas agora.

Eu optei por não qualificar ninguém, fazer a minha parte, respeitando o meu coração sem tentar galgar classificações, mas sim sendo honesto com a minha inspiração, os meus princípios e as minhas referências e procurar fazer parte, me sinto um autor desse livro realmente, acho que o tempo vai dizer, acho que um dia nos tornaremos folclore, tu vê os argentinos tão fortes e influentes que são e tocam Chamamé e Chacarera já a duzentos anos e a gente tá aí forcejando pra completar quarenta anos de Califórnia, então eu acho que a gente está formando o nosso folclore, formando recém o nosso cancionero e realmente estar a vinte anos aí participando da Barranca e da Taipa me faz crer que eu sou um dos autores desse livro. (GRECCO, 2019)

Pirisca ainda acredita que o nativismo esteja ainda em processo de consagração, uma vez que outras vertentes culturais vizinhas ao nativismo como a cultura do chamamé na Argentina que já existe a duzentos anos, enquanto a Califórnia da Canção Nativa ainda forceja para conseguir chegar na sua quadragésima edição durante a sua história, fazer parte dos dois festivais que são objetos de nossa pesquisa a 20 anos e a julgar a sua contribuição para a música nativista configura um papel de agente formador e transformador dessa cultura e a premissa de que essa imagem do cancionero gaúcho ainda esteja em formação corrobora com a nossa hipótese.

Podemos observar a fala de Pirisca Grecco é no sentido de que o nativismo ainda é uma vertente cultural em consolidação, podemos observar isso em dois pontos da fala do entrevistado, o primeiro é na comparação do nativismo musical e dos festivais que passa por dificuldades em completar quarenta anos de história, quando comparado com a cultura do chamamé na Argentina que já possui duzentos anos, o segundo ponto é o caráter em formação do cancionero gaúcho e do folclore nativista, nesse ponto o entrevistado entende que participa ativamente na construção dessa história, podemos entender que a nossa hipótese se comprova pois a fala do entrevistado corrobora com o que entendemos como consagração dos signos tradicionais gaúchos, o que difere é que ele observa que esse processo ainda esteja acontecendo.

Obtivemos divergências em nossas análises a respeito do que identificam os entrevistados a respeito da representação do perfil do povo gaúcho nas composições nativistas, podemos observar na TABELA 33 a sistematização das respostas obtidas para facilitar o entendimento das nossas análises.

TABELA 33 – Quadro síntese questão 05 das entrevistas

Entrevistado	Perfil do povo gaúcho	Situação da hipótese
Saldanha	<p>A) Perda de protagonismo do agronegócio (menor representatividade do universo rural pelo povo)</p> <p>B) Não representação das mudanças de perfil do povo gaúcho</p>	Rejeitada
Grecco	<p>A) Nativismo é uma vertente nova quando comparada com outras culturas (chamamé na Argentina)</p> <p>B) Construção da imagem do cancionero gaúcho e do folclore nativista</p>	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Fernando Saldanha coloca em suspensão a real representação do povo gaúcho nas composições nativistas já que existe uma perda de protagonismo do agronegócio em detrimento de outros modelos de produção econômica, acarretando em mudanças de perfil do povo gaúcho que muitas vezes não são expressas dentro do movimento nativista.

Já Pirisca vê o processo de consolidação de uma vertente cultural que passa por algumas dificuldades na sua manutenção, por se tratar ainda no entendimento do entrevistado como uma vertente cultural nova quando comparada com outras culturas vizinhas, logo existe o entendimento de que está em curso a construção da imagem do cancionero gaúcho e do folclore nativista.

4.5.2 Discutindo a hipótese 2

Questão 06 – Tu acreditas que exista uma renovação nas composições nativistas?

A nossa sexta questão “Abre a nossa análise relacionada a segunda hipótese que norteia o presente trabalho, que fala sobre a provável criação de signos pelas novas gerações de músicos do movimento nativista, partimos do pressuposto hipotético de que é necessário que exista um processo de ruptura com os signos tradicionais para que seja possível a criação de novos signos,

acreditamos que essa possibilidade passa justamente por uma renovação nas composições nativistas já que são elas que carregam as significações do universo cultural gaúcho.

Nosso movimento de análise será feito a partir de três falas, começaremos analisando o que diz Fernando Saldanha, que acredita que já esteja acontecendo uma reinvenção dentro do movimento nativista, mas essa reinvenção coexiste com alguns retrocessos na visão do compositor, um ponto que aparece frequentemente em sua fala é a questão do choque de realidade entre a cultura pastoril e a vida urbana do povo do Rio Grande do Sul, podemos entender tomar por exemplo os modelos de vida nas cidades pequenas, que é muito mais urbanizado atualmente do que rural, como já foi no passado.

Podemos observar um ponto a ser ressaltado, a identificação do autor de um caráter de mitificação do universo pastoril dentro da cultura nativista, a leitura que Saldanha faz é justamente a de questionar essa mitificação e faz esse movimento confrontando com a realidade já que o dia-a-dia do povo não mais passa na sua maioria pela vida no campo, mas sim nos centros urbanizados das cidades, sejam elas grandes ou pequenas.

Essa reinvenção já está acontecendo, à medida que a gente dá um passo para traz é por que coexistem na cultura vários avanços e vários retrocessos ao mesmo tempo, ao meu ver é um pouco isso, essa cultura pastoril hoje em dia é mais uma visão mítica, claro que em toda a região da campanha o pessoal tem esse dia-a-dia no campo, mas se tu for ver perto da população gaúcha dessas próprias regiões a quantidade de população que mora na cidade é infinitamente maior do que a que mora ou vai para o campo, e eu acho que os temas urbanos são também importantíssimos (SALDANHA, 2019)

O entrevistado acredita que os temas urbanos são uma vertente muito rica a se trabalhar dentro do universo nativista, ainda traz a presença de uma certa ruralidade dentro das cidades pequenas, diz que observa muitas pessoas montadas em seus cavalos dentro das cidades, mas não com aquele caráter mitificado do gaúcho visto como uma figura heroica, sim como figuras marginalizadas que não montam cavalos tão caros, nem possuem arreios tão caros, ainda categoriza que esses representam a imagem verdadeira do gaúcho, figuras marginalizadas na sociedade que teriam sido deserdados no processo da construção social do Estado gaúcho.

E existe uma ruralidade dentro dessas cidades não tão grandes, no lugar onde eu moro eu vejo cruzar mais cavalos do que carros e eu fico pensando talvez esses sejam os verdadeiros gaúchos, sem cavalos tão caros, sem arreios tão caros, realmente os deserdados. (SALDANHA, 2019)

Observamos que a hipótese se comprova, destacamos três pontos na fala do artista para demonstrar isso, o primeiro é a premissa de que já esteja acontecendo uma reinvenção no movimento nativista, o segundo passa pela mudança de perfil do povo já que é exponencialmente maior a sua presença na cidade em detrimento do campo, surgindo a necessidade de representar esses temas urbanos nas composições nativistas, o terceiro ponto é o entendimento do entrevistado de que a imagem que representa o verdadeiro gaúcho é a imagem é a de figuras que não são privilegiadas socialmente e que preservam ainda alguns dos costumes tradicionais dentro das cidadãs, sem o glamour da mitificação que foi feita envolta do gaúcho no resgate tradicionalista.

A segunda fala a ser analisada é do poeta Rafael Ovídio, que entende que a produção artística dá muitas voltas e é permeada e contagiada por diversas influências, podemos ver nos exemplos que ele traz, como a influência do jazz na música de Tom Jobim, ou mesmo da influência global dos Beatles na música universal, inclusive na música brasileira muito presente na jovem guarda, entendemos aqui os apontamentos do poeta que categoriza que a criação artística não nasce de um fenômeno isolado, mas sim das relações com diversas influências e aqui podemos nos apoiar no clichê de que tudo é versão de tudo, ou seja, um artista nativista pode ouvir um samba e se inspirar para uma composição por exemplo.

Ele também acredita que a renovação dentro dos movimentos culturais é um processo natural e cíclico, as gerações de artistas se renovam de tempos em tempos de maneira natural e assim a vertente cultural se transforma como um processo homogêneo, pois sempre vão acontecer renovações, ele entende a vertente cultural como se fosse um organismo vivo que de forma natural se regenera, se modifica e evolui, ou seja, a cultura não é algo rígido, está sempre em movimento e é extremamente adaptável as transformações sociais no sentido de adaptar-se a elas.

A gente dá voltas e voltas e temos uma forma de comunicação poética, falo da poética musical, por mais que a gente dê inúmeras voltas, por exemplo o Tom Jobim que é um artista brasileiro maravilhoso, ele tinha uma influência do jazz americano, inegável isso na bossa nova dele, a música popular brasileira, a música popular no mundo tem influência direta das melodias dos Beatles, tu vê o Roberto Carlos que tem melodias que lembram muito os Beatles (OVÍDIO, 2019)

O que podemos entender como relacionado a cultura nativista gaúcha é que ele entende que as renovações não passam por mudanças estéticas, logo podem acontecer renovações no

sentido de surgirem novos artistas que trabalham outras temáticas inspirados por outras vertentes, mas a forma do movimento se mantém com os seus princípios estéticos que são heranças do tradicionalismo como acontece no caso do nativismo musical gaúcho.

Eu acho que tudo é um ciclo, são ciclos de gerações, eu acho que sempre vai existir uma renovação, a renovação não passa necessariamente por um movimento estético, ela se renova, o Brasil por exemplo hoje tem o funk que é a moda aqui, a arte sempre vai se renovar, por que vai existir uma nova geração e entre essas pessoas que nascem sempre vai ter um artista. (OVÍDIO, 2019)

Podemos entender que a nossa hipótese se comprova, podemos observar em três pontos dessa fala elementos que corroboram com a nossa hipótese, o primeiro relacionado as voltas que a cultura dá, que forma a comunicação poética que expressa essa dinâmica, o segundo são as influências de variados elementos na música popular como um todo, que transformam as vertentes de maneira natural e o terceiro ponto é o entendimento de que existem ciclos geracionais que renovam as vertentes culturais.

A terceira fala a ser analisada é de Pirisca Grecco, que acredita que essa renovação passa por uma busca, no sentido de encontrar formatos mais confortáveis, entendemos aqui que o entrevistado entende esse ‘andear’ como o fazer artístico, o jeito de compor e até de interpretar as suas canções, a forma mais confortável pode dizer respeito a uma característica mais verdadeira no sentido de expressar naturalidade na sua obra, que passe por uma representação do ívido e as suas referências, ou seja, os elementos culturais que ele incorpora na sua arte e que acabam compondo a sua estética artística.

Essa busca passa por estar ativo no circuito dos festivais, colocando sempre a sua obra a prova, estimulando sempre novas composições. Podemos entender que compor de maneira ativa pressupõem passar por renovações, já que os festivais exigem composições inéditas, esse constante processo é visto como um desafio pelo entrevistado, o mesmo acredita que isso configura uma força para o movimento, pois manter o cenário ativo é também escrever a história do nativismo, pois o movimento pauta a sua memória em grande parte nas grandes composições que são lembradas sempre, estar ativo compondo novas composições é também criar a possibilidade de fomentar essa memória só que a partir de novos registros.

A gente vai procurando uma forma mais confortável de andear, que bom que temos nossos festivais, que bom que eles nos permitem estar contribuindo de sermos

julgados aí a cada final de semana, termos que fazer uma milonga nova e é um desafio, vamos escrevendo essa história com força, eu acho importante da Taipa principalmente que ela acontece em um momento em que a gente não é músico, não é poeta, agente é uma gurizada que admira o movimento, (GRECCO, 2019)

Pirisca entende também que essa renovação acontece na criação de novos festivais, pois quando a Taipa surgiu os seus participantes não eram nomes consagrados no universo nativista, foi justamente um movimento de criar um laboratório para novos compositores, foi um movimento de renovação do universo nativista, pois a partir de um grupo de admiradores que através do apoio e incentivo mutuo começaram a transpor as suas limitações e ganhar expressão dentro do universo nativista, até o ponto de começar a ganhar notoriedade.

E aí criamos um movimento pra nos elogiarmos, pra nos incentivarmos, com a filosofia do “que bonito che” do “vamo se abraçar” por que tudo é bonito tu transpor o teu muro, isso é bonito, precisávamos de um movimento assim para nos encorajarmos e dali começou a sair campeão de Califórnia, isso foi um sinal de que a gente não estava louco, pelo menos não estava tão louco assim. (GRECCO, 2019)

Podemos entender que Pirisca faz um movimento de comprovação da nossa hipótese em sua fala, o que pode ser expresso em dois pontos que destacamos, o primeiro é a participação ativa por meio dos festivais, que acarreta em uma renovação a julgar que a frequência de criação de composições inéditas incentiva um movimento de renovação, o segundo ponto é a importância do surgimento de novas correntes dentro do nativismo que proporcionam uma renovação e dão credibilidade para novos compositores e novos fazeres musicais, como aconteceu no caso do Festival da Taipa, que configurou uma notoriedade para os participantes do mesmo dentro do movimento nativista.

As falas dos três entrevistados convergem, entretanto existem divergências no que motiva as renovações dentro no universo nativista, sendo assim sistematizamos as nossas descobertas hipotéticas TABELA 34, e comparamos as respostas dos três interlocutores.

TABELA 34 – Síntese da questão 06 das entrevistas

Entrevistado	Renovações nas composições nativistas	Situação da hipótese
Saldanha	<p>A) Já está acontecendo uma renovação</p> <p>B) Mudança de perfil do povo (predominantemente urbano)</p> <p>C) Imagem do gaúcho não mitificada</p>	Comprovada

Ovídio	<p>A) Cultura com caráter cíclico</p> <p>B) Influências de outros elementos na música popular</p> <p>C) Existe uma renovação a partir dos novos ciclos geracionais</p>	Comprovada
Grecco	<p>A) Renovação por meio do fazer artístico ativo no universo nativista</p> <p>B) Importância do surgimento de novas correntes no nativismo.</p>	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Existem convergências nas três falas dos entrevistados que admitem as transformações dentro do universo nativista, cada um partindo de uma ótica diferente, Fernando Saldanha levanta a questão da transformação da configuração social do povo gaúcho que começa a desconsiderar a mitificação e glamourização do universo pastoril por não condizer com a realidade mais urbanizada que observamos nas cidades tanto do interior quanto da capital. O poeta Rafael Ovídio traz a questão das referências que são incorporadas naturalmente dentro dos movimentos culturais em paralelo com a renovação cíclica que acontece nos mesmos. E Pirisca Grecco acredita que essa renovação existe no fazer artístico ativo, buscando a transformação ativa dentro do movimento e na importância do surgimento de novas correntes.

Questão 07 – Tu entendes que a descentralização da produção cultural gaúcha (que na sua origem se restringia ao CTG 35) possibilitou uma renovação dos materiais culturais do Rio Grande do Sul?

A nossa sétima questão “Tu entendes que a descentralização da produção cultural gaúcha (que na sua origem se restringia ao CTG 35) possibilitou uma renovação dos materiais culturais do Rio Grande do Sul? ” Entende que o processo de ruptura com os signos tradicionais pode também passar pela descentralização da produção cultural.

Obtivemos três falas a respeito dessa temática em nossas entrevistas e começaremos nosso movimento de análise pelo que diz Fernando Saldanha, que entende que essa descentralização é um caminho para que haja uma renovação, ainda diz que os artistas devem buscar qualquer jeito pois essa renovação é necessária, enxerga também que a indústria musical acaba por jogar poeira em cima da arte, ainda diz que é difícil viver da arte no Brasil, isso em cidades grandes, quanto mais em cidades pequenas.

Esse tensionamento entre indústria fonográfica e música independente é latente, entendemos que Fernando Saldanha enxergue essas barreiras já que ao mesmo passo que a

indústria foi se transformando o nativismo não foi um objeto de desejo, existem até questionamentos que um dos entrevistados faz sobre o papel da mídia nessa difusão que acaba por não colaborar com a cultura regional gaúcha como supracitado no texto em uma questão anterior. O fato é que a produção nativista hoje é uma produção em grande parte independente, não mais compromissada com gravadoras que acabavam por restringir os formatos e tirar a liberdade das composições.

Eu acho que é um caminho, nós temos que buscar qualquer jeito, qualquer coisa está valendo nessa tentativa de sacudir a poeira sempre, não no caso que nós estejamos empoeirados, mas essa poeira que jogam por cima da gente, mas é difícil viver da arte no Brasil, é difícil viver da arte nas cidades grandes, quiçá nas pequenas, (SALDANHA, 2019)

Por outro lado, Fernando Saldanha observa que esse caráter super independente acaba por colocar outras barreiras nos artistas, ao ponto que os mesmos acabam por ter de desenvolver variadas atividades, como ser a pessoa que grava, mixa e masteriza as canções, que gera conteúdo para as redes sociais, que cuida de todos processos referentes a produção e difusão desses conteúdos, essa divisão de tarefas pode dificultar a produção artística desses compositores quando comparado com a liberdade e condições que as gravadoras disponibilização para os músicos, mas também cria redes de compositores que acabam por colaborar com as obras uns dos outros, como Fernando Saldanha chama de gurizada, que são outros artistas que acabam por construir a obra do artista e ele fazer também colaborações com outras obras.

Hoje o artista tem que se virar, não ter uma gravadora tem um lado bom, que é o ter a liberdade de escolher as músicas que quer para gravar, do jeito que quer as coisas, enfim tu fazer o formato que tu quer, mas também as gravadoras te disponibilizavam um orquestra por exemplo, são questionamentos, na verdade eu me considero mais compositor, mais escritor do que músico, então o que eu tenho feito mais, é fazer meus versos e mandar pra gurizada musicar e gravar. (SALDANHA, 2019)

Podemos observar que a nossa hipótese se comprova de maneira parcial de acordo com o que identifica o entrevistado, podemos dizer que essa comprovação é parcial pois o mesmo acredita que essa descentralização trouxe algumas limitações para o artista, podemos observar em três pontos da fala elementos que corroboram com a nossa hipótese e que expressam o entendimento dessa limitação, o primeiro é de que a descentralização permitiu um movimento

de sacudir a poeira colocada em cima dos artistas, pois é difícil viver da arte no Brasil, o segundo é a liberdade que surge quando o artista faz as suas produções de forma independente, liberdade no sentido de escolher o que deseja gravar e em qual formato, entretanto surge um limitante, o terceiro ponto pauta a estrutura que as gravadoras disponibilizavam, o músico podia contar com uma orquestra para gravar a sua obra por exemplo.

Nossa segunda fala a ser analisada é de Rafael Ovídio, que acredita que a gravadora hoje já não mais exista e o caminho para quem vive da arte é buscar esse universo independente, podemos observar que a gravadora não existe mais para o nativismo, uma vez que essa vertente cultural não é do interesse da indústria fonográfica, então os artistas que não querem comprometer a genuinidade da sua obra preferem seguir o caminho independente a aceitar imposições ou transfigurações que seriam necessárias para fazer parte dessa indústria, como aceitar gravar produtos estritamente comerciais que não condizem com o seu fazer artístico por exemplo.

Ovídio vê como importantíssima a independência tanto do artista quanto do produtor, pois abre novos caminhos para a produção cultural, através de veículos que possibilitam um vasto campo de atuação para o nativismo e para os artistas que fazem parte desse universo, admitir essa independência é entender que a descentralização da produção cultural colabora para transformações dentro do movimento, fazendo com que não haja mais um compromisso com padrões e formatos pré-definidos.

Isso corrobora com a nossa hipótese, uma produção artística liberta de agentes controladores dá a possibilidade de imbuir novas significações no que está sendo produzido em termos de arte, pois o artista é quem dita as regras do seu jogo de compor, gravar e difundir as suas composições, logo essa liberdade criativa no fazer artístico acaba com fatores limitantes que impunham limites no modo de compor, gravar e distribuir as composições possibilitando que o artista experimente transformações e logo também aconteçam renovações na sua arte.

Eu acho que quem vive diretamente da arte tem que buscar esses caminhos, por que hoje em dia não existe mais a gravadora, o artista independente hoje é importantíssimo, é importantíssima essa independência tanto do artista quanto do produtor, por que os veículos estão aí, a internet está aí. (OVÍDIO, 2019)

Ovídio ainda traz a importância da internet, que foi a ferramenta que possibilitou uma quebra paradigmática no fazer artístico como um todo, tirando um pouco do poderio da

indústria fonográfica e possibilitando que artistas com menor expressão tivessem meios para a divulgação das suas produções, isso é se adequar ao momento como diz o entrevistado, é possível entender que no cenário atual é necessário para o artista atuar nessas frentes, não mais como um diferencial, mas sim como um meio quase obrigatório, a internet não é mais uma novidade, é realidade e quem não está presente nessas plataforma pode-se dizer que muitas vezes é como se não existisse.

O Pirisca por exemplo é um ser brilhante eu gosto muito do trabalho que ele vem fazendo, ele é meu compadre, um irmão e um ídolo, um cara irreverente com melodias maravilhosas, assim como outros grandes amigos que eu tenho por aí, e eu acredito muito na arte independente, adequado ao momento, antes eram as gravadoras que comandavam os artistas, hoje os artistas vão se fazendo pela internet. (OVÍDIO, 2019)

O entrevistado comprova a nossa hipótese, uma vez que possui o entendimento de que a partir da descentralização da produção cultural, mediante um caráter mais independente dos artistas existe uma possibilidade de renovação nos materiais culturais gaúchos, podemos observar dois pontos da fala que corroboram com a nossa hipótese, o primeiro é de que a produção independente seja o caminho para os artistas que vivem da sua arte, pois considera importante essa independência tanto do artista, quanto do produtor, o segundo ponto é que existe uma necessidade de independência da arte justamente pela necessidade de acompanhar o momento, as possibilidades são muitas e devem ser exploradas com os novos meios como a internet.

Nosso terceiro respondente é Pirisca Grecco, que acredita estar buscando entender essas transformações do fazer artístico, quando ele fala em estar apurando a leitura podemos entender que seja no sentido de buscar melhores formas de se adaptar ao cenário, formas que sejam vantajosas também para quem produz esses materiais, ele acredita que incentivar a rede de criativos que concebem os produtos, como os CD's por exemplo é uma forma de fomentar o movimento, ele diz que existem muitos bons fotógrafos e poetas, essas fotografias devem aparecer nos CD's, junto com os poemas nos encartes.

Essa rede que a produção independente possibilita cria novos paradigmas na produção cultural, podemos dizer que surgem alternativas para com a mídia hegemônica, artistas com capacidade de conceber produtos de altíssima qualidade, com uma variada gama de olhares, pois são feitos por grupos que não necessariamente se restringem a uma única produção e que não ficam restritos às incumbências de uma produção altamente comercial, não é descartado o

retorno financeiro, mas a forma como as coisas são feitas não acaba por criar produtos enlatados com um único fim comercial, existe uma veia cultural por traz de tudo, que é a força que une toda essa rede de artistas.

Estamos tentando apurar a nossa leitura, cada colega que eu encontro eu procuro fazer uma campanha preserve o CD, vamos recheiar os encartes de fotos bonitas já que temos tantos bons fotógrafos, de poemas bonitos por que temos muitos bons poetas e colocar tudo no CD mesmo que seja uma mídia altamente pirateável, colocar o que a gente tem de melhor com qualidade, a gente disponibilizou toda nossa discografia hoje nas plataformas digitais, (GRECCO, 2019)

Pirisca enxerga como um desafio entender o futuro da música, podemos dizer que isso passa por aprender como os novos mecanismos de difusão funcionam, por mais que a equação esteja um pouco mais equilibrada nessa disputa com a indústria fonográfica a remuneração nas novas plataformas é ligada a números de acesso muito grandes, quando não se consegue chegar nesse patamar a música acaba sendo gratuita, no sentido que o retorno financeiro para quem a produz é muito pequeno, logo essa capitalização continua na mão de grandes gravadoras que impulsionam a expressão dos seus artistas alcançando os maiores acessos nas plataformas digitais.

[...] a gente já vem discutindo bastante o futuro da música em como a música tornou-se gratuita, tu entra em uma academia e uma hora de esteira ali custa tanto, a barra de cereal custa tanto, a água mineral custa tanto, mas a música que tá tocando na rádio ninguém paga, parece que ninguém pagou o estúdio, ninguém criou, ninguém pagou o gaiteiro para gravar, a música tem que ser gratuita, a gente precisa debater sobre isso, provocar esse bate papo evolutivo, para tentar descobrir e tomar o exemplo de outras aldeias. (GRECCO, 2019)

Pirisca comprova a nossa hipótese, acredita que os novos mecanismos de difusão são uma estrada larga para os artistas, existe uma necessidade de atualização constante para acompanhar esse novo cenário, buscando entender como ele funciona para poder se adaptar, o entrevistado aponta para a criação de redes de artistas, que podem colaborar irrestritamente com as produções dos demais colegas, seja musicalmente, com poesias, fotografias, ou seja, os formatos são irrestritos, por fim vemos na fala a preocupação em identificar qual futuro a música deve tomar e de qual maneira o artista pode participar desse processo para que consiga se manter ativo no novo cenário cultural de maneira saudável e conseguindo se sustentar da sua arte.

Os três entrevistados têm o entendimento de que a descentralização da produção cultural gaúcha promove a renovação dos materiais culturais, podemos observar em nosso movimento de análise que existem diferentes motivações e entendimentos que permeiam os respondentes, como sistematizado na TABELA 35, a seguir vamos aferir algumas leituras a respeito dessas descobertas analíticas.

TABELA 35 – Síntese da questão 07 dos questionários

Entrevistado	Descentralização/ renovação dos materiais culturais gaúchos	Situação da hipótese
Saldanha	<ul style="list-style-type: none"> A) Movimento de resistência/ frente a indústria fonográfica B) Liberdade artística para os artistas independentes C) Limitações estruturais (que eram disponibilizadas pelas gravadoras) 	Comprovada
Ovídio	<ul style="list-style-type: none"> A) Independência como um fator importante para quem vive da sua arte. B) Acompanhar o momento (estar alinhado com as transformações do cenário) 	Comprovada
Grecco	<ul style="list-style-type: none"> A) Necessidade de atualização constante (entender e se adaptar ao cenário) B) Criação de uma rede de artistas C) Entender o futuro da música (desafios referentes a remuneração dos artistas) 	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Podemos observar na fala dos três entrevistados pontos convergentes no entendimento da importância da produção independente no universo nativista, no sentido de que no cenário atual é necessário acompanhar essas tendências para que seja possível se manter ativo. Descentralizar a produção e fazê-la de forma independente cria muitas possibilidades e pode representar um processo de ruptura com os signos tradicionais, justamente pela relação de liberdade e também pela possível incorporação de diferentes visões que perpassam o fazer artístico, por meio das redes que se criam nesse universo criativo.

Questão 08 – As formas como as novas gerações nativistas se relacionam com a cultura gaúcha (com maior acesso a informação e tendo em vista as transformações sociais e tecnológicas que aconteceram historicamente no Estado) em algum ponto rompe com as bases do tradicionalismo?

Nossa oitava questão que faz parte do nosso argumento hipotético que diz que no processo de criação de novos signos, depois de uma descentralização da produção cultural é preciso romper com os signos tradicionais, não no sentido de negá-los, mas sim de criar novas significações para os mesmos.

Nessa questão nossos três entrevistados aferiram respostas, começamos nosso movimento analisando a fala de Fernando Saldanha, que traz à tona uma afirmação que corrobora bastante com o nosso argumento hipotético, dizendo que romper não deixa de ser continuar, nesse sentido podemos entender como uma ruptura que não nega os signos tradicionais, mas sim abre precedentes para novas relações com eles, o entrevistado fala que não obedece a fórmulas, logo não se restringe a relação mitificada e dura do tradicionalismo com os signos gaúchos, embora ele entenda e aceite essa relação, entendemos essa relação no sentido da rigidez que dita os ritmos aceitos no movimento e limitações temáticas por exemplo.

O artista ainda questiona o que é considerado nativo, uma vez que a imposição de limites feita pelo nativismo nos festivais mais tradicionais, como a Califórnia por exemplo, no que diz respeito aos ritmos aceitos, uma vez que o único ritmo que faz parte dos festivais e nasceu em solo gaúcho é o Bugio, sendo assim ele entende que a cultura gaúcha é uma cultura híbrida, desde a sua concepção, foram misturados elementos variados, o que ele chama de mistura de caldos, Fernando entende que a cultura gaúcha não é algo puro então.

Romper não deixa de ser continuar, eu acho que as rupturas são dadas em relação a algo, então elas já dialogam, eu não obedeço às fórmulas, mas aceito todas as formas, eu realmente não me considero um compositor nativista, um artista nativista, eu me considero um artista. (SALDANHA, 2019)

Ele ainda traz a questão da representação espacial, já que os festivais acontecem em uma região de fronteira com a Argentina e muita proximidade com o Uruguai, naturalmente elementos da cultura desses países acabam sendo incorporadas na cultura gaúcha, já que existe um grande trânsito de pessoas entre esses três países, que acabam por deixar legados e miscigenar elementos entre essas vertentes culturais. Podemos entender que essas colocações de Fernando Saldanha dizem respeito não só ao rompimento com as bases do tradicionalismo, mas partem de um entendimento que o artista tem a respeito do que é tradicionalismo, podemos dizer que ele só não rompe com o tradicionalismo, como não tem compromissos em sua arte com as diretrizes tradicionalistas.

O que é o nativo? A gente sabe que dentro das músicas tidas como nativistas a única que é originária no Rio Grande do Sul é o Bugio, o resto todo vem de outros lugares, a tradição já nasce de um híbrido, então não é algo puro, é uma mistura de caldos, que sugere um novo caldo, nós vivemos em Fronteira, são lugares de culturas híbridas exatamente por esse trânsito todo, as coisas que passam também acabam ficando nos lugares. (SALDANHA, 2019)

Podemos observar que a fala de Fernando Saldanha corrobora com a nossa hipótese pois vê outras relações com a cultura que não só a do tradicionalismo, observamos três pontos que contemplam o que levantamos hipoteticamente, o primeiro é o entendimento que romper também significa continuar, a partir de novas relações, já que o artista diz que não segue fórmulas, podemos entender por limites, o segundo ponto é o questionamento a respeito do que é ser nativo, nesse ponto é feito um questionamento sobre os ritmos que são aceitos no nativismo e que não são originários do Rio Grande do Sul, configurando uma cultura híbrida e o terceiro ponto é o espaço de representação da Fronteira Oeste e as trocas culturais que acontecem nessa região que acabam mesclando elementos da cultura gaúcha com a cultura argentina e uruguaia por exemplo.

Nosso segundo movimento de análise é sobre a fala do Poeta Rafael Ovídio, que acredita que os temas nativos são temas universais, por isso ele diz que a sua origem nativa gaúcha é presente na sua obra, por isso acredita ser importante cantar as “coisas do pago”, o poeta como supracitado em uma das nossas análises não se considera um artista tradicionalista, por isso entendemos essas colocações que dão importância para a sua aldeia como ele categoriza e diz que gosta de cantar.

Ele se considera um artista em movimento, nesse ponto vamos de encontro com a nossa hipótese, já que estar em movimento caracteriza mudanças e transformações, podemos observar que o universo temático da sua obra não é algo restrito, ele diz que apesar de ser um terrunho e gostar de estar no campo de cantar o pôr-do-sol, ele também se sente bem em outros lugares e gosta de trazer isso na sua obra, como o mar por exemplo, um elemento que não é comum em temas tradicionalista, como também as montanhas e outros elemento da natureza de diferentes lugares do mundo.

Eu gosto também muito de outra frase uns dizem que é do Leon Tolstoi que é aquela “cante tua aldeia e serás universal” eu gosto muito de cantar a minha aldeia, mas também eu me sinto bem em outros lugares e quando eu me sinto bem nesses lugares

eu gosto de cantar eles também, eu sou um artista em movimento, eu adoro cantar o campo, adoro cantar o pôr do sol de Uruguiana. (OVÍDIO, 2019)

Essas características que o entrevistado coloca a respeito da sua arte nos faz entender que a sua obra é em verdade uma obra universal, o que diverge bastante com o que é o tradicionalismo, um universo restrito, sendo assim é possível dizer que Rafael Ovídio tem um fazer artístico descompromissado com as bases do tradicionalismo, ele tem as suas origens muito bem demarcadas e presentes na sua obra, mas não fica limitado a restrições que o tradicionalismo poderia impor no que tange questões temáticas e estéticas.

Eu sou um terrunho por isso que eu digo que sou nativo, mas me sinto bem em outros lugares, eu adoro a beira do mar, adoro as poesias do poeta português Fernando Pessoa e de tantos outros poetas, então eu não estou fixo na pampa e por isso que eu canto o mar, canto as montanhas, eu canto o mundo, o mundo que me encanta. (OVÍDIO, 2019)

O poeta Rafael Ovídio considera que os temas nativos são temas universais, entendemos que comprova a nossa hipótese pois, o universo tradicionalista é um universo restrito que acaba por colocar limitações temáticas e estéticas nos artistas e o entrevistado não coloca essas limitações em sua obra, podemos observar em dois pontos da sua fala essa característica.

O primeiro é de que ele se entende como um artista em movimento que não coloca limitações temáticas na sua obra, assim como gosta de cantar as coisas da sua terra, também se sente bem em outros lugares, o segundo ponto é a incorporação de outras geografias na sua arte, o artista traz universos que não são comuns no nativismo, como o mar e as montanhas por exemplo, as suas aspirações são o mundo, já que o universo nativista acaba por retratar a realidade do pampa gaúcho.

Nosso terceiro movimento de análise é a respeito da fala de Pirsca Grecco, que afirma ter uma despreensão no sentido de se importar com julgamentos externos referentes a sua produção artística, podemos entender essa despreensão representa que o artista não enxerga como limitante as bases tradicionalistas na sua obra, ele diz estar mais preocupado em “ir fazendo”, ainda fala em propor com respeito e reforçar o seu argumento, podemos observar que existe ainda uma preocupação com a aceitação, mas no sentido de prestar reverências as bases tradicionalistas, como as representações estéticas que configuram a imagem do movimento por exemplo.

Pirisca ainda traz para a discussão o Compasso Taipero, que é um ritmo criado pelo artista em variação ao chamamé argentino, o próprio fato de criar um ritmo novo é um movimento de quebra de paradigmas dentro da cultura regional gaúcha, uma vez que os festivais só aceitam ritmos pré-definidos, isso pode ser considerado um rompimento feito com o que se entende como as bases do tradicionalismo e é tão paradigmático que não são todos os dias que surgem novos ritmos dentro do movimento tradicionalista e nativista, pelo menos não com a aceitação que o Pirisca tem hoje em dia, isso pode se dar por conta desse respeito que o artista afirma ter com a tradição.

Eu te confesso que se eu tiver que avaliar isso no sentido do que será que estão pensando os outros do que eu estou fazendo? Isso vai me tomar tempo e energia, é uma opção de muito tempo para cá não pensar nisso, ir fazendo, ir propondo, com respeito e reforçando o argumento, estudando música[...] é com respeito e com contribuição que o Compasso Taipero surgiu, por que a nossa levada de chamamé não chega perto da levada dos correntinos. (GRECCO, 2019)

Essas variações rítmicas e temáticas são muito presentes na obra dele, que se caracteriza como um pioneiro nesses toques ousados que ele dá para a sua música nativista, em adicionar elementos como a bateria e trombone em suas composições, instrumentos que não são comumente usados dentro do nativismo, todas essas variações, criações e adaptações que Pirisca faz da música regional é um movimento de ruptura, mas prestando a devida reverência a Fernando Saldanha, essa ruptura também significa continuar e por isso existe toda essa questão de fazer as propostas com respeito como aparece de forma bastante presente nessa fala.

[...] eu acredito que quando eu pego um violão pra tocar um chamamé o argentino diga assim: cara tu chama isso ai do que tu quiser, mas não chama de chamamé, e eu vou chamar de Compasso Taipero então, que pra mim tem o som da Taipa, das lavouras, dos nossos campos, de Uruguaiiana, pra mim o som é isso e é muito Brasil o Compasso Taipero é mais marcha do que chamamé realmente, tocado com batera, Muchas Gracias a gente levou um trombone para o palco e em trinta anos de Califórnia ninguém fez isso, eu acho que esse pioneirismo e essa pitada de ousadia que a gente dá é o que nos permite estar no livro desses autores do cancionero gaúcho. (GRECCO, 2019)

Observamos na fala de Pirisca uma comprovação de nossa hipótese, pois o artista não se restringe as bases tradicionalistas, promove transformações no movimento, mas sempre mediado por um respeito as bases tradicionais, observamos em três pontos da fala argumentos que comprovam a nossa hipótese, o primeiro é que o artista possui uma despretenção a

juízos externos sobre o seu fazer artístico, que não se limita ao tradicionalismo, existe uma busca por aprimoramento para configurar um respaldo as suas variações propostas, que dão conta do segundo ponto, que traz a inovação na criação de novos formatos, no caso um novo ritmo, o Compasso Taieiro, por fim existe uma ousadia por parte do artista em promover variações no festivais com instrumentos que não são comumente utilizados no movimento nativista.

Observamos convergências entre os três entrevistados no que tange a relação dos mesmos com a cultura gaúcha, foi feita uma sistematização dessas descobertas hipotéticas na TABELA 36 e as discutiremos a seguir.

TABELA 36 – Síntese da questão 08 das entrevistas

Entrevistado	Relação das novas gerações com a cultura gaúcha	Situação da hipótese
Saldanha	A) Romper é continuar (a partir de novas significações) B) Cultura híbrida C) Espaço de trocas culturais (fronteiras)	Comprovada
Ovídio	A) Artista em movimento (universo temático não restrito) B) Incorporação de outras geografias na sua obra (mar, montanhas, etc.)	Comprovada
Grecco	A) Despretensão para com julgamentos externos (o tradicionalismo não é um fator limitante) B) Criação de um novo ritmo (Compasso Taieiro) C) Variações no movimento (ousadia)	Comprovada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

De certa forma os três entrevistados trazem elementos que convergem no que diz respeito a possível ruptura com as bases tradicionalistas, que se devem ao fato de ambos não estarem compromissados com as diretrizes impostas pelo tradicionalismo no sentido de ditar os limites do fazer artístico de forma bastante clara todos enxergam uma importância no tradicionalismo para a cultura gaúcha, prestam as devidas referências, mas não limitam a sua obra em detrimento dele, uma vez que configuram variações temáticas, rítmicas que não fogem da estética nativista, mas que possuem um caráter livre oriundo das suas inspirações individuais.

Sendo assim observamos na fala de Fernando Saldanha o entendimento de que a cultura gaúcha é um híbrido e por isso o mesmo não vê sentido em restrições, enquanto Rafael Ovídio argumenta a respeito das suas aspirações poéticas que são universais e não restritas ao universo tradicionalista e Pirsca Grecco que com despreensão de julgamentos propõem variações da música regional em sua obra equilibrando ousadia e respeito pelo movimento nativista, ou seja, ambos vislumbram variações, que são feitas de maneira densa e respeitando as estéticas condizentes com o movimento nativista.

Questão 09 – Tu acreditas que a abordagem de outras temáticas no movimento nativista, como elementos da cultura universal, outros ritmos musicais, etc., modifica a relação com o tradicionalismo?

Nossa nona questão versa no que tange uma abertura dos festivais para outros ritmos e elementos que não só os que já são consagrados dentro do movimento, constitui nosso elemento hipotético que acredita que para que seja possível criar novos signos é necessário diversificar os universos temáticos dentro do nativismo.

Obtivemos dois respondentes para esse questionamento e começaremos analisando a fala de Fernando Saldanha, que acredita que os festivais devam fazer um movimento de abertura, tanto na aceitação de novos ritmos como também de universos temáticos, categoriza que essa abertura não vai fazer com que elementos tradicionais acabem, nas palavras dele “ninguém vai deixar de tocar vanera”, Saldanha acredita que essa abertura seja necessária para que o nativismo acompanhe o dinamismo da cultura.

Existem transformações superlatentes, ou seja, que são pauta de discussão em todos os meios sociais e que o gaúcho também faz parte, essas transformações precisam ser representadas nas expressões artísticas segundo o entrevistado, ele ainda diz que essas transformações perpassam também a imagem mais tradicional e mitificada do gaúcho, hoje essa figura pode estar com um celular dentro da guaiaca nas palavras dele, podemos entender que sim, que o advento tecnológico é unilateral e perpassa a vida de toda a população, facilitam a vida no campo com instrumentos que ajudam na lida diária, esse movimento de abertura também pode passar por leituras cotidianas que não desconsideram os elementos tradicionais, mas não nega as relações com a realidade contemporânea.

Eu acho que os festivais devem se abrir a isso, ninguém vai deixar de fazer milonga, ninguém vai deixar de tocar vanera, sempre vai haver, isso está em acesso para qualquer um, [...] o nativismo tem que se abrir, os festivais nativistas tem que se reinventar, por que se não ele não acompanha o dinamismo da cultura, eu acho que existem tantos temas riquíssimos que estão acontecendo da relação do gaúcho, inclusive esse gaúcho a cavalo, essa representação mítica do gaúcho, inclusive esse gaúcho que vive sobre os seus arreios. (SALDANHA, 2019)

Fernando acredita que o movimento por restringir as possibilidades acaba por se tornar repetitivo, tanto no conteúdo, quanto pela repetição formal, podemos entender que o que pensa o artista é que essa abertura que ele vê como necessária é também para que o movimento se renove e se transforme, crie novos formatos, aborde novas temáticas e acompanhe a dinâmica das transformações sociais que acometem o mundo e por consequência o gaúcho também, já que existe um papel de agente transformador que acomete o gaúcho que não mais é deixado de lado por ser uma figura que povoa o campo.

Tem tantas temáticas que a modernidade está oferecendo para os autores, essa contemporaneidade hipertecnológica está oferecendo para os autores que esse gaúcho dialoga com isso ele está com o celular talvez hoje na guaiaca, então isso tem que ser abordado, para gente parar de se repetir um pouco, eu acho muito repetitivo as músicas, tanto em questões de conteúdo como repetição formal. (SALDANHA, 2019)

Isso corrobora com a nossa hipótese, a renovação não necessariamente passa por uma transformação estética, as formas podem e devem se manter as mesmas para não descaracterizar o movimento, mas a renovação e transformação passam por mudanças nas significações que são transmitidas pelas composições e diferentes produções artísticas.

É justamente o que acredita a nossa hipótese, pois essa expansão de possibilidades facilita que haja uma renovação temática e assim também seja possível que novas significações sejam criadas, as renovações podem partir de diversas iniciativas, mas aqui acreditamos que o maior agente transformador nesse universo é o artista, pois as suas composições que vão transportar as significações para o público, sejam elas ligadas aos signos tradicionais ou novos signos.

O nosso segundo movimento de análise contempla a fala de Rafael Ovídio, que entende que existem dois universos, o universo dos festivais e da produção individual do artista, podemos entender que as duas coisas coexistem, ou seja o artista pode dedicar parte de sua obra para fazer variações temáticas e ter uma corrente mais purista na sua composição. Que não se

sobrepõem na visão do poeta, uma vez que na sua produção individual o artista é livre para abordar variadas temáticas dentro de sua obra, já quando ele se dispõe a passar pelos crivos dos festivais o faz ciente das restrições desse universo, podemos entender que Ovídio entende que os festivais possuem as suas normativas e moldes para que seja mantida a estética e a poética musical desse meio que representa o universo cultural gaúcho.

São questões diferentes acredito eu, temos que ver o artista como indivíduo, como ser, com a sua arte e os movimentos, por exemplo, eu gosto muito da Califórnia da Canção Nativa purista com as três linhas, a linha livre, a linha campeira e a linha de manifestação rio-grandense, eu acho que os movimentos nativistas dos festivais do Rio Grande do Sul que são tantos, o Musicanto, a Tertúlia, o Reponte, a Coxilha Nativista e tantos outros festivais que surgiram eles resguardam essa poética musical deste meio, deste ambiente que é o Rio Grande do Sul, (OVÍDIO, 2019)

O entrevistado vê nos festivais um fundamental instrumento de manutenção da cultura tradicional do Rio Grande do Sul e compara esse movimento com outras vertentes culturais tradicionais que representam a cultura e a história de um povo, como é o flamenco na Espanha e o fado em Portugal, podemos entender nessa fala que o entrevistado enxerga que exista a necessidade desse fechamento, e aqui frisamos, nos festivais nativistas e não na produção nativista que pode ser individual de cada artista.

Então eu acho que ele tem que ser fechado assim, por que se não é melhor fazer um festival de samba, assim como tem a cultura do flamenco lá na Espanha, como tem o fado em Portugal, isso é um resgate de uma cultura, que seja fechado, por que podem ser feitos milhões de outros festivais, festival de samba, de rap no Rio Grande do Sul. (OVÍDIO, 2019)

Podemos também observar na fala de Ovídio que o mesmo não observa uma disputa do nativismo por espaço no circuito cultural, acredita que os festivais não devam se abrir pois podem existir demasiados outros modelos de festivais no Estado do Rio Grande do Sul, que podem representar outras expressões culturais, como o samba gaúcho, o rap e outros ritmos, inclusive hoje em dia existem festivais que superam a expressam do nativismo, como é o casa do Planeta Atlântida, que se trata de um festival gaúcho de grandes proporções e que reúne músicos de diferentes vertentes culturais.

Entendemos que a visão de Rafael Ovídio não comprova a nossa hipótese, pois fica claro na fala do entrevistado que não existe a necessidade de incorporações de outros elementos no

universo nativista pois o mesmo identifica que isso pode ser feito na dimensão individual de cada artista, mas traz outros importantes questionamentos para a discussão, como as diferentes dimensões do fazer artísticos que hora pode estar compromissada com os crivos tradicionalista imposto pelos festivais, mas também pode se tratar de um fazer muito mais liberto e descompromissado quando se trata da dimensão individual do artista.

Observamos posições que divergem a respeito do entendimento da abordagem de outros elementos dentro da cultura nativista por parte dos entrevistados, sendo assim sistematizamos os argumentos que comprovam e rejeitam a nossa hipótese TABELA 37 e os discutiremos a seguir, já que se trata de um ponto que é um tabu dentro do movimento nativista, pois muitos dos constituintes dos movimentos consideram importante um caráter purista e que mantém os elementos tradicionais.

TABELA 37 – Síntese da questão 09 das entrevistas

Entrevistado	Abordagem de outras temáticas no universo nativista	Situação da hipótese
Saldanha	<p>A) É importante o movimento de abertura dos festivais (aceitação de novos ritmos e universos temáticos)</p> <p>B) Gaúcho participantes das transformações sociais (isso cria novos universos ricos para serem trabalhados nas composições nativistas)</p>	Comprovada
Ovídio	<p>A) Existem dois universos (os festivais e a produção individual dos artistas)</p> <p>B) Os festivais são um instrumento de manutenção da cultura</p>	Rejeitada

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (TCC de Publicidade e Propaganda)

Essa questão expressa uma divergência bastante significativa na fala dos dois entrevistados, uma vez que as opiniões são antagônicas, já que Fernando Saldanha vê como necessário um movimento de abertura e transformações dentro dos festivais nativistas, incorporando o gaúcho nas transformações sociais e nos novos universos criativos que se abre com o advento tecnológico no meio rural por exemplo, para que não haja uma repetição nas composições nativistas e sim uma renovação.

Rafael Ovídio enxerga nos festivais um instrumento de manutenção cultural que representa a história do Rio Grande do Sul, podemos ainda aferir que o poeta não desconsidera as

transformações e variações, mas acredito que elas devam ser feitas na dimensão individual de cada artista, uma vez que as aspirações artísticas não devam levar em consideração as multifacetadas características do povo, mas sim se restringir ao recorte que o compositor foi capaz de capturar.

Com todas as discussões que fizemos, desde a estruturação da pesquisa, até nossas análises, que discutimos no corpo do presente trabalho, a relação dos músicos nativistas com os signos tradicionais, através da influência do nativismo na produção cultural, entendemos no que tange nossas projeções para a execução dessa pesquisa, que conseguimos ouvir e dar voz para a amostra que respondeu o questionário e nossos entrevistados, conferindo uma unidade para a pesquisa que sempre buscou o equilíbrio desde a nossa reflexão teórica, criando uma sequência na formulação das nossas ferramentas de análise e argumentações hipotéticas que deu conta de sistematizar com unidade nossos dados e descobertas analíticas que apresentamos no capítulo 3, sendo assim faremos nossas considerações finais na sessão seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação que moveu essa pesquisa diz respeito ao entendimento de como os signos tradicionais gaúchos são trabalhados pelas participantes dos festivais nativistas da Fronteira Oeste, uma vez que entendemos que as tradições e suas significações interferem em questões que dizem respeito ao estilo de vida gaúcha, na relação da cultura com a realidade através de representações e identificações com elementos que representam algumas de suas vertentes, logo norteamos a nossa investigação a partir do questionamento: “As novas gerações de músicos influenciam na produção cultural no universo dos festivais nativistas criando novos signos?”

Sendo assim buscamos refletir sobre os mecanismos que difundem os signos e entendemos que eles dizem respeito a produção cultural, já que materiais como as músicas possuem um grande potencial no que diz respeito a replicação e representação social, pela fácil reprodução aliada ao seu poder de transmitir mensagens que falam direto com o público e os representa, logo procuramos trazer para o centro da discussão os participantes que são responsáveis por essas produções, para entender a visão dos mesmos a respeito do seu papel ativo no que diz respeito a possíveis transformações da relação dos signos tradicionais gaúchos.

Para entender essas relações que existem entre os elementos que constituem nosso problema de pesquisa que são A) as novas gerações de músicos nativistas, B) a produção cultural e C) os signos tradicionais, criamos a base das nossas reflexões teóricas (capítulo 1 e 2) as nossas argumentações hipotéticas (capítulo 3) conforme a sessão 3.1 onde discutimos largamente nossas argumentações.

Neste sentido nossa primeira hipótese sustenta que as novas gerações de músicos nativistas não criam novos signos. Partimos da premissa de que existe uma resistência no que diz respeito a transformações e rupturas com as bases tradicionais gaúchas, uma vez que a criação do movimento tradicionalista teve seu advento baseado justamente em frear mudanças que diziam respeito a cultura regional.

Sendo assim observamos e discutimos que houve um processo de consagração e difusão dos signos tradicionais, que acabou por promover uma cristalização da cultura, mediada por um sentimento de ameaça a respeito da manutenção cultural por fatores externos, logo a hipótese entende que o nativismo representa uma estilização do tradicionalismo que não passa por uma ruptura com o que foi consagrado pelo movimento, já que não são deixados de lado elementos tidos como tradicionais como as pilchas tradicionais por exemplo.

A nossa segunda hipótese argumenta no sentido contrário da anterior de que é possível a criação de novos signos a partir de um ruptura com os tradicionais, por motivações que dizem respeito a mudança de perfil dos produtores culturais e músicos nativistas, já que existem transformações nas representações feitas pelos materiais culturais que eles produzem, pois, os mesmos possuem novas relações com a cultura gaúcha que não é uma relação compromissada totalmente com as diretrizes anteriores do tradicionalismo, que eram expressos em manuais e normativas por exemplo, vide a discussão que fizemos a respeito da catalogação da cultura gaúcha. Ambas hipóteses foram amplamente discutidas no capítulo 3.

Nossa estrutura metodológica usou como ferramenta de coleta de dados duas técnicas, a primeira foi o questionário estruturado que teve como objetivo coletar os dados da amostra referente aos participantes dos festivais, que estão reunidos em um grupo do whatsapp, sendo assim obtivemos como identificado na sessão 3.2, um percentual de 36% de respostas dentre os participantes desse grupo, nossa segunda ferramenta foram as entrevistas semiestruturadas que contou com a contribuição de três cantatores do movimento nativista, a partir de então foi possível sistematizar esses dados e a partir das nossas ferramentas de análise discutir as hipóteses no sentido de entender se as mesmas puderam ou não ser comprovadas. Conforme apresentamos no capítulo 3 na sessão 3.2

Cabe enfatizar as descobertas que obtivemos em relação de nossas hipóteses, que embora contrarias entre si foram majoritariamente comprovadas, tanto no processo de questionários como no de entrevistas, ou seja, verificamos um movimento de resistência a criação de novos signos e com relação a isso observamos duas descobertas.

Primeira descoberta em relação a hipótese 1 – Resistência a criação de signos

A nossa primeira descoberta foi de que existe sim uma resistência quando tratamos de possíveis transformações que passem por rupturas com os elementos tradicionais, ou seja, existe um tensionamento no que tange assuntos que coloquem em cheque a manutenção das raízes tradicionalistas, o que acaba por dificultar a relação com novos signos, pois não existe uma ruptura abrupta com os signos que já foram consagrados, devemos entender que essa resistência não barra transformações de formatos por exemplo, só no que diz respeito a significações, ou seja, existe um sentimento de necessidade da manutenção da tradição nas significações, ou seja, nas mensagens que as composições carregam e não nos formatos.

Dentro da primeira descoberta observamos também a comprovação do nosso segundo argumento que é a defesa contra um inimigo externo, uma vez que a amostra identifica que a manutenção da cultura gaúcha pode estar ameaçada por outras vertentes culturais e nesse sentido é importante entender que os materiais culturais gaúchos possuam uma reprodutibilidade técnica, no sentido que continuem recebendo esforços de difusão, para que haja uma capilaridade no movimento nativista no sentido de conseguir concorrer com outras vertentes que recebem subsídio da indústria fonográfica e ameaçam a manutenção e hegemonia do nativismo no Estado do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido nossos entrevistados também comprovam a hipótese pois identificam ameaças no que diz respeito a manutenção da cultura gaúcha, que passa como observado nos resultados do questionário por uma ameaça interna já que existiu um movimento de hierarquização do nativismo que fez com que o movimento perdesse o seu apelo popular, uma vez que a mídia hegemônica populariza e fomenta outros materiais (ou produtos) culturais que concorrem diretamente com a manutenção do nativismo, logo aparece a máxima de existe a necessidade de uma retomada do compromisso cultural por parte dos veículos de comunicação no sentido de dar notoriedade para ao nativismo nos espaços destinado para a cultura.

Segunda descoberta em relação a hipótese 1 – Resistência a criação de signos

A nossa segunda descoberta que se refere ao medo existente pelas gerações de músicos no que diz respeito ao futuro do nativismo, sendo assim entendemos que existe um tensionamento no que tange as transformações, uma vez que é um consenso dentre os nossos entrevistados e amostra de que é necessário proteger os materiais culturais gaúchos e as suas significações, é preciso que haja um movimento de renovação conforme os dados obtidos a partir do questionário e entrevistas, existe a necessidade de uma renovação que ajude manter a cultura nativista ativa no circuito cultural para que as tradições sejam mantidas e passadas para os futuros gaúchos que ainda vão nascer.

Algo que poderia demonstrar bem este medo ou insegurança e que dá conta do nosso argumento hipotético que que existe um tensionamento no que diz respeito a estilização do nativismo, nesse ponto porém a nossa hipótese de que não é possível criar novos signos foi rejeitada pela amostra que respondeu aos questionários, sendo assim podemos entender que o perfil dos nossos respondentes representa menos resistências a transformações, já que em sua maioria são novos dentro do movimento nativista e por consequência não observam como restritivo o fato de que aconteçam transformações no movimento.

Neste mesmo ponto dentre os entrevistados houve uma divisão no que diz respeito ao entendimento da estilização do nativismo, mas entendemos que houve uma rejeição da hipótese pois ambos não observam restrições no que diz respeito a transformações dessa vertente cultural, já que existe uma perda de protagonismo do universo pastoril nas composições pois não representa a realidade e pluralidade do povo gaúcho, além do entendimento que existe de que o nativismo esteja ainda em processo de construção por se tratar de uma vertente cultural nova que se encontra em movimento.

Nossa segunda hipótese que diz respeito a criação de novos signos pelas novas gerações de músicos nativistas gaúchos também foi comprovada, iniciaremos apresentando as nossas duas descobertas referentes ao argumento que trabalha as possíveis rupturas com os signos tradicionais gaúchos, que são possíveis e mediadas pelo fazer artístico descompromissado para com o tradicionalismo que é perfil dos entrevistados que ainda assim respeitam as estéticas tradicionais em paralelo com a identificação de que os limites impostos pelo tradicionalismo não são um fator restritivo para os respondentes do questionário.

Primeira descoberta em relação a hipótese 2 – Criação de signos

Nossa primeira descoberta é a comprovação do argumento de ruptura com os signos tradicionalistas, nossa amostra entende que existam renovações nas composições nativistas, que podem ser rítmicas, temáticas ou estéticas, que mudam a forma com qual a cultura é vista, essa renovação é possível a partir da descentralização no que diz respeito a produção cultural, conferindo um caráter independente para os artistas e produtores e possibilitando uma autonomia no fazer artístico que acaba por promover experimentações e incorporações nas músicas, tudo isso é possível por conta de uma mudança de relação das novas gerações de músicos nativistas com as bases tradicionalistas, que não é uma relação restritiva, embora os músicos respeitem as referências do tradicionalismo entendem que existe uma necessidade de variação nas suas composições.

Corroborando com nossa descoberta nossos entrevistados também comprovam a hipótese de maneira consensual, já que observam que já esteja acontecendo uma renovação no movimento nativista, que se dá a partir da mudança de perfil do povo que acaba sendo incorporado na produção cultural, entendendo que a imagem do gaúcho não se restringe a mitificações feitas de um sujeito heroico e bravo, já que a cultura possui um caráter cíclico e que incorpora outros elementos de outras vertentes culturais com qual se relaciona, logo é

possível promover uma renovação a partir do fazer artístico ativo do universo nativista já que é importante que surjam novas correntes para que o nativismo musical gaúcho se reinvente.

Sendo assim observamos que a amostra comprova o argumento que diz respeito a criação de novos signos, pois de maneira consensual acredita que devam existir mudanças no movimento nativista, no sentido de possibilitar outras representações por parte do movimento, a partir da incorporação de representações do povo que tem individualidades e particularidades, mas que busca uma representação a partir das músicas, das poesias, dos festivais, etc. Muito embora não sejam pessoas que moram no campo, ou se quer no Rio Grande do Sul, mas buscam representação a partir da cultura gaúcha, logo essa flexibilização e abertura configura uma mudança que atualiza o nativismo, que não é mais restritivo aos elementos dogmatizados do tradicionalismo, mas ainda que renovados representam o povo gaúcho.

Segunda descoberta em relação a hipótese 2 – Criação de signos

Verificamos que os entrevistados também comprovam a hipótese, a partir de que entendem que o movimento de rompimento com os signos tradicionais é também uma maneira de conferir uma continuidade com novas significações, já que a cultura é híbrida e passa por transformações dinâmicas a partir de incorporações de elementos que não eram tidos como originários de determinados povos mas que passam a coexistir a partir da identificação dos agentes que ajudam a construir e transformar o nativismo por exemplo, isso passa pelo artista que está em movimento, no sentido de não restringir os universos temáticos da sua obra, logo existe a necessidade de ousadia para promover variações no fazer nativista, aliando ousadia com densidade é possível promover novos formatos, novos ritmos e construir uma nova imagem do gaúcho.

Podemos observar que a convergência e consenso que existe dentre os respondentes do questionário e os entrevistados, corroboram com a nossa descoberta, já que identificamos que existe uma renovação que diz respeito a novos formatos do fazer artístico, entendemos que existem correlações entre o nativismo e outros elementos, observamos isso no perfil dos músicos, que na sua obra não só trabalham o nativismo, mas também se identificam com outras vertentes culturais e assim utilizam da estética nativista para carregar esse sotaque gaúcho em outros universos, a exemplo do desejo dos participantes que responderam o questionário a respeito da incorporação de outros ritmos e temáticas no nativismo por exemplo, essa possibilidade existe dadas as transformações da difusão de conteúdo que podem ser super-segmentadas e consumida de acordo com o interesse individual.

Nossa segunda descoberta referente a segunda hipótese diz respeito a uma atualização que o nativismo passa, atualização no sentido de criar novas relações com as questões tradicionais através de variações, que dizem respeito também a transformações que são paradigmáticas quando falamos do movimento tradicionalista, como o feminismo que já é uma pauta na discussão da relação do gaúcho na sociedade, como também o racismo e o papel do negro na cultura gaúcha, são novas significações que são latentes as transformações sociais e que representam a pluralidade e diversidade do povo que é gaúcho e busca uma identificação, ou seja, o nativismo permite que existam variações, podemos ilustrar com o chimarrão, a cuia que antes não variava do porongo curtido apenas, mas que como forma de atualizar esse formato original as pessoas usam revestimentos estampados, que não deixa de representar o chimarrão, mas agora representa uma atualização do formato original.

Quinta descoberta que relaciona hipótese 1 e 2

Fazemos alusão a nossa quinta descoberta, de que existe um sentimento de renovação, mas uma renovação controlada, que pode ser expressa pelo desejo de mudança identificado pela parcela mais jovem da nossa amostra em contraponto ao possível conservadorismo expresso pela parcela mais antiga, o fato é que essa nossa descoberta permite fazer a discussão a respeito das nossas duas hipóteses, já que um sentimento de renovação abre precedentes para que haja a criação de novos signos expressos pelo movimento nativista, que não exclui a necessidade da manutenção da vertente cultural, mas pode ser referente a uma atualização da mesma.

Ao mesmo tempo que falamos em criação de signos e sentimento de renovação observamos uma restrição no que diz respeito a possíveis rompimentos com as raízes regionais da cultura nativista, que representa a necessidade de manutenção da cultura, logo vemos uma tensão entre as duas hipóteses, tensão pois ainda é paradigmático falar em transformações da cultura regional gaúcha, mas ainda assim os participantes entendem como algo latente a necessidade de promover renovações no movimento, sendo assim entendemos que pode se tratar de um conflito geracional, ou simplesmente a busca por entendimento dos espaços que o nativismo ocupa, no sentido de poder caminhar em outros pagos, mas sem deixar seu cavalo em casa podemos assim dizer, existe a necessidade de uma representação que passa pela construção identitária a partir das raízes do movimento.

A partir de nossas descobertas com o desenvolvimento desse trabalho buscamos apresentar uma série de discussões que dizem respeito a dimensão social e que se expressa tanto no universo da produção cultural quanto nas interferências da cultura nas configurações sociais

do Estado do Rio Grande do Sul, logo possibilitando para o universo acadêmico a reflexão que diz respeito ao papel da cultura nativista na sociedade, pautando assuntos que são de interesse público e que por consequência possui relevância para quem deseja estudar questões relacionadas a sociedade gaúcha a partir dos seus materiais culturais.

Fazemos o apontamento que o presente estudo deixa aberta a possibilidades de novas averiguações de descobertas que não conseguimos dar conta durante a nossa discussão, pois surgiram elementos durante o desenvolvimento da pesquisa que fugiam da alçada que nosso problema buscava responder, mas que ainda assim são relevantes para a discussão e que podem aumentar o prisma a respeito da influência das novas gerações de músicos sobre a produção cultural e os novos signos, sendo assim apontamos como possível sequência dessa discussão o papel das confrarias que se formam no universo nativista, bem como as redes de compositores e a mutua colaboração e influência nas produções.

Finalizando salientamos que buscamos não esgotar a nossa discussão a respeito do universo nativista, uma vez que é um universo importante para a configuração da cultura gaúcha, de todo modo buscamos de maneira densa subsidiar as nossas discussões com aparato teórico e construções hipotéticas que dessem conta do que propomos debater, ressaltamos que as vertentes culturais possuem um caráter dinâmico e que ao mesmo ponto que sofre interferências feitas pelas mudanças societárias do povo, também infere mudanças nele, entendemos que isso faz com que sejam inesgotáveis e sempre diferentes as possibilidades que tratam do nativismo. Dado o recorte que se escolheu trabalhar, podemos nos apoiar na letra da música do compositor Mario Barbará Dornelles²⁰ que diz: “Mas o que foi, nunca mais será”, ou como propomos na nossa discussão se reinventa e se atualiza.

²⁰ Mário Barbará (São Borja, 22 de outubro de 1954 - Porto Alegre, 2 de maio de 2018) foi um poeta, cantor e compositor nativista.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence, **Análise de conteúdo**: Lisboa: LDA, 1977.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**: São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**: São Paulo: Mercuryo, 1991.

ELIADE, Mircea. **Ferreiros e alquimistas**: Madrid: Aliança Editorial, 1983.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo um Fenômeno social gaúcho**: 2. Ed. Porto Alegre: Editora da cidade, 2008.

LUZIZOTTO, Carolina Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**: São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**: 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEN, Ruben George. Disponível em:

http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm?fbclid=IwAR0eJv-ZnYrdHAuU_IgaOR_7u4R2wtakqjHKqXuTkP7RIrQyEqjKVwwUKbk. Acesso em 24/06.

ORNELLAS, Manoelito. **Máscaras e murais de minha terra**: Porto Alegre: Globo, 1966.

PANITZ, L. **Por uma geografia da música: O espaço geográfico da música popular platina**. Dissertação (mestrado em geografia) – Instituto de geociências, programa de pós graduação em geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

Alerta no cancioneiro gaúcho. **Zero Hora**, Porto Alegre, 06, agosto de 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/giovani-grizotti/noticia/2018/08/alerta-no-cancioneiro-gaicho-cjkimt4c3010001pi6b2sg7gr.html> . Acesso em 10, setembro de 2019.

Califórnia da Canção Nativa tem nova edição neste fim de semana. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05, dezembro de 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/12/California-da-Cancao-Nativa-tem-nova-edicao-neste-fim-de-semana-4656628.html>>. Acesso em 10, setembro de 2019.

Pirisca Grecco identidade gaúcha passaporte para o mundo. **Sul 21**, Porto Alegre, 02, julho de 2011. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/noticias/2011/07/pirisca-grecco-identidade-gaucha-passaporte-para-o-mundo/>>. Acesso em 10, setembro de 2019.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário



Campus São Borja

**PESQUISA: TRADIÇÕES, SIGNOS E GERAÇÕES: UMA ANÁLISE DA
EXPRESSÃO DO NATIVISMO NA FRONTEIRA OESTE**

Bloco 1 - Dados de Perfil

Idade:

Cidade:

Tempo de participação nos festivais

Festival da Taipa (Uruguaiana-RS): _____ anos. Barranca (São Borja-RS): _____ anos.

Relação com o festival:

Cantor (), Autor (), instrumentista (), participante (). OUTROS....

Pra ti qual a importância de participar de festivais nativistas? Por quê?

Se não participasse de festivais nativistas de que outro tipo de evento cultural participaria? Por quê?

Bloco 2 - Consagração dos signos tradicionais gaúchos
--

1) Na tua opinião por que é necessário armazenar e preservar a produção cultural gaúcha?

- a) É preciso armazenar para manter as tradições gaúchas vivas para as próximas gerações.
- b) É preciso armazenar para que haja a reprodução da literatura, da música e dos costumes gaúchos.
- c) Não é preciso armazenar pois a cultura gaúcha se perpetua através das gerações por meio das vivências no dia a dia (lida do campo e etc...).
- d) Não é preciso armazenar pois a cultura pode ser acessada facilmente por meio dos CTG's e festivais.
- e) Outro:

2) Na tua opinião o resgate histórico que deu origem ao movimento tradicionalista na década de 1940 em Porto Alegre pelo CTG 35 foi importante por quê?

- a) Criou uma representação da imagem do povo gaúcho (vestes, costumes e etc).
- b) Possibilitou a manutenção da cultura no sentido de que só a partir desse resgate foi possível o advento dos movimentos culturais regionais, como os festivais por exemplo.
- c) Não foi importante pois a cultura gaúcha sempre foi uma vertente consolidada.
- d) Não teve importância pois o resgate histórico feito não representou a totalidade da cultura gaúcha (não representou todos os elementos originários da cultura gaúcha: fogo de chão e etc..).
- e) Outro:

Bloco 3 - Defesa contra um inimigo externo.
--

3) Tu acreditas que a manutenção da cultura gaúcha está ameaçada por outras vertentes culturais?

- a) Sim, pois os jovens são influenciados pela mídia tradicional como o rádio e televisão e consomem elementos culturais de fora do Estado como (sertanejo universitário, pop e etc) que dividem público e não dão destaque para cultura regional.
- b) Sim, pois as novas tecnologias digitais (internet) permitem o acesso de outras vertentes culturais (como músicas, literatura, arte em geral de outras regiões do país e do mundo) que antes o povo gaúcho não tinha acesso.
- c) Não, a cultura gaúcha continua se mantendo pois existe uma grande identificação do povo com os elementos da cultura regional (literatura, música, etc.) independente da mídia tradicional.
- d) Não, pois a cultura gaúcha sempre coexistiu com outras vertentes culturais dentro do Rio Grande do Sul, independente da internet.
- e) Outro:

4) A reprodução técnica (registros escritos, gravações, vídeos, veiculados em larga escala, sejam fisicamente ou pela internet) dos materiais culturais gaúchos é importante pois?

- a) Facilita o acesso aos materiais culturais gaúchos e por consequência mantém a cultura viva, ou seja, quanto maior for o acesso à cultura mais ela se perpetua.
- b) Dá a possibilidade de pessoas que antes não conheciam a cultura gaúcha passem a consumir a mesma, ou seja, a cultura se perpetua ao ponto que se expande para fora do Estado.
- c) É indiferente do tipo de reprodução técnica pois quem consome os materiais culturais gaúchos faz parte de um imaginário coletivo que mantém a cultura viva.
- d) A reprodução em grande escala dos materiais culturais gaúchos enfraquece e os descaracteriza, ou seja, ao ponto que existe essa expansão a essência regional se perde.
- e) Outro:

Bloco 4 - Estilização do tradicionalismo.

5) Tu acreditas que as composições nativistas atuais representam a realidade do povo gaúcho, historicamente ligados a vida do campo e a produção pastoril?

- a) Sim, pois os compositores são gaúchos vivem no campo e conhecem as práticas da vida campeira.
- b) Sim, pois as composições são leituras do dia-a-dia do povo gaúcho.
- c) Não, pois os compositores atuais não têm mais tanto contato com a vida no campo como os antigos compositores.
- d) Não, pois os novos compositores tratam de outras temáticas que não representam o dia-a-dia do homem do campo(questões sociais da vida moderna).
- e) Outro:

6) Tu acreditas que exista uma renovação nas composições nativistas?

- a) Sim, pois é natural que um movimento de mais de cinquenta anos se renove com o passar do tempo.
- b) Sim, pois o perfil dos compositores vem mudando durante o tempo, ligados nas novas tecnologias de produção audiovisual e utilizando a internet, por consequência as composições também se transformam.
- c) Não, as composições trazem o mesmo universo temático, se restringindo ao dia-a-dia do homem do campo, o que pode variar é a forma que elas são reproduzidas, por meio das diferentes mídias existentes.
- d) Não, pois os novos compositores gaúchos continuam com os mesmos perfis das antigas gerações mesmo com as novas tecnologias e métodos de difusão de conteúdo.
- e) Outro:

Bloco 5 - Processo de possível ruptura com os signos tradicionais gaúchos.

7) Tu entendes que a descentralização da produção cultural gaúcha (que na sua origem se restringia ao CTG 35) possibilitou uma renovação dos materiais culturais do Rio Grande do Sul?

- a) Sim, pois os produtores têm autonomia para criar sem serem influenciados, por gravadoras ou editoras por exemplo.

- b) Sim, pois permite uma diversificação das narrativas propostas, admitindo outras realidades (geográficas e culturais) dentro da cultura gaúcha.
- c) Não, por mais que não seja mais centralizada, a produção cultural gaúcha não admite que seus materiais culturais sofram alterações.
- d) Não, os materiais culturais gaúchos continuam sendo produzidos da mesma maneira que as antigas gerações faziam.
- e) Outro:

8) As formas como as novas gerações nativistas se relacionam com a cultura gaúcha (com maior acesso a informação e tendo em vista as transformações sociais e tecnológicas que aconteceram historicamente no Estado) em algum ponto rompe com as bases do tradicionalismo?

- a) Sim, as novas gerações nativistas dão outros significados para as bases da cultura gaúcha, projetando um gaúcho que olha para o futuro e entende que precisa fazer parte das transformações sociais contemporâneas.
- b) Sim as novas gerações nativistas se relacionam de uma forma diferente com o tradicionalismo, por estarem vivendo em outro momento da história e terem maior acesso a informação e desenvolvimento do pensamento crítico.
- c) Não, as novas gerações não rompem com as bases do nativismo pois entendem que a manutenção da cultura passa por conservar as raízes (sua origem).
- d) Não, as novas gerações ainda têm as mesmas relações com o tradicionalismo que as antigas gerações por fazerem parte do mesmo movimento.
- e) Outro:

Bloco 6 - Criação de novos signos
--

9) Tu acreditas que a abordagem de outras temáticas no movimento nativista, como elementos da cultura universal, outros ritmos musicais, etc., modifica a relação com o tradicionalismo?

- a) Sim, diversificar as temáticas, (vida urbana, novas tecnologias) amplia as possibilidades e traz boas contribuições, tanto técnicas quanto outros universos para serem incorporadas ao tradicionalismo.
- b) Sim, mesclar ritmos (como ritmos platinos por exemplo) amplia a gama de possibilidades nas composições e amplia o universo nativista.
- c) Não, o movimento tradicionalista não deve se abrir para não perder a sua essência que expressa a imagem do povo por meio do seu estilo de vida e costumes.
- d) Não se existe a possibilidade de incorporar outras temáticas, pois deixaria de ser tradicionalismo.
- e) Outro:

Bloco 7- Mudança de perfil do povo gaúcho
--

10) No que diz respeito ao povo gaúcho, tu acreditas que houve mudanças no perfil e identidade a partir do abandono do campo, do acesso à educação, e da ascensão econômica?

- a) Sim, houveram mudanças e a relação com a cultura gaúcha se dá de forma diferente do que antigamente, que antes passava pela experimentação direta na lida diária e hoje é revivida em datas comemorativas.
- b) Sim, o povo se modernizou e ainda têm a mesma relação com a cultura gaúcha, conservando costumes tradicionais como assar uma carne e cevar um mate.
- c) Não, o perfil do povo gaúcho se mantém o mesmo, com o mesmo contato com o êxodo rural e com os mesmos hábitos e costumes ligados a lida campeira diária.
- d) O perfil do povo gaúcho é indiferente para o nativismo, na verdade o que importa para os compositores e músicos é o lirismo e o universo poético dos tempos de ouro do regionalismo gaúcho.
- e) Outro: